



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MAYCON EMÍLIO VICENTE ALVES

ENTRE OS CAMPOS E OS ESCRITOS:
discurso e representação acerca da narrativa de brasilidade no
futebol (1938- 1951)

MARIANA

2021

MAYCON EMÍLIO VICENTE ALVES

ENTRE OS CAMPOS E OS ESCRITOS:

**discurso e representação acerca da narrativa de brasilidade no futebol
(1938- 1951)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Linguagem.

Orientador: Dr. Luciano Magela Roza.

MARIANA

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A474e Alves, Maycon Emilio Vicente.

Entre os campos e os escritos [manuscrito]: discurso e representação acerca da narrativa de brasilidade no futebol (1938- 1951). / Maycon Emilio Vicente Alves. - 2021.

112 f.: il..

Orientador: Prof. Dr. Luciano Magela Roza.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Futebol. 2. Relações Raciais . 3. Brasilidade. 4. Discursos. I. Roza, Luciano Magela. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 93/94

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maycon Emilio Vicente Alves

Entre os campos e os escritos: discurso e representação acerca da narrativa de brasilidade no futebol (1938-1951)

Dissertação apresentada ao Programa de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de mestre

Aprovada em 10 de março de 2021

Membros da banca

Prof. Dr. Luciano Magela Roza - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. André de Lemos Freixo (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Itacir Marques da Luz (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira)

Luciano Magela Roza, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 10/03/2021



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Magela Roza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/05/2021, às 11:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0168529** e o código CRC **D9975F42**.

Dedicado a meus pais, com amor.

AGRADECIMENTOS

*“Minha Família, meus amigos, minha fé
A vocês devo tudo...
Obrigado meu povo por fortalecer
Beijos no coração. Gratidão!
[...] Obrigado a todos que me deram moral”
Xande de Pilares*

Gratidão! Esse sentimento nobre que significa reconhecer o que o outro faz pela gente. Gesto simples, mas poderoso!

Agradeço à CAPES, pelo fomento e apoio! Sem a bolsa, acredito que o mestrado seria muito difícil de se realizar. As condições materiais para o desenvolvimento da pesquisa são imprescindíveis.

Em nome de toda a educação pública, meu local de origem, agradeço imensamente à Universidade Federal de Ouro Preto por todo aprendizado! Meu muito obrigado também ao Programa de Pós-Graduação em História pelo apoio durante essa jornada.

Agradeço, de modo especial, a meu amigo e orientador professor dr. Luciano Magela Roza, pela parceria que se iniciou antes mesmo do mestrado. Gratidão sempre, mestre!

Agradeço aos professores doutores Itacir Marques e André Freixo, pelo aceite em compor a banca de defesa do mestrado. A contribuição de vocês é muito valiosa. Ao professor dr. Jefferson Queler, por compor a banca de qualificação, bem como pela excelente disciplina ministrada no PPGHIS/UFOP. E ao amigo professor dr. Erisvaldo Santos, por tamanha contribuição e ensinamentos sobre relações étnico-raciais.

De modo carinhoso, agradeço a minha mãe, Aparecida Fátima, mulher incrível que sempre acreditou em meus sonhos, até quando eu não acreditava. Obrigado pela educação, amor e exemplo de ser humano. A senhora sempre me dá forças. Amo você mil milhões!!!

Agradeço a meu pai, Marcos Alves, pela educação, brincadeiras, amor e ensinamentos. O senhor me ensinou o significado da palavra amizade e serei eternamente grato por isso. Tenho em mim que os anos passam e a gente se conhece cada vez mais e melhor.

Agradeço a minhas queridas irmãs, por sempre me apoiarem e estarem ao meu lado em todas as decisões de minha vida. Vocês são exemplos para mim. Sou eternamente grato por

tudo o que fizeram e fazem pelo seu irmão aqui. Tenho certeza de que as melhores irmãs do mundo se chamam Danielly Cristina e Gabriela Carolina. Amo muito vocês!

Agradeço a meus avós paternos Geraldo e Zulmira (*in memorian*), e maternos Milton e Hilda (*in memorian*) pelo apoio, incentivo e amor incondicional que sempre demonstraram por mim.

Agradeço a minha querida companheira, Bárbara Amaral Liguori, pela parceria, amor e paciência. Você ouviu todos os meus lamentos e esteve comigo durante minhas inseguranças, leu e releu esse texto muitas vezes, sou imensamente grato por ter segurado minha mão. Tudo é pouco para você, minha linda! Saiba que aquele abraço vive em mim!

Agradeço também a meu grande amigo e primo, Heitor Vinicius Alves da Silva, pela grande amizade e por todas as nossas conversas. Ao irmão que a vida me deu, Bené Roberto, agradeço a parceria e amizade ao longo de todos os anos de UFOP. Meu carinhoso agradecimento ao amigo Pará, pelas conversas, trocas e ensinamentos e contribuições. Agradeço também ao Felipe Alves, amigo que sempre me incentivou, ensinou e acreditou em mim. Ao Luiz Gustavo, pelas trocas, apoio e amizade. À Carolina Machado, pelas contribuições, conversas e amizade que se formou ao longo do mestrado. Por fim, agradeço à República Sé, por acompanhar minha trajetória, mas também pelas festas, almoços e reuniões, tão necessárias nesse processo solitário do mestrado.

“Um negro sempre será um negro,
Chame-se pardo, crioulo, preto, cafuzo, mulato ou moreno-claro

Um negro sempre será um negro:
Na luta que assume pelo direito ao emprego
E contra a discriminação no trabalho

Um negro sempre será um negro:

Afirmando-se como ser humano

Na luta pela vida”

(Jorge Posada)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo analisar três narrativas que possuem como tema negros no futebol brasileiro, quais sejam: o livro de Mário Filho, *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, publicado em 1947; seu prefácio à primeira edição, escrito pelo sociólogo Gilberto Freyre; e *Foot-ball Mulato*, com publicação em 1938, também do sociólogo. Busca-se compreender como a construção das narrativas está relacionada ao período em que foi produzida, com o intuito de entender como tais histórias têm potencial para colaborar com a ideia de democracia racial. A análise das narrativas é feita de duas formas: a primeira, a partir da categoria de representação, a qual foi utilizada para perceber como os textos criam representações acerca do jogador negro e como essas imagens criadas foram expostas nas narrativas. A segunda é a partir da categoria de discurso, onde tenta-se notar como os autores produzem discursos a respeito de uma brasilidade que tem função de afirmar o Brasil enquanto um país democrático racialmente.

Palavras chaves: futebol; relações raciais; brasilidade; discurso; representação.

ABSTRACT

This master's thesis has as main goal to analyze three narratives on the history of black people in Brazilian soccer, which are the book by Mário Filho, *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, published in 1947; its foreword to the first edition, written by sociologist Gilberto Freyre; and *Foot-ball Mulato*, published in 1938, also written by the sociologist. We aim to understand how the narratives construction is related to the period in which they were produced, as a mean to understand how these perceptions have potential to collaborate with the idea of racial democracy. The analysis of the narratives is made in two ways: the first, from the category of representation, which was used to perceive how the texts create representations about the black player, and how these images were exposed in the narratives. The second, from the category of discourse, in which we attempt to perceive how the authors produce discourses on a brazilianity that has as main function to affirm Brazil as a racially democratic country.

Keywords: soccer; racial relations; brazilianity; discourse; representation.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1: A questão racial e a construção da identidade nacional: futebol, negros e o varguismo	18
1.1 Pontapé inicial: uma revisão bibliográfica sobre o futebol	18
1.2 Getúlio Vargas e o ambiente de criação do imaginário mestiço	35
1.3 O debate racial e a Lei Afonso Arinos: um país que nega o racismo e cria uma lei para combatê-lo	50
Capítulo 2: Mário Filho e seu o livro <i>O Negro no Foot-ball Brasileiro</i>: a construção de uma narrativa em prol da harmonia racial	61
2.1 Quem foi Mário Filho?	61
2.2 O livro <i>O Negro no Foot-ball Brasileiro</i>	67
Capítulo 3: Gilberto Freyre e Mário Filho: a construção de um discurso sobre a brasilidade a partir do futebol	72
3.1 Gilberto Freyre e o discurso de brasilidade em <i>Foot-ball mulato</i> e no prefácio à primeira edição de <i>O Negro no Foot-ball Brasileiro</i>	72
3.2 Mário Filho e <i>O Negro no Foot-ball Brasileiro</i> : a construção de uma narrativa ..	84
Considerações finais	105
Referências bibliográficas	108

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, tenho como objetivo descrever como a conjuntura dos anos de 1938-1951 desenvolveu um sentimento de pertencimento nacional que se apoiou no futebol e o utilizou como um meio para um fim. Esforço-me para demonstrar como as narrativas de Mário Filho, em seu livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, e de Gilberto Freyre, em *Foot-ball Mulato*, criam discursos que convergem com a ideia de que, no Brasil, experienciava-se um paraíso racial. Busco também compreender como as narrativas de ditos autores criaram formas de representação que estão fundamentadas a partir da estereotipagem.

Com este estudo, pretendo contribuir com reflexões sobre como a ideia de brasilidade foi construída no Brasil e fortemente difundida a partir do governo de Getúlio Vargas, que utilizou o futebol para confirmar tais traços. A ideia de um futebol mulato ou de um jeito abasileirado de praticar o ludopédio pode estar no cerne deste projeto. Projeto esse que se apresenta com caráter universalista, apropriando-se de traços de diversas culturas, especialmente da afro-brasileira.

Ao longo da pesquisa, mostro como o futebol, no Brasil, não é uma prática social isolada, e como está imersa em uma sociedade atravessada por tensões raciais. Nesse sentido, parece não ser possível que o futebol seja uma ilha rodeada por ambientes e experiências racistas e que somente este esteja livre de tais experiências. Assim, demonstro, a partir da narrativa dos dois autores, como o futebol é sim um ambiente racializado e cheio de tensões desta natureza.

No anseio de somar à luta antirracista e ao estabelecimento de justiça racial em nosso país, segue esta pesquisa. Compreendo que para a efetivação da justiça, é preciso realizar diversas ações, e uma delas é a reflexão teórica. Desse modo, sem tirar a importância de políticas públicas que convertem o Brasil em um país mais justo racialmente, colaboro com tal reflexão. Assim, parto das seguintes inquietações: o que torna a questão racial tão complexa de ser abordada ainda na atualidade? O que torna esse debate tão insubmisso em nosso país, sobretudo, nos últimos anos? Mais de meio século após a primeira legislação criada para combater o racismo no país, a Lei Afonso Arinos, ainda vivemos situações de negação da sua existência. Um caso que exemplifica essa situação, por exemplo, ocorre quando o presidente da Fundação Palmares questiona a existência do racismo na sociedade brasileira, fato ocorrido em

novembro de 2019.¹ Nesse sentido, faz-se necessário fomentar o entendimento do que é racismo e compreender as facetas dessa estrutura que se formou também em terras brasileiras.

O estudo do racismo a partir do futebol – tema que atravessa essa pesquisa – se mostra ainda muito importante, uma vez que, segundo reportagem do site Globo Esporte, a temporada do ano de 2019 registrou recorde de casos de racismo no futebol brasileiro: “de acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, houve um crescimento de 27,2% em relação a 2018, registrando 56 ocorrências de injúria racial em 2019”.² Nessa lógica, é de suma importância compreender o que é racismo e por quais razões insiste em permanecer na sociedade brasileira. O futebol brasileiro é um espaço fortemente racializado, o qual, historicamente, lidou com o racismo, em alguns momentos negando, e em outros evidenciando e combatendo. Indispensável dizer que o esporte, sobretudo o futebol, não são os únicos espaços com presença de racismo, uma vez que este se mostra presente nos diversos espaços da experiência social.

Minha aproximação com o tema surgiu ainda durante a graduação, quando participava do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da UFOP (PIBID/CAPES), subprojeto História, com eixo central focado em educação para as relações étnico-raciais, no ano de 2014. Trabalhava em um grupo que atuava com uma turma do sétimo ano de um colégio municipal. Com algumas dificuldades de inserir a temática para crianças de 11 anos, procuramos trabalhar com algo que pertencesse a sua realidade, e o futebol se mostrou muito oportuno para falar sobre relações raciais, racismo e discriminação; ou seja, trabalhar com a história dos negros no futebol brasileiro. Na ocasião, realizamos muitas pesquisas e estudos sobre essa temática. Desde então, o interesse em estudar as relações raciais no Brasil através do futebol me acompanha.

Uma segunda motivação para essa pesquisa surgiu devido a inúmeros casos de racismo, recorrentes nos últimos anos, envolvendo jogadores brasileiros. Mais especificamente, nasce ainda no começo de minha graduação, no ano de 2014, quando dois casos de racismo ganharam repercussões protuberantes. O primeiro caso ocorreu contra o jogador brasileiro Daniel Alves, quando em um jogo entre Barcelona (antigo clube do atleta) e Villareal, em abril de 2014, pelo

¹ Para saber mais sobre afirmação da inexistência do racismo pelo presidente da Fundação Palmares, ver: Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/11/27/interna_politica.809699/presidente-da-fundacao-palmares-nega-racismo-e-pede-fim-do-movimento.shtml>. Acesso em: 15 de jun. de 2020. Acesso em: 10 de set. de 2020.

² Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/temporada-de-2019-registra-recorde-de-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro.ghtml>>. Acesso em 28 de jun. de 2020.

Campeonato Espanhol, um torcedor arremessou uma banana no jogador brasileiro. Este ato contra jogadores negros era uma nociva realidade do futebol mundial naquele momento. Na ocasião, Daniel Alves pegou a banana e a comeu em resposta ao ato racista. O mesmo caso foi noticiado em todo o mundo esportivo.³

O segundo caso, ocorrido no mesmo ano, porém em terras brasileiras, chamou-me ainda mais a atenção. Com muita repercussão, a injúria racial sofrida pelo goleiro Aranha, no jogo da Copa do Brasil em agosto de 2014, ganhou projeções que me aproximaram dessa área de pesquisa. O jogo era entre Grêmio e Santos (time em que atuava Mário Lúcio Duarte Costa, o Aranha), e, a partir de determinado momento da partida, torcedores do Grêmio começam a ofender racialmente o goleiro, gritando ofensas tais como “preto fedido”, “cambada de preto”, “macaco”, e ainda emitindo sons e barulhos imitando o animal. A equipe do Grêmio foi punida com a eliminação da competição e os torcedores flagrados pelas câmeras de televisão foram processados.⁴

A década de 1930 é um momento em que o Brasil começa a passar por algumas reviravoltas do ponto de vista político, social e cultural. É fomentado em nosso país certa noção de brasilidade, ou seja, apropriação de características das etnias afro-brasileiras e sua transformação em símbolo nacional. Nesse período, surgiram diversas narrativas que propagavam a brasilidade por meio do futebol. Esta pesquisa se propõe a estudar tais narrativas a partir de duas categorias: representação e discurso – a primeira para apurar como, dentro da ideia de brasilidade, foram criadas representações variadas de jogadores negros, buscando notar quais eram os sentidos criados por elas. Do mesmo modo, perceber como o discurso produzido dentro dessas narrativas contribuiu para propagandear palpites, concepções e significados que convergiam ao ideal de um Brasil que se tornava mais democrático e harmônico racialmente.

Com objetivo de investigar, de forma mais profunda, as narrativas criadas por Mário Filho no livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, e por Gilberto Freyre no artigo *Foot-ball Mulato* e no prefácio à primeira edição do livro de Filho, busco destacar como a ideia de democracia racial foi desenvolvida tendo o futebol e os jogadores negros como elementos fundamentais nessas narrativas.

³ Para saber mais sobre o ocorrido com Daniel Alves, ver: Disponível em: <<https://esporte.ig.com.br/futebol/2014-04-27/daniel-alves-come-banana-atirada-contra-ele-em-jogo-do-barcelona-em-villarreal.html>>. Acessado em: 26 de jun. de 2020

⁴ Para saber mais sobre o ocorrido com Aranha, ver: Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gremio-e-aranha-uma-historia-de-racismo-perverso-e-continuado/?gclid=CjwKCAjwxev3BRBBEiwAiB_PWD1bOfPcNVMs3YixDCIEJT1dXfEg4jcS6c4MCU59TG_YrQ799ncsvYxoCyrMQAvD_BwE>. Acesso em 26 de jun. de 2020.

A escolha de analisar Mário Filho se dá pelo fato de sua obra influenciar o ambiente que envolve o futebol. Será mostrado ao longo do texto como o jornalista teve uma trajetória de influência que ecoa até a atualidade. Nesse sentido, voltar ao texto de Filho se mostrou apropriado. Outra razão é que os discursos criados pelo jornalista a respeito da brasilidade funcionam como uma “porta de entrada” para acessarmos o contexto dos anos em que o autor produz sua obra, a década de 1940. Nesse sentido, os escritos de Freyre selecionados para este estudo também convergem ao objetivo de alcançar as ideias que circulavam no país a partir de 1938, quando escreve *Foot-ball Mulato*.

Os textos de Filho e de Freyre não são inéditos em estudos que buscam compreender o futebol na primeira metade do século XX. Todavia, não foi encontrada, em tais pesquisas, uma abordagem que considerasse as representações criadas pelos autores e as associasse aos discursos que são criados a partir de suas narrativas. Desse modo, esta pesquisa ganha relevância acadêmica por propor tal análise.

A relevância social também se faz presente, uma vez que a discussão traçada nesta pesquisa contribui para a história social brasileira, sobretudo, no que diz respeito às reinterpretações da história com um olhar voltado para as relações étnico-raciais existentes no Brasil, na primeira metade do século XX, especialmente entre os anos de 1938 e 1951.

Nesse aspecto, é importante ressaltar o entendimento de que a História é concomitantemente a ciência do passado e do presente, e por isso o fazer historiográfico deve, em alguma medida, corresponder aos anseios da contemporaneidade. Portanto, a escolha desta temática de pesquisa é também por inquietações do presente, no tocante às desigualdades entre grupos sociais distintos, neste caso, as pessoas negras no Brasil.

Este texto é dividido em três capítulos, nos quais procuro dar sentido para essa pesquisa. No primeiro capítulo, procuro construir um mapa sobre a bibliografia brasileira que trabalha com futebol, sobretudo sob os aspectos de raça e identidade nacional que se aproximam do recorte de tempo proposto nesse trabalho, a saber: 1938-1951. Além do mapeamento, demonstro como o período de recorte contribuiu para o ideal de brasilidade e como as escritas de Filho e Freyre estão imersas em seu contexto e dialogam com seu tempo. Apresento também um debate sobre relações raciais e a criação da Lei Afonso Arinos, como um país que não se considera racista, a ponto de servir como laboratório de pesquisas sobre relações raciais, com intuito de estudar o exemplo que o Brasil, supostamente seria, cria uma lei que criminaliza a discriminação racial.

No segundo capítulo, apresento o principal personagem da pesquisa, Mário Rodrigues Filho, jornalista, amante de futebol e autor do livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro* – uma importante narrativa para acessarmos a mentalidade da elite carioca que, assim como seu escritor, pregava discursos polissêmicos. Busco demonstrar como Mário Filho foi um sujeito articulado que circulou em variados grupos da sociedade fluminense na década de 1940.

No capítulo três, debruço-me sobre a análise das narrativas selecionadas, buscando evidenciar os possíveis sentidos a que estas se prestam, mormente pensando em como as representações e os discursos criados por Mário Filho e por Gilberto Freyre sugerem a ideia de democracia racial, um ideal e um mito criado no Brasil a partir, também, da propagação da identidade nacional.

Destaco que esta pesquisa não tem intenção de medir o alcance das narrativas de Mário Filho e Gilberto Freyre, uma vez que se preocupa apenas em notar como estas foram criadas. Inclusive, não é possível medir seus impactos, pois não há, neste estudo, fontes para responder a essas perguntas. Saliento que pesquisar sobre a reverberação do livro de Filho, seu prefácio, e o artigo de Freyre é um trabalho que permanece em meu horizonte.

Como metodologia, o trabalho é desenvolvido a partir da análise das seguintes fontes primárias: um livro, um texto de prefácio e um artigo de jornal. Ao analisar os documentos, tive a preocupação e o cuidado de evitar a perspectiva de que as fontes contemplassem ao máximo o debate sugerido, evitando o que historiador Rafael Lapuente desenvolve sobre os aspectos de trabalhar com fontes de jornal impresso, visão que se estende a qualquer análise de documentação. O autor afirma que

“[...] para análise de qualquer fonte: a ideia de realizar uma pesquisa com resultados pré-concebidos, que invariavelmente tendem a levar o estudo a uma vulgarização. Pensamos que, dessa maneira, o historiador procura não uma investigação, mas apenas corroborar e confirmar aquilo que ele mesmo já elencou como “verdade”.⁵”

Dessa forma, busquei investigar, a partir do destaque dado às narrativas de Filho e de Freyre, caminhos para analisar as representações e os discursos presentes nos textos. A fim de contribuir com novas formas de apreensão sobre o discurso de brasilidade que está presente nos textos daqueles autores. Compreendendo que o ofício do historiador depende enormemente do

⁵ LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos.** In: **10º encontro nacional de História da Mídia**, 10., 2015, Porto Alegre: 2015. p. 4. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=>>>. Acessado em 19 de jul. 2019.

estudo das fontes, pode-se dizer que há um trabalho, entre tantos outros, de atribuição de sentido às palavras, caminhando na direção da busca por respostas para a seguinte questão: o que fazia o autor, quando falava ou silenciava algo naquele momento histórico? É a partir dessa perspectiva que se desenvolve este trabalho.

CAPÍTULO 1:

A QUESTÃO RACIAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: FUTEBOL, NEGROS E O VARGUISMO

Este capítulo apresenta um panorama acerca dos principais textos que tratam a respeito da história do futebol brasileiro, enfatizando os trabalhos fundamentais para que seja possível pensar a construção da narrativa de uma identidade nacional forjada com base em um ideal harmônico, que universaliza as experiências dos sujeitos que viviam o contexto dos anos de 1938-1951. Será apresentado também como o período conhecido como *varguismo* foi imprescindível para a difusão e propagação do ideal de que havia, no Brasil, uma pátria mestiça.

1.1 PONTAPÉ INICIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O FUTEBOL

Este tópico tem intenção de contribuir com o campo da História que estuda o futebol, destacando as principais características dos trabalhos historiográficos que têm esse esporte como objeto de pesquisa e que o abordam a partir da ótica das relações raciais e/ou como parte essencial para a formação da identidade nacional. Ao lidar com trabalhos que estudam o futebol a partir de um viés histórico, é possível identificar uma diversidade de temas, tais como: futebol e política, futebol e identidade nacional, futebol e mídia, futebol e cultura, futebol e raça, dentre outros. Diante da diversidade temática interna à historiografia do futebol, focamos nos trabalhos que dialogam mais diretamente com a investigação desenvolvida.

Realizo nesta parte do trabalho um balanço bibliográfico que privilegia produções entorno da historiografia do futebol. No entanto, este levantamento não se restringe a produções exclusivamente do campo da História. Utilizo também estudos de áreas como Sociologia, Antropologia e Jornalismo, nas quais se tornou comum pesquisar e estudar o esporte futebol sobre prismas diversificados.

Drumond *et al*⁶ apresentam algumas das principais obras⁷ dentro da história do futebol brasileiro, com o objetivo de marcar as produções ao longo do século XX e tecer reflexões

⁶ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. **A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões**. Revista Tempo, v. 17, n. 34. Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo, 2012.

⁷ Dentre as obras selecionadas pelos autores estão: **O verbete de desportos do Dicionário Histórico, Ethnográfico e Geográfico do Brasil**, escrito por Roberto Trampowski Junior e Francisco Calmon; Grandezas

conceituais e metodológicas⁸, buscando evidenciar como foi construída a memória do futebol por aqueles que a escreveram. É oportuno destacar esse texto porque ele caminha na direção do que se pretende esse capítulo – mapear os estudos sobre a história do futebol. Contudo, minha intenção está além de apontar os textos que abordam as origens do esporte no Brasil, uma vez que procuro destacar estudos a partir das temáticas de raça e racismo e a formação da identidade nacional via futebol.

No que diz respeito ao meio esportivo, o período de 1938 a 1951 foi marcado por questões políticas e raciais⁹, tais como a tentativa de Getúlio Vargas em controlar o futebol e a ascensão de atletas negros aos grandes clubes brasileiros. Quando procuro pelos estudos acerca do futebol, no recorte mencionado, é comum encontrar trabalhos que versam sobre os temas política e raça. O primeiro está bastante ligado à formação da identidade nacional, pensada e estimulada pelas políticas culturais e esportivas varguistas; o segundo, ao debate da inserção dos atletas futebolistas negros, vários deles dando ênfase à figura de Leônidas da Silva.

Ainda sobre as relações entre futebol e política, é possível afirmar que o futebol foi utilizado por diversos atores sociais, tais como a imprensa, as classes políticas e os torcedores, com a finalidade de arquitetar um sentimento de pertencimento e de identidade nacional no Brasil, durante as décadas de 1930 e 1940. Souza (2008) questiona a ideia de que a construção da identidade nacional ocorreu de forma unilateral, como uma ação capitaneada apenas pelo Estado. O autor defende que o papel fundamental da população na reprodução e circulação de tal perspectiva identitária. A esse respeito, Ferreira (2008), no prefácio do livro *O Brasil entra em campo!* afirma:

Não se tratou de um processo de mão única, em que o Estado, de cima para baixo, impôs suas políticas públicas à sociedade. A via foi de mão dupla, permitindo que o Estado respondesse a anseios e demandas da própria sociedade – que também foi protagonista do processo de oficialização dos esportes.¹⁰

e mazelas do nosso futebol, escrito por Floriano Peixoto Correia; **O Negro no Foot-ball Brasileiro**, escrito por Mário Filho; **História do Futebol no Brasil**, escrito por Thomás Mazzoni; **História Política do Futebol Brasileiro**, escrito por Joel Rufino Dos Santos.

⁸ Os autores realizam revisão bibliográfica e buscam explicitar como a memória sobre o futebol foi elaborada por aqueles que “seguravam a caneta” na escrita de suas histórias.

⁹ A respeito do contexto dos anos 1938 a 1951, ver: WISNIK, José Miguel. *A Elipse: O futebol Brasileiro*. In: **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**, 2008.

¹⁰ FERREIRA, Jorge. Prefácio, p 14. In: SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008, 221 p.

Nesse contexto, o futebol foi meio para um fim, pois é a partir dele que se tenta contribuir para a construção de uma ideia de harmonia na sociedade brasileira. Isso pode ser observado ao comparar o selecionado brasileiro antes da Copa do Mundo de 1938 de uma lado, o qual era majoritariamente composto por jogadores brancos, marcando o elitismo da equipe ao apresentar uma seleção que se distanciava de grande parte da população brasileira – marcadamente preta e parda; com a Copa do Mundo da França do outro, a primeira competição em que o time era completamente mestiço, composto por vários jogadores negros. Essa nova composição do time, com a entrada de atletas como Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, criou uma roupagem mais popular, característica que foi usada para corroborar com a ideia de um Brasil representado racialmente de acordo com as características de seu povo e unidos com um sentimento de nação através da seleção.

Após a competição [copa do mundo de 1938], firmaram diversas representações de futebol e de identidade nacional que perduraram até os dias de hoje: “futebol-arte”, “pátria em chuteiras”, “Brasil, país do futebol” e outros. O Estado esteve presente nesta construção, mas não somente o Estado. A imprensa esportiva também desempenhou um importante papel. Mas o quadro não estaria completo se não contássemos com a participação das pessoas humildes, do simples torcedor, dos trabalhadores em geral, que tinham concepções diversas sobre nação e identidade nacional, mas, nem por isso menos importantes.¹¹

No debate sobre a construção da identidade nacional, destacam-se, além de Denaldo Souza (2008) e Jorge Ferreira (2008) – ambos citados acima – os estudos de Simoni Guedes (1977), de Fabio Franzini (2000) e de Felipe Machado (2019). Estes são autores que trabalham sob a ótica da formação da identidade nacional a partir do futebol.

Ao pesquisar o futebol no Brasil, de modo geral, não é possível deixar de lado a inserção e participação dos jogadores negros. Como já mencionado, no começo de sua prática em nosso país, assim como no remo e no turfe, tal esporte era um espaço reservado às elites e restrito a poucas pessoas. Portanto, no momento que ocorre a inserção de jogadores negros em clubes e, principalmente, na seleção brasileira, tem-se também marcada a ideia de “democratização do esporte”. Esse pensamento contribuiu para a construção da identidade nacional, muito difundida entre os anos de 1938-1951. Pensando na escrita da história do futebol, o ensaio sociológico produzido por Mário Filho em 1947 é uma das principais produções que debatem a inserção dos jogadores negros nesse esporte. Com a publicação da primeira edição do livro *O Negro no*

¹¹ SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008, p. 18.

Foot-ball Brasileiro (1947), o autor tem a intenção de compilar a história do futebol no Brasil, destacando a trajetória do jogador de futebol negro desde a chegada do esporte no país até o momento de sua ascensão, supostamente marcada pelo bom desempenho de Leônidas da Silva na Copa do Mundo da França.

No que concerne à escrita sobre a história do futebol no Brasil, é possível separá-la em gerações, cujos jornalistas Mário Filho e seu contemporâneo Thómas Mazzoni estariam localizados na segunda geração de autores. O destaque aos dois se deve porque ambos escrevem no período de recorte dessa pesquisa (1938-1951) e ambos produziram ensaios de caráter sociológico sobre o futebol no Brasil. Essa geração tem como característica a produção fora das universidades, e, portanto, seus textos não são obras acadêmicas. Tal grupo foi influenciado por aqueles que ocuparam a posição dianteira e primeiro escreveram sobre o futebol no Brasil, uma vanguarda marcada por escritores como Roberto Trampowski Junior e Francisco Calmon, que escreveram dois textos que compunham o verbete de “Desportos” do *Diccionario Histórico, Ethnographico e Geográfico do Brasil* organizado pelo IHGB, com publicação no ano de 1922.

É fundamental perceber que desde as primeiras publicações sobre os desportos e o futebol no Brasil, os textos tinham como plano de fundo a formação miscigenada do povo brasileiro. Trompowsky escreve que é somente em 1894 que a “fórmula desportiva capaz de operar o milagre de uma transformação necessária e profunda nos hábitos, na educação da mocidade” é inserida, a partir da “introdução do *foot-ball*”, o “desporto-*leader*”.¹² Este seria o “desporto mais assimilável, mais adaptável aos caracteres ingênitos, físicos e psíquicos da mocidade brasileira, entre os quais avultam a nervosidade latina e a combatividade indígena.”¹³

Chama a atenção que a história do futebol brasileiro, até a década de 1970, era substancialmente escrita fora das universidades, com autoria majoritária de jornalistas – Max Valentim e Paulo Várzea – e ex-atletas – Floriano Peixoto Correa –, como é o caso do livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Uma possível explicação, que ainda cabe ser averiguada, está no fato de na primeira metade do século XX, o futebol ser marcado por um percurso marginal no que toca aos estudos científicos, isso porque era considerado, pela elite, um elemento alienante e próprio das culturas de massa.

Outra produção que influenciou a geração dos anos de 1940/1950 que escreveu sobre futebol foi o livro de Floriano Peixoto Correa, *Grandezas e misérias do nosso futebol*, publicado

¹² DRUMOND et al. 2012, p. 22, Apud Roberto Trampowsky Junior, Francisco Calmon, “Desportos”, In: **Diccionario histórico, ethnographico e geographico do Brasil**, Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 2, 1922, p. 412-418.

¹³ *Ibidem*, p. 413.

no ano de 1933. Nessa obra, o autor, que também foi jogador amador de futebol nos anos de 1920, uma vez que ainda não tinha sido instituído o profissionalismo do futebol no país, traz um pouco da vida dos jogadores na época do futebol amador e o impacto da miscigenação para a formação do jogador de futebol brasileiro, destacando a função da elite nas estruturas políticas no futebol do Brasil e denunciando as adversidades deste esporte.¹⁴

A respeito da obra de Floriano Peixoto Correa, Drumond *et al* comentam:

O livro *Grandezas e misérias do futebol brasileiro* deu ao esporte a direção das discussões políticas e social mais amplas em curso na sociedade brasileira, tratando-se de uma obra fundamental [...] que influenciou sobremaneira as gerações futuras.¹⁵

No que tange aos escritores da segunda geração, Mário Filho foi aquele que, provavelmente, teve a maior influência na criação de um imaginário de um país harmônico e mestiço, que ainda hoje é responsável por marcar a identidade do futebol brasileiro, pois afirma que sua obra era incontestável, pois não teria criado fatos. O autor diz “eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, comprova-lhe a veracidade por averiguações exaustivas.”¹⁶ E ainda resume o eixo central de seu livro: “o futebol apagara a linha de cor. O Clube esquecendo-se de que tinha preto no time, o preto esquecendo-se, de não se lembrar mesmo, que era preto”.¹⁷

Tomás Mazzoni, italiano radicado brasileiro, teve como pauta de suas pesquisas preocupações com a origem do futebol no Brasil. Nas palavras do autor, sua obra “não se trata, pois de nenhuma história produzida pelo método ‘ouvimos dizer’, ou nos contaram assim e assado”.¹⁸ Essa afirmação tem intenção de destacar e diferenciar seu método daquele do jornalista Mário Filho, que utilizou relatos orais para construir sua narrativa sobre o futebol brasileiro/carioca. Mazzoni ainda afirma utilizar documentos que se mostravam mais “confiáveis como notícias de jornais” e uma “biblioteca especializada”.¹⁹

¹⁴ Para ver mais sobre o impacto da miscigenação no futebol no período em que passa do amadorismo para o profissionalismo, ver: CORREIA. **Grandezas e misérias do nosso futebol**, Rio de Janeiro. Flores e Mano Editores, 1933.

¹⁵ DRUMOND et al., 2013, p. 23.

¹⁶ RODRIGUES FILHO. **O Negro no Foot-ball Brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, s/p.

¹⁷ Essa frase se encontra somente na segunda edição do livro, publicada no ano de 1964, no entanto tem potencial para significar a também a primeira edição, em síntese a tese de Mario Filho continua sendo a mesma: o futebol superou o racismo.

¹⁸ MAZZONI, Tomás. **História do Futebol no Brasil (1894-1950)**. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 11.

¹⁹ *Ibidem*.

O jornalista italiano esteve preocupado em buscar meios de comprovar que o começo do futebol brasileiro está ligado à chegada de Charles Miller e, portanto, o berço do futebol no Brasil é paulista. Conforme o autor, seus fundamentos e pesquisas tem “elementos que iniludivelmente nos autorizam a afirmar que São Paulo é a pioneira do futebol pátrio”.²⁰

Reafirmando o interesse em pesquisar a produção de Mário Filho, identificada como *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, nesse momento se faz necessário mapear as obras basilares que criaram a história do futebol no Brasil, e é preciso dizer que, por mais que o objetivo seja estudar o futebol entre os anos de 1938 e 1951, as décadas de 1970 e 1980 tiveram importantes contribuições sobre a história deste esporte.

A primeira dissertação cujo objeto de pesquisa foi o futebol data de 1977. O texto de Simoni Guedes, intitulado *O futebol brasileiro: instituição Zero*, e defendido no Museu Nacional, é uma referência importante, um dos trabalhos pioneiros sobre esse esporte, e evidencia a aproximação entre universidade e futebol, que aconteceu somente na década de 1970, marcado pela publicação de Guedes.²¹

Duas décadas mais tarde, em 1998, a mesma autora publica um livro com o título *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*, reunindo vários de seus estudos sobre futebol. No texto, Guedes coloca o futebol como um dos agentes da identidade nacional brasileira, investigando, de modo cirúrgico, os aspectos que o conduziram para o debate a respeito das características da cultura e sociedade brasileira.²²

Em uma comunicação apresentada no VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, na cidade do Porto, em Portugal, em setembro de 2000, Guedes pontua:

O futebol tem se constituído em vários países do mundo e, particularmente no Brasil, em um campo de debates acerca da nação e do seu "povo". As avaliações do desempenho dos selecionados nacionais dão margem a definições de realidade nas quais, muitas vezes sob a aparência de neutras análises técnicas e táticas, viajam inúmeras ideias e valores sobre o Brasil e os brasileiros.²³

²⁰ Ibidem.

²¹ LUDOPÉDIO, Equipe. Simoni Lahud Guedes. **Ludopédio**, São Paulo, v. 08, n.9, 2013. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/simoni-lahud-guedes/>> Acesso em: 10 de nov. de 2020.

²² GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.

²³ GUEDES, S. L. **Que povo brasileiro no campo de futebol?** Razón y Palabra, v. 69, p. 45, 2009, p.1. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/5781/1/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CAMPO%20DE%20FUTEBOL.pdf>> Acesso em: 28 de out. de 2020.

A autora mostra como a difusão do futebol, especialmente no Brasil, criou espaços de sociabilidade e novos territórios de criação de sentido e significado. Isso fez com que o futebol em nosso país se tornasse o esporte nacional, e, de modo simbólico, a prática esportiva com a qual veiculamos as representações coletivas sobre nós mesmos. Entretanto, este é um processo complexo e não linear. Identifico a Copa do Mundo de 1938 como um dos elementos fundamentais para a compreensão do futebol como esporte nacional.²⁴

No ano de 1982, Roberto DaMatta organiza o livro *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, em que firma sua contribuição para os estudos sobre o futebol, e no qual reúne importantes pesquisadores como Simoni Lahud, Arno Vogel e Luiz Felipe Baêta, além do próprio DaMatta. Em resumo, o texto trata sobre representações simbólicas presentes no futebol enquanto fenômeno social. Em seu texto *Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social*, o antropólogo discute como a elite brasileira se apresenta de modo controverso ao considerar o futebol enquanto prática alienante, e faz uma comparação entre os significados que o futebol tem em diferentes sociedades. Mostra como no Brasil o futebol desenvolveu uma especificidade que está mais ligada à ideia de jogo do que em outros países como os EUA e Inglaterra, nos quais os esportes (*soccer, golf, baseball, football*) estão distantes da ideia do *gamble*, algo que se diferencia da prática esportiva em origem.²⁵ Além do livro, DaMatta tem outras produções acerca desse esporte, sempre utilizando a ótica da antropologia para examinar a experiência do futebol em terras brasileiras.²⁶

Na escrita da história do futebol, destaca-se também o historiador Joel Rufino dos Santos, que escreveu, em 1978, um artigo intitulado *Na Confederação Brasileira de Desportos até o papagaio bate continência*, com publicação na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. O texto denuncia a ausência de negros na seleção e aponta, como consequência, uma equipe brasileira mais fraca; destaca também os responsáveis, no caso, a ditadura militar brasileira. Segundo o autor, os militares tentaram controlar a presença dos jogadores negros na seleção. Passados três anos, Joel Rufino publica o livro *História Política do Futebol Brasileiro*, um ensaio que conta a história do futebol brasileiro desde suas origens, em 1894, até os anos

²⁴ A respeito dos elementos que contribuíram para a difusão do futebol como um esporte nacional está também a imprensa esportiva que através dos jornais e do rádio propagam as ideias do “Brasil, o país do futebol”. A esse respeito ver: RIBEIRO, André. **Os donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

²⁵ Para saber mais sobre a imagem do futebol como drama e a visão de ópio do povo, ver: DA MATTA, Roberto. **Ópio do povo ou drama de justiça social**. Novos Estudos, São Paulo. v.1, n.4, p.54-60,1982.

²⁶ Para saber mais sobre a produção de Roberto DaMatta sobre o futebol, ver: Roberto DaMatta. Disponível em <<https://www.ludopedio.com.br/autores/roberto-damatta/>> Acesso em 10 de dez. de 2020.

de 1960, onde, mais uma vez, faz críticas à ditadura militar e ao modelo criado por Mário Filho na obra *O Negro no Football Brasileiro*.²⁷

A década de 1980 teve, ainda, outra produção sobre a história do futebol: a coletânea de estudos organizada, em 1982, por Jose Sebastião Witter e José Carlos Sebe Bom Meihy, intitulada *Futebol e Cultura*. Os autores classificam o futebol como um fenômeno histórico complexo que merece atenções analíticas que vão além dos limites das crônicas. O texto de abertura da coletânea, cujo título é *Para que serve o futebol*, critica veementemente “aqueles que procuraram, ao longo da história, usar o futebol para significar o povo brasileiro incruento, malandrinho, gracioso e democrata”.²⁸

O povo jogador, torcedor driblador, despolitizado e, por isso, “certo”. Autores deste tipo de análises são os intelectuais da elite preocupados em mostrar “democracias”. Rezadores, musicais, e futebolistas são nossos atributos enquanto povo, segundo alguns, mas sem dúvida, o futebol merece outras explicações.²⁹

A indagação final de Meihy sobre a necessidade de entender melhor o futebol foi apresentada nos anos seguintes dentro da historiografia. O futebol, pouco a pouco, passou a ser objeto de estudo e tomou parte dos estudos históricos.

Mostrado o ponta pé inicial da historiografia do futebol no Brasil, destaco a seguir uma parte do debate que aborda dois aspectos importantes para esta pesquisa: o debate de raça e racismo no futebol e a discussão, já apontada, sobre formação da identidade nacional por meio do futebol. O destaque para essas duas questões se dá ao questionarmos o discurso da brasilidade futebolística gestada por Gilberto Freyre desde o *Foot-ball Mulato* e por Mário Filho em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Para tanto, é preciso ter ciência da dinâmica social no qual está inserida a publicação do livro e analisar como se configura a função do discurso de Filho, esse debate será aprofundado no terceiro capítulo.

O discurso de Mário Filho é apoiado por outros intelectuais que estavam à frente de pensar o Brasil e as “transformações socioeconômicas efetuadas pelo governo Vargas”, que, de tal modo, promoveram

²⁷ Para saber mais sobre a posição política na escrita de Joel Rufino dos Santos. Ver: SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

²⁸ DRUMOND et al. 2012, p. 28.

²⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). **Futebol e cultura**: coletânea de estudos, São Paulo, Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982, p. 12.

reflexões profundas acerca da crise da ordem oligárquica e da emergência do Brasil urbano-industrial. O país foi então “redescoberto” por um “conjunto de autores que representaram os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e de seu passado.”³⁰

Nesse movimento, Franzini (2000) aponta nomes como Caio Prado Junior, Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, como autores de obras que impactaram o mundo das ideias no contexto da década de 1940 e 1950.³¹ Dentre tais obras, segundo o autor

Casa-Grande & Senzala que causa maior impacto à época. Ao retomar a temática racial sob a perspectiva teórica da antropologia cultural norte-americana (leia-se Franz Boas), Gilberto Freyre afirmava o papel positivo da mestiçagem na formação da nacionalidade brasileira, invertendo o valor que até então lhe era atribuído pelas teorias e análises sociais formuladas entre meados do século passado e o início deste por autores como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna.³²

Em seu texto *No campo das ideias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística* (2000), Franzini aborda a perspectiva que aponta para uma nova e autêntica ‘identidade coletiva’ marcada, principalmente, pela mestiçagem que, de acordo com Gilberto Freyre, explica-se pelo original traço integrador em sua reinterpretação da História do Brasil. Nesse sentido, o futebol teria atuado em conjunto com esse momento de reviravolta na forma de enxergar o Brasil e seus antagonismos socio-raciais. Neste suposto equilíbrio, estaria a singularidade do povo brasileiro, e a mestiçagem deixava de ser vergonha para ser encarada como orgulho.³³

É coerente dizer que, nos primeiros anos da década de 1940, Freyre firma sua visão sobre o futebol de modo que este seja um dos protótipos, paradigmas e referências do Brasil. No entanto, as proporções e os limites da influência de seu pensamento só serão observados no ano de 1947, quando o jornalista esportivo Mário Filho publica o livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Segundo Filho (1947), seu livro trata sobre o futebol carioca, que pode ser entendido

³⁰ MOTA, Carlos Guilherme. (1977) **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. 3a ed. São Paulo: Ática, p. 28.

³¹ FRANZINI, Fábio. **No campo das ideias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística**. Lecturas: Educación Física y Deportes – Revista Digital. Buenos Aires, año 5, no. 26, octubre de 2000. Disponível em <<https://www.efdeportes.com/efd26a/gfreyre.htm>>. Acesso em: 01 de ago. de 2020.

³² Ibidem, p. 01.

³³ FRANZINI, 2000, p. 02.

como brasileiro, pois os eventos, em essência, aconteceram da mesma forma em todos os grandes centros esportivos do Brasil.

A proposta de Mário filho

toma a presença e o papel do negro como fundamentais para o desenvolvimento do “association” entre nós, vindo justamente no conflituoso processo de integração – ou, nos termos freyreanos, “mistura” – sócio-racial nos gramados a chave para se entender a nacionalização do esporte importado pelas elites.³⁴

A dimensão nacional que tomou o futebol fez com que esse esporte tivesse aceitação por todos os grupos sociais, e que, de acordo com Filho, a consequência foi um novo modo de jogá-lo, isso por causa da “identidade e essência” do ser brasileiro.

O trabalho de Thiago Maranhão (2006) sobre o papel do futebol no pensamento de Freyre a respeito do povo brasileiro contribui para pensar o debate sobre a formação de uma identidade nacional, e sobre o futebol e as relações raciais experienciadas naquele contexto. Para o desenvolvimento de sua análise, o historiador faz uma regressão até o começo da década anterior, os anos de 1930, e o começo das políticas varguistas; e identifica que uma das principais metas de Getúlio Vargas era superar as clivagens causadas pela falta de identificação de grande parte dos habitantes do Brasil para com um sentimento de pertença nacional.³⁵ Esse sentimento de pertença nacional se tornou muito adequado no processo de imaginar uma comunidade brasileira, pois

Foi nesse contexto que Gilberto Freyre surgiu, oferecendo um caminho para (imaginar a nação) brasileira, um modelo de integração para imigrantes e afro-brasileiros, resolvendo assim, o problema: criar naquela gente, o sentimento de fazer parte da nação. [...] O futebol proporcionou um poderoso meio de fomentar, na população brasileira, o sentimento de “pertencer” e propagou as ideias de Gilberto Freyre a respeito de uma bem sucedida, vitoriosa e, por conseguinte, “superior” sociedade mulata.³⁶

O trabalho de Maranhão chama atenção para um aspecto importante dentro da historiografia. Há pouco mais de quinze anos, o autor escrevia: “a questão racial ainda está muito presente na sociedade brasileira e merece especial atenção não só de antropólogos, mas

³⁴ Ibidem, p. 06.

³⁵ MARANHÃO, Tiago. «**Apolíneos e dionisíacos**»: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro». *Anál. Social* [online]. 2006, n.179, p 436.

³⁶ MARANHÃO, 2006, p. 436.

sobretudo de historiadores, em todos seus segmentos”.³⁷ Apesar de ser possível observar uma crescente na discussão negro-brasileira³⁸, a atual conjuntura mostra ser necessário o fortalecimento do debate racial. Perfaz quase duas décadas e o autor traçou a seguinte ideia:

Criou a impressão errônea de que a questão dos negros no Brasil é radicalmente diferente e indubitavelmente menos complexa do que nos Estados Unidos. Nas palavras de José Correia Leite: “nós vamos sendo tragados pela mentira sentimental de que no Brasil não há preconceito, mas continua sendo uma vasta senzala, com alguns negros na casa-grande”.³⁹

O apelo para esse ponto do texto se faz oportuno, pois, no momento que construo essa dissertação, o presidente da República do Brasil deu a seguinte declaração no Dia da Consciência Negra: “Sou daltônico: todos têm a mesma cor”⁴⁰, seguido da seguinte declaração do vice-presidente: “Para mim, no Brasil não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar aqui para o Brasil. Isso não existe aqui.”⁴¹ Nesse sentido, a presente dissertação se torna ainda mais necessária, sobretudo quando os crimes classificados por discriminatórios crescem nos estádios de futebol de todo o país.⁴²

Foi projetado no futebol brasileiro um sentimento de harmonia nacional, onde primeiro se criou, teoricamente, esse sentimento, e depois difundiu-se, efetivamente, na sociedade de modo geral. Esta perspectiva, colocou a comoção nacionalista como um potencial de compor o futebol, tornando-se muito pertinente para colaborar com a imaginação da comunidade brasileira. Pelo fato de o futebol ser um marco identitário brasileiro, produto de um projeto político-cultural liderado pelo Estado, com participação de outros grupos da sociedade civil, como a imprensa e o cidadão, o futebol merece ser considerado, em sua condição histórica e cultural, como fator imprescindível no processo de criação de uma identidade brasileira.⁴³

Na tentativa de compreender como o futebol foi utilizado simbolicamente por diferentes atores sociais na construção da identidade nacional durante as décadas de 1930 e 1940, Souza

³⁷ Ibidem, p. 444.

³⁸ A esse respeito ver: GONÇALVES, et al. **Pensando Áfricas e suas Diásporas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

³⁹ MARANHÃO, 2006, p. 448.

⁴⁰ **Política**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/11/20/bolsonaro-ignora-racismo-no-brasil-sou-daltonico-todos-tem-a-mesma-cor.htm>>. Acessado em: 21 de nov. de 2020.

⁴¹ Ibidem.

⁴² **Futebol**. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/crimes-discriminatorias-crescem-em-70percent-nos-estadios-de-futebol-do-brasil-aponta-novo-levantamento.ghtml>>. Acessado em: 18 de out. de 2020.

⁴³ MARANHÃO, 2006, p. 448.

(2008) aponta que o Estado esteve interessado no controle dos desportos durante o Estado Novo para que firmassem diversas representações em que assimilavam o futebol a uma identidade nacional. Porém, é preciso estar ciente de que esse processo não acontece de forma vertical, de cima para baixo. A experiência da formação da identidade nacional, sobretudo quando considera o esporte como meio para um fim, pode e deve ser entendida como um processo multifacetado em que o Estado divide lugar com a imprensa e com a população.⁴⁴

De acordo com o autor, antes de qualquer coisa é preciso reconhecer que o “futebol é um dado cultural inegável da sociedade brasileira, responsável por manifestações coletivas de grandes proporções”.⁴⁵ A partir dessa afirmação pode-se elaborar a seguinte pergunta: entendendo o futebol como um dado cultural e histórico, quando a relação futebol/população brasileira foi criada?

Na tentativa de contribuir com a reflexão sobre a questão acima, faz-se necessária a compreensão sobre como ocorreu a popularização do futebol no país. A fase inicial do futebol no Brasil é marcada por certo elitismo em sua prática, somente atletas de classes altas, majoritariamente brancos. Um trecho do livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro* ajuda a pensar tal momento:

O jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol. O grande clube sendo uma espécie de universidade. Tudo quanto era professor de futebol ia para lá. Ingleses, brasileiros que tinham estudo na Europa, todo com o seu curso de futebol. Foram eles que trouxeram o futebol para o Brasil, que passaram a diante, formando clubes. Quem começou levando vantagem acentuada. O caso Fluminense.⁴⁶

Somente na década de 1930 é possível dizer que o futebol se torna um esporte popular e passa a ser um dos mais praticados no país. Apesar de outras experiências do selecionado brasileiro existirem antes da Copa do Mundo de 1938, é nesse momento que uma grande euforia se disseminou entre a população brasileira:

Quando a seleção brasileira participa da Copa do Mundo, em nenhuma outra atividade cultural os ideais de patriotismo, de civilismo e de nacionalismo se mostram tão exacerbados. Nesta época, vive-se a experiência da identificação nacional, da qual poucas pessoas conseguem escapar.⁴⁷

⁴⁴ SOUZA, 2008, p 18.

⁴⁵ Ibidem, p. 17.

⁴⁶ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 73.

⁴⁷ SOUZA, 2008, p. 17 Apud GUEDES, 1998, p. 62.

Após a competição [copa do mundo de 1938], se firmaram diversas representações de futebol e de identidade nacional que perduraram até os dias de hoje: “futebol-arte”, “pátria em chuteiras”, “Brasil, país do futebol” e outras.⁴⁸

Resgatando o questionamento acerca da relação feita sobre o futebol enquanto um dado cultural e histórico, esse esporte tornou-se popular e caiu nas graças do povo durante os anos de 1930, período também conhecido pela sua profissionalização. No ano de 1933, o futebol deixa de ser uma prática somente amadora e os clubes são liberados para remunerar seus atletas. De acordo com Mário Filho (2003), é nesse momento que os atletas negros começam a entrar nos grandes clubes de futebol e o esporte começa a se tornar popular. Sobre o fim do amadorismo, Filho escreveu: “o bom tempo do amadorismo. O amadorismo, o esporte pelo esporte, era para quem estava de cima. Enquanto houvesse amadorismo os brancos seriam superiores aos pretos, os ricos aos pobres.”⁴⁹

No entendimento de Mário Filho, o amadorismo privilegiava um grupo social em detrimento do outro. Para ele, na prática amadora os negros e os pobres saíam prejudicados, uma vez que esse grupo não podia se dedicar como os ricos e brancos. Em contrapartida, com a profissionalização do futebol, os atletas negros seriam incluídos de forma igual e com essa integralização as diferenças entre os negros e os brancos, no futebol, ficariam no passado. Essa percepção é importante para análise do contexto dos anos de 1938 a 1951.

Esse contexto é marcado pela construção de uma ideia de nação, como comentado acima, mas o questionamento que segue se faz bastante oportuno quando é considerado o objetivo da pesquisa, qual seja: identificar os principais aspectos que compõem os discursos que se desenvolveram acerca das relações raciais e sobre os jogadores negros, no meio futebolístico, a partir do livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro* (doravante apenas *NFB*) e outras duas publicações de Gilberto Freyre: *Foot-ball Mulato* e o prefácio ao livro *NFB*. Por que esse momento de construção da identidade nacional por meio do futebol é tão importante para pensarmos as questões raciais vividas no país? E em que o futebol nos oferece elementos para pensarmos essa questão?

O futebol é uma das janelas pelas quais escolhi acessar o passado e debater a temática das relações raciais no Brasil. Essa escolha se fundamenta porque o futebol foi um dos espaços que se apresentou como possibilidade de modalidade econômico-social para os negros. Como

⁴⁸ SOUZA, 2008, p. 17.

⁴⁹ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 129.

um entre tantos outros exemplos, temos o caso da família de Lélia Gonzales, que conseguiu ascensão econômica depois que um de seus irmãos mais velhos, Jaime de Almeida, teve a oportunidade de se tornar um jogador profissional de futebol e atuar em importantes clubes, como o Atlético Mineiro e o Clube de Regatas Flamengo.⁵⁰

Em texto recente, Pereira (2019) mostra mais um exemplo de ascensão social através do futebol. Leônidas viu sua vida se transformar quando teve a oportunidade de jogar pelo Havanese Esporte Clube, em 1920, com sede próxima a sua casa. A boa atuação no time o fez receber um convite para atuar pelo Barroso Futebol Clube, e, já no primeiro dia de treino, um dirigente da equipe deu-lhe 5 mil réis dizendo que era para condução. Vale destacar que nesse período o futebol era praticado de forma amadora.⁵¹ Desde então, tornou-se prática costumeira Leônidas receber “agrados” para jogar pelos times que defendeu antes da profissionalização.⁵²

Mesmo que o esporte continuasse a ser competido de forma amadora, “Leônidas foi chamado para atuar pelo Bonsucesso F.C., pelo que receberia quatrocentos mil réis mensais, dois ternos e dois pares de sapatos”⁵³. Com as boas atuações do jogador, sua carreira se firmou e Leônidas começou a fazer sucesso e se destacar, o que gerou, eventualmente, perseguição por parte dos dirigentes de clubes adversários, que o acusavam de receber para jogar. Uma matéria do *Jornal dos Sports*, em 1932, com título *Leônidas jura que não atuou em Niterói*⁵⁴, faz acusações acerca do costume do jogador em ser remunerado para atuar em partidas de futebol. O que realmente não era verdade, pois o próprio jogador assumiu, mais tarde, que recebia para participar das equipes, não de forma contratual, mas recebia. Porém, essa não era a única razão para “pegarem no pé” do jogador, sua posição socioeconômica combinada com o fato de ser um atleta negro contribuía ainda mais com as desconfianças por parte de seus adversários, uma vez que, como o jogador não tinha outra atividade que o remunerasse, pensavam que o atleta vivia um “profissionalismo disfarçado”.⁵⁵

O futebol tornou-se um inegável elemento cultural da sociedade brasileira, responsável por grandes manifestações coletivas.⁵⁶ Mas, além disso, o futebol entendido aqui como um

⁵⁰ RATTIS, Alex; RIOS, Flavia. Pequena Lélia. In: **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010. p. 21-45.

⁵¹ Durante a década de 1920 o futebol realmente é marcado por um período amador, Mário Filho (1947) e Tomas Mazzoni (1950) descrevem o período como amadorismo marrom, pois vários times remuneravam jogadores, porém não como salário, como no caso de Leônidas “A título de condução”.

⁵² Para saber mais sobre os recebimentos de Leônidas antes do futebol se tornar profissional, ver: PEREIRA, Leonardo. **Leônidas da Silva: um ídolo negro no governo de Getúlio Vargas**. In: CARLONI, Karla; FERREIRA, Jorge (org.). **A República no Brasil: Trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura**. Niterói. Eduff, pp. 43-78. 2019. Ebook. ePub.

⁵³ PEREIRA, 2019, p 53.

⁵⁴ Leônidas jura que não atuou em Niterói. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 de março de 1932.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ SOUZA, 2008, p. 17.

esporte, não é uma prática isolada da sociedade, mas sim, um fenômeno social neutro, que imita características da sociedade em que está inserido. Por esse aspecto é possível entender que

O esporte, como fenômeno social, acaba por incorporar as várias faces da cultura, tornando-se um elemento que agrega os acontecimentos sociais, enquanto fonte de produção cultural e um elemento imprescindível para entender os acontecimentos contemporâneos.⁵⁷

Mais um elemento que deve ser destacado ao se deparar com a produção dentro da historiografia do futebol brasileiro é como esta, em alguns trabalhos, desenvolveu-se de forma tributária ao autor Mário Filho. A utilização da narrativa construída por Filho no livro *NFB* de forma acrítica faz com que tal discurso seja reforçado e atualizado com o passar do tempo. Sabendo que o livro colabora para a construção de uma identidade no momento de sua publicação e que autor dialoga com certo Freyrismo popular, como visto no primeiro capítulo, a referência de forma descuidada torna a pesquisa frágil e sem legitimidade.

Esse problemática foi primeiro levantada pelo historiador Antônio Jorge Soares (1999), o qual identifica que “o problema é que a obra em questão tem sido utilizada, no interior das ciências sociais, como prova para as interpretações, estabelecidas *a priori*, sobre as relações raciais no futebol e sobre o singular estilo de futebol nacional”.⁵⁸ A objeção não está na utilização do livro *NFB* como fonte de qualquer trabalho, está na utilização de forma descuidada, sem contraste ou cruzamento com outras fontes.

Essa grande utilização do texto como fonte de pesquisa em trabalhos sobre o futebol dentro da Sociologia, Antropologia e História é consequência de uma escassez de historiografia a respeito deste tema. Como já descrito, só a partir dos anos de 1970 o futebol começa a ganhar o interesse dos cientistas sociais, e isso fez com que o *NFB* se tornasse um clássico, por ser uma obra produzida na primeira metade do século, publicada em 1947. Com a habitude da utilização do referente livro como fonte de trabalhos acadêmicos, criou-se em torno do *NFB* legitimidade e afastou críticas necessárias quando se trata deste texto.

Um bom exemplo para visualizar os efeitos da pouca produção em estudos historiográficos sobre o futebol em meados do século XX é a pesquisa desenvolvida por Anatol

⁵⁷ BETTINE, Marco. **Lazer e Esporte**: algumas aproximações. *Motrivivência* Ano XXV, Nº 40, p. 1, 2013.

⁵⁸ SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **História e a invenção das tradições no campo do futebol**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 120, 1999.

Rosenfeld.⁵⁹ O autor reproduz o esquema desenvolvido por Filho, no qual suas tramas são desenvolvidas a partir de dois caminhos, um em que a ênfase é dada para uma problemática de classe e a outra sob questões de raça. Esse delineamento, que primeiro foi traçado por Filho, ganha legitimidade no texto de Rosenfeld (2013) em *Futebol no Brasil*, publicado um ano após sua morte, em 1974. O ensaio é desenvolvido a partir de tópicos como “Ascensão das massas”⁶⁰, “Revolução do jogo profissional”⁶¹ e “O Ídolo”⁶², este último trabalhando a figura de Friedenreich e Leônidas sob o mesmo aspecto da excepcionalidade criada por Mário Filho e Gilberto Freyre. Isso pode sugerir uma reprodução do esquema da narrativa de Filho, pois seu ensaio está atravessado de uma intertextualidade com o *NFB*.

Outros autores que desenvolveram trabalhos sobre o futebol brasileiro em universidades procederam de modo a classificar a obra de Mário Filho como um dos mais importantes trabalhos historiográficos, são elas: Murad (1994, 1996 e 1998), Gordon Jr. (1995 e 1996), Leite Lopes (1994), Mattos (1997), Santos (1981) e Caldas (1990).⁶³ São esses os textos que contribuíram para a legitimação acadêmica de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*.

Soares compreende esse uso do discurso de Filho em *NFB* da seguinte maneira:

A reiteração obsessiva de tal narrativa confirma, valida e faz verdadeira a história contada. Os "causos" ou fatos descritos a partir do *NFB* assumem toda a carga explicativa, mais simbólica do que argumentativamente, do processo de exclusão, popularização, democratização e construção do estilo brasileiro de jogar futebol. Pode-se dizer que novas narrativas acabam por fazer parte da mitologia ou da invenção da tradição do futebol brasileiro (cf. Hobbsbawm e Ranger, 1997). Assim, a recontada história do futebol transforma-se em mito, tal como definiu Watt (1997): "uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns valores básicos de uma sociedade".⁶⁴

Sob este aspecto, concordo com Soares, todos os textos posteriores a Filho contribuem com as narrativas mitológicas e tradicionais a respeito da história do futebol brasileiro. Em uma publicação mais recente, Igor Serrano (2018) também se mostra influenciado pelo esquema criado por Mário Filho, o que indica o alcance do discurso do jornalista. Serrano utiliza uma

⁵⁹ Anatol Rosenfeld foi um pesquisador alemão que veio para o Brasil para escapar do regime hitlerista no final da década de 1930. De sua chegada até o final de sua vida dedicou-se a estudar a cultura brasileira. Ver: ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2013

⁶⁰ ROSENFELD, 2013, p. 80.

⁶¹ Ibidem, p. 84

⁶² Ibidem, p. 98.

⁶³ SOARES, 1999.

⁶⁴ SOARES, 1999, p. 120.

narrativa que ecoa no meio esportista e jornalístico desde a década de 1920/1930, com a ideia de que o futebol teria nascido no Brasil a partir de Charles Miller e Oscar Cox. O texto recria parte da narrativa de Filho e atribui ao impasse amadorismo *versus* profissionalismo uma das grandes balizas que os jogadores negros enfrentaram para que fossem inseridos no futebol, de modo que o profissionalismo fosse a porta de entrada para os atletas de cor.

A ideia de que quem deu vida ao futebol brasileiro fora Miller e Cox foi e ainda é aceita em diversos espaços, inclusive acadêmicos. Todavia, há outras referências acerca da chegada do futebol no Brasil que, a meu ver, parecem, do ponto de vista historiográfico, mais minuciosas e mais bem trabalhadas. Nesse sentido, o texto *La introducción e difusión del fútbol en Brasil* (1998) se mostra apropriado e apresenta como o futebol inglês chegou ao Brasil na virada dos séculos XIX e XX em diversos pontos do país sem correlação entre as regiões e cidades.

Quando o futebol adentra no Brasil, o país acabara de passar por um processo de republicanização. Em novembro de 1889, “nasce”, ou é declarada, a República Brasileira, e, nesse contexto, aporta nessas terras o futebol. Em um momento em que o país ansiava por modernizações, mudanças e inovações, importamos da Europa costumes e modos de viver, sendo que essa tendência de replicação do *éthos* europeu em terras brasileiras atravessa diversas camadas da vida social, uma delas foi a prática esportiva, muito fomentada nesse período.⁶⁵

Quando o futebol chega ao Brasil, o país está em busca de progresso, e ainda assim, a realidade das diversas regiões do país é bastante diversa. A vida nos grandes centros urbanos – Rio de Janeiro e São Paulo – é distinta daquela vivida em outros estados.

*Al final del siglo XIX, cuando son creados los primeros clubes de fútbol en Brasil, nuestro sistema de ciudades era bastante reducido y desintegrado en el mapa interno. La incipiente industrialización no tenía mucho tiempo y fuerza para conformar un densa base territorial urbana. El modelo agro-exportador dirigía la economía nacional, resultado de lo cual se daba una formación espacial estructurada en forma de islas productivas, orientadas hacia el exterior (SINGER, 1974; GEIGER, 1963). Nuestras principales ciudades no estaban articuladas entre sí. Más que éso, eran el hilo mercantil entre un territorio interior agro-pastoril-minero-monocultivado y el mercado internacional.*⁶⁶

⁶⁵ Para mais detalhes sobre o período da Proclamação da República ver: BACHA et al. As dores do parto p.23-35 In: 130 anos: em busca da Republica; Carvalho, José Murilo. A formação das almas – O imaginário da republica no Brasil, 1990.

⁶⁶ JESÚS, Gilmar Mascarenhas de. **FUTEBOL Y MODERNIDAD EM BRASIL: LA GEOGRAFIA HISTORICA DE UNA NOVEDAD.** Lecturas: Educación Física y Deportes. Año 3, N° 10. Buenos Aires. Mayo 1998.

Utilizar a narrativa de Filho sem colocá-la em um lugar de suspeição pode acarretar em uma reprodução inconsistente e que maximiza a experiência do eixo Rio-São Paulo como se fosse aquela vivenciada em todo o território nacional, tal como faz Serrano (2018) ao desenvolver sua análise do livro *NFB*. Em contrapartida, é necessário ressaltar que mesmo partindo da direção que tem por base as ideias de Mário Filho, o autor mostra como a entrada dos negros no futebol não significou, necessariamente, o fim do racismo, diferente daquilo que disse Filho ao concluir que com o sucesso de atletas negros como Leônidas e, posteriormente, Pelé⁶⁷ o futebol haveria superado as desigualdades raciais e caminhado para uma democracia racial.

1.2 GETÚLIO VARGAS E O AMBIENTE DE CRIAÇÃO DO IMAGINÁRIO MESTIÇO

Ao analisar o futebol no Brasil a partir de um viés histórico e por meio de uma perspectiva racial, surgem questões que buscam compreender as razões pelas quais os jogadores negros começam a ganhar centralidade e, supostamente, sair do lugar de marginalidade. O período que simboliza o princípio do futebol em nosso país é marcado por um esporte praticado de forma não profissional e com características elitistas. Atletas negros não eram bem-vindos em clubes “tradicionais”, no entanto, décadas depois essa situação é alterada e a figura de jogadores negros passa a ser assimilada ao “verdadeiro futebol brasileiro”, como foi o caso de Leônidas da Silva no final da década de 1930.⁶⁸ Para melhor compreensão das narrativas criadas por Gilberto Freyre e Mário Filho sobre a brasilidade no futebol nacional, é importante evidenciar como o contexto em que essas ideias surgem está relacionado, direta e indiretamente, a outras ideias, como a difusão do ideal nacionalista da Era Vargas.

São várias as razões para a compreensão do que levou o Brasil a caminhar para um regime getulista. José Murilo de Carvalho resalta pontos que contribuíram para esta situação:

Um deles tinha a ver com o apoio dos integralistas ao golpe. Seus chefes achavam que seria a oportunidade de chegarem ao poder, de executarem o equivalente da Marcha sobre Roma dos fascistas italianos. Outra razão era a bandeira da luta contra o comunismo. O governo sem dúvida exagerara o perigo comunista, mas o fizera exatamente por conhecer o medo que uma população profundamente católica tinha do regime soviético. Um terceiro motivo relaciona-se com a postura nacionalista e industrializante do governo. Ao mesmo tempo em que anunciava o fechamento do Congresso, Vargas pregava o desenvolvimento econômico, o crescimento industrial, a construção de estradas de ferro, o fortalecimento das forças armadas e da defesa nacional (CARVALHO, 2001, p.107).

⁶⁷ RODRIGUES FILHO, 1947.

⁶⁸ PEREIRA, 2019.

Durante a Primeira República (1889-1930), tiveram lugar as ideologias eugênicas e de branqueamento racial, que estimularam a vinda para o país de diversos imigrantes europeus e que, simultaneamente, buscaram apagar a presença física e simbólica dos afrodescendentes. O caráter de nacionalidade antes dos anos de 1930 vinha acompanhado de uma cidadania periférica, como mostra Alberto (2017). Com o golpe de Getúlio Vargas, esse cenário se transforma totalmente e os ideais da Primeira República são substituídos por uma ideologia nacionalista, que dura de 1930 até o 1945. Vargas governou o país com firmeza, governando para os mais favorecidos e criando uma imagem de “pai dos pobres”, deu ainda concretude à brasilidade, uma mistura de sentimentos que está ligada ao nacionalismo, ao patriotismo e a uma identidade nacional racial e culturalmente agregada.⁶⁹

Nesse espírito de unificação nacionalista, Vargas reverteu muitas das políticas que haviam feito os intelectuais negros sentirem-se como estrangeiros durante a Primeira República. Ele restringiu a imigração europeia e aprovou leis para garantir que os brasileiros natos fossem equitativamente representados na força de trabalho. Vargas também transformou muitas das ideias sobre o pertencimento dos negros expressas nas campanhas da Mãe Preta do final da década de 1920, e defendidas por intelectuais negros desde o início do século XX, em uma ideologia do Estado. Nos discursos e nas políticas culturais de Vargas, os africanos e seus descendentes eram membros essenciais da comunidade brasileira – de fato, mais do que muitos recém-chegados europeus que ainda resistiam à assimilação completa. Dessa forma a política de brasilidade imposta com um estio cada vez mais autoritário após meados da década de 1930, cumpria dois dos projetos mais importantes para os intelectuais negros das décadas anteriores: lançava dúvidas sobre a pertença dos imigrantes estrangeiros e afirmava o lugar dos brasileiros negros em uma nação imaginada como racialmente inclusiva.⁷⁰

O futebol, que na virada do século XIX para o XX era considerado um esporte inglês nos trópicos, com prática apenas de pessoas brancas, teve sua imagem totalmente modificada frente ao poder do período Vargas, sobretudo, a partir de 1938. Outros elementos também foram sendo incorporados, de modo que a população afrodescendente fosse cada vez mais considerada pertencente à nação. O contexto no qual os negros começam a ser aceitos no futebol é escolhido como baliza de tempo para esta pesquisa. No intervalo entre os anos de 1938 e 1951, encontram-se autores como Gilberto Freyre e Mário Filho construindo a ideia de um futebol brasileiro. Esse momento é, também, um período significativo da política brasileira, em que o país vivia o regime do Estado Novo – ditadura instaurada pelo presidente Getúlio Vargas. Partimos do ano

⁶⁹ ALBERTO, Paulina L. **Termos de Inclusão**: intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Ed. Unicamp, 2017, p. 161.

⁷⁰ ALBERTO, 2017, p. 162.

de 1938, momento escolhido pela repercussão da Copa do Mundo da França na imprensa brasileira e pela primeira seleção brasileira com participação de jogadores negros, com destaque para o jogador Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

O ano é marcado também pelo surgimento do discurso de *Foot-ball Mulato*, pensado por Gilberto Freyre – analisarei tal ideia no terceiro capítulo. Para melhor compreensão do debate acerca da construção da ideia de um futebol abasileirado, entendo que devemos compreendê-la dentro de um enquadramento mais amplo, tal como a política esportiva, cultural e identitária do Estado Novo.

O país era governado por Getúlio Vargas, que desde 1930 estava à frente do poder executivo. Todavia, em 10 de novembro de 1937, o então presidente

comparece a uma estação de rádio e anunciava que o país ganhara uma nova constituição, que o congresso estava sendo fechado e que a partir desse momento ele se transformava em chefe absoluto da nação.⁷¹

A partir daquele momento, o Brasil começa a viver o chamado Estado Novo, uma ditadura comandada por Getúlio Vargas e que terá seu fim apenas em 1945, momento em que “[...] procuraram legitimar a constituição de um Estado autoritário e fazer vingar a construção da Nação brasileira, [...], indivisível e moderna apoiando-se em princípios elitistas, conservadores, nacionalistas e autoritários.”⁷²

O governo de Vargas trará implicações diretas ao esporte, com ênfase no futebol e nas questões raciais, pois vê no mesmo um dos caminhos para a afirmação de um novo tipo nacional, nesse sentido, o governo apoia e apressa a oficialização dos esportes⁷³. Um ano antes da Copa do Mundo de 1938, Vargas, através de uma emenda parlamentar apresentada pelo deputado aliado Pádua Soares, pedia plenos poderes para intervir do modo que quisesse no esporte.

A emenda chamada Pádua Soares foi uma maneira de obrigar os clubes a se submeterem à oficialização. A matéria veiculada na primeira página do Jornal dos Sports em 3 de janeiro de 1937, com o título “O governo quer apressar a oficialização dos sports”, demonstra o interesse

⁷¹ AMORIM, Jeovane Aparecido de. **O GOVERNO VARGAS, UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO**. Anais do VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas SEPECH. Londrina: Eduel, 2010. Apud D’Araujo, Maria Celina. **A era Vargas**. São Paulo: Moderna, 1997.

⁷² MIRANDA, Melina Nóbrega. **FUTEBOL E O PROJETO DE UNIDADE NACIONAL NO ESTADO NOVO (1937-1945)**. X Simposio Internacional de processo civilizador. Campinas, 2007, p. 2.

⁷³ Para ver mais sobre as implicações do Estado Novo no esporte, ver: MIRANDA, 2007.

do governo em tomar medidas acerca do controle dos esportes praticados no país, em especial no futebol.

Agora podemos informar que o presidente Getúlio Vargas dirigiu-se aos deputados da maioria fazendo-lhes saber que seria grato a votação da emenda Padua Soares [sic], autorizando o governo a intervir no sport. Tal facto veio dar nova feição aos trabalhos pela officialização do sport. Demonstra claramente que o governo quer tomar medidas a respeito.⁷⁴

O Estado brasileiro, em seguida à tomada de poder dos anos 1930, mostrou-se interessado em construir a democracia social, criando a representação de uma nação em que negros e brancos, pobres e ricos estariam unidos. O futebol, através da seleção brasileira, apareceu como transmissor perfeito para dar concretude a esse ideal. O governo entendia que para o esporte se desenvolver não era possível deixá-lo a cargo do setor privado. Nesse sentido, Vargas entendeu que era preciso intervir no meio esportivo e, ao mesmo tempo, alcançar o apoio das massas.⁷⁵

A emenda Pádua Soares é um dos exemplos da tentativa de intervenção do governo Vargas no esporte, “o presidente encaminhou para os deputados da maioria e disse que a aprovação da emenda o deixaria bastante grato”⁷⁶, e apenas teve sucesso quando a oposição cedeu. Fato devido ao clima atingindo durante os Jogos Olímpicos da Alemanha, quando a sociedade, através dos jornalistas, torcedores e atletas, aceitou tal ideia.⁷⁷

É possível dizer, como aponta Denaldo Alchorne de Souza (2008), que o Estado esteve interessado no controle dos desportos, durante o Estado Novo, para que fossem firmadas diversas representações nas quais assimilava-se o futebol a uma identidade nacional. Porém, é preciso estar ciente que esse processo não acontece de forma vertical, de cima para baixo. A experiência da formação da identidade nacional, sobretudo quando considera o esporte como meio para um fim, pode e deve ser entendida como um processo multifacetado, em que o Estado divide lugar com a imprensa e com a população.

A tese defendida por Souza (2008) ajuda a pensar em como o varguismo empenhou-se em construir um sentimento de nacionalidade, que utilizou o futebol e os discursos de disciplina

⁷⁴ **JORNAL DOS SPORTS**, 3 de jan. de 1937, p. 1.

⁷⁵ SOUZA, 2018, p. 89.

⁷⁶ **JORNAL DOS SPORTS**, 3 de jan. de 1937, p. 1.

⁷⁷ SOUZA, 2008, p. 57.

e de Brasil mestiço para a formação desse sentimento de pertencimento. O autor ainda reconstrói essa formação, dizendo que

O que decidi, ao meu ver, foi o clamor de grande parte da sociedade. Os grupos que defendiam a oficialização dos esportes obtiveram apoio social – e daí a vitória de suas propostas. Além disso, não podemos esquecer o contexto internacional, que naquele momento era favorável à intervenção do Estado nos esportes. (SOUZA. 2008: 57)

O modelo de Estado que servia de exemplo para Getúlio Vargas era a Itália, e assim como acontecia lá durante a década de 1930, aqui no Brasil o governo enfatizou a importância do esporte como forma de disciplinar a população (SOUZA, 2008). Um dos principais apoiadores de Vargas, Francisco Campos, pensava que os esportes contribuiriam para formar o sentimento de nacionalidade e uma nova sociedade, principalmente entre a população mais jovem.⁷⁸

Nas vésperas da competição da Copa do Mundo da França, em 1938, o CBD – Conselho Brasileiro de Desportos – planejou uma etapa de preparo, onde os jogadores se reuniram e treinaram para a disputa, costume presente também na atualidade. No entanto, o que ganha destaque na preparação para o torneio é que, diferente das edições passadas (1930 e 1934), a seleção brasileira havia convocado o que tinha de melhor entre os jogadores da região sudeste, particularmente São Paulo e Rio de Janeiro. Nos anos anteriores o futebol brasileiro passou por algumas disputas, defensores do amadorismo *versus* profissionalismo, conflito entre cariocas e paulistas sobre quem tinha mais destaque no centro esportivo, porém, as concorrências já haviam sido superadas, ao menos momentaneamente. Em vista disso, surgiu a oportunidade da convocação de jogadores negros, que nas últimas competições não tiveram espaço no selecionado nacional e não puderam representar o país.⁷⁹

A Copa do Mundo da França foi marcada por uma boa atuação do selecionado brasileiro, alcançando o comemorado terceiro lugar da competição, somado à brilhante atuação de Leônidas da Silva – eleito artilheiro da disputa com a marca de sete gols. Ao retornar com a medalha de bronze, Leônidas começa a ser visto de forma diferente e uma nova imagem do jogador é construída, sobretudo, pelos propagandistas do Estado Novo.⁸⁰

⁷⁸ SOUZA, 2008, p. 60.

⁷⁹ PEREIRA, 2019.

⁸⁰ Destaco a força do Estado Novo para controlar e divulgar propagandas durante a ditadura de Getúlio Vargas, 1937-1945.

Parece compreensível, desse modo, o interesse de Getúlio Vargas em se deixar fotografar com o jogador do Flamengo pouco após o regresso dos jogadores que haviam disputado a Copa do Mundo. Na pose casual se expressava a tentativa do presidente em se associar à imagem de um atleta capaz de personificar e popularizar muitos dos ideais afirmados pelo Estado Novo: a educação física como meio de aprimoramento da raça, o nacionalismo como valor a ser defendido e a mistura racial como meio de constituição de uma raça brasileira forte e original. Leônidas da Silva aparecia assim como um símbolo do novo regime, um herói capaz de representar os valores fundamentais defendidos pelo governo de Vargas.⁸¹

Nessa conjuntura são importantes os seguintes questionamentos: de onde surgiu a ideia de que há um jeito próprio brasileiro de jogar futebol, e que esse é resultado de uma mistura racial entre negros, europeus e indígenas? Como esse discurso cristalizou-se e tornou-se uma memória que sedimentou no Brasil? O que fez o Estado Novo para apregoar um conjunto de valores que supostamente pertence a um caráter nacional?

O Estado Novo utilizou a imagem de uma seleção racialmente diversificada para argumentar a favor da ideia de uma nação brasileira miscigenada. O que é verdade, contudo, é que o trabalho executado pelo varguismo se aproveitou do contexto em que a identidade nacional, juntamente com a ideia de brasilidade, estava sendo fortemente difundida pelos intelectuais (tais como Mário Filho e Gilberto Freyre), pelos artistas modernistas, e pela imprensa esportiva, para mascarar a realidade – um país repleto de diferenças e sem igualdade racial – e bradar ao mundo um Brasil repleto de proporcionalidade e simetria entre as raças. É nesse ponto que encontramos a deturpação. A posição de fomentar a ideia de democracia racial não surgiu apenas do governo, talvez seja uma relação permeada por vários seguimentos da sociedade, e um desses, responsável pela forte difusão de tais ideias, foi o dos intelectuais, que se colocavam na posição de pensar e representar o Brasil.

Na dianteira dessa movimentação, destaca-se Gilberto Freyre, que lançava, nesse período, o livro *Casa Grande e Senzala*, obra que gozaria de enorme influência na forma de representar, para si e para o mundo, a sociedade brasileira.⁸² O impacto que o sociólogo causou contribuiu, como efeito, para a gestação da noção de "democracia racial", que se infiltrou com grande força nos modelos de explicação da identidade nacional. Apesar de Freyre não ter tido o futebol como objeto de estudo, interessam-me duas ocasiões nas quais este se propôs a dizer e escrever sobre o esporte e vinculá-lo à realidade racial do Brasil. Analisarei, no terceiro

⁸¹ PEREIRA, 2019, p. 47.

⁸² ANDRADE, M. C. D. (1998). **GILBERTO FREYRE E O IMPACTO DOS ANOS 30**. Revista USP, (38), 38-47.

capítulo, a entrevista concedida ao jornal *Diário Pernambucano*, em 1938, e em seguida o prefácio à primeira edição do livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, lançado em 1947. Neste instante, é importante apenas demonstrar que o discurso sobre o futebol, e a mistura racial que este proporciona, circulou em diversos espaços concomitantemente.

Em todo o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) houve uma constante e pensada preocupação com a área dos esportes por parte do Estado. A nomeação de Luiz Aranha para o Conselho Brasileiro de Desportos (1936) é vista como um dos passos importantes nesta intervenção, pois este tinha ligações políticas com o presidente, sobretudo, através de seu irmão, o ministro do exterior Oswaldo Aranha. O governo também contribuiu para o preparo da Copa do Mundo da França (1938), incentivando os atletas com premiações caso voltassem campeões. Construiu, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) (1939). Participou da criação, em São Paulo, do Estádio do Pacaembu (1940), além de consolidar, em 1941, a oficialização dos esportes por meio do Conselho de Desportos (CND).

O CND tinha as atribuições de estudar as matérias e sugerir medidas legislativas relativas à organização desportiva, além de superintender, vigiar, estimular e organizar os desportos no país. Possuía o poder de autorizar a participação de delegações nacionais em competições internacionais, de fiscalizar e proibir competições ou publicações esportivas incompatíveis com o interesse público e, inclusive, intervir em qualquer entidade desportiva. Também foi atribuído o poder de regulamentar os símbolos desportivos nacionais e das expressões utilizadas nos desportos. [...] O decreto-lei nº 3.199 caracterizava as entidades desportivas como entidades patrióticas.⁸³

Todos os fatos supra apresentados marcam o interesse do governo em utilizar o esporte, em especial o futebol, como um condutor para disseminar suas ideologias. Uma das características das políticas de Getúlio Vargas foi a vasta produção de legislação e regulações para o povo brasileiro de modo geral, mas, de modo mais impactante, para os trabalhadores. Vargas utilizava os campos de futebol para realizar as celebrações a cada vez que conseguia concretizar uma dessas leis. Esses eventos eram realizados, quando no Rio de Janeiro, no Estádio do São Januário, com transmissão ao vivo pelos rádios, via Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O uso desses espaços pode dizer bastante sobre o ponto de vista simbólico:

⁸³ SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Pra Frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950-1983)**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018, p. 90.

o presidente se preocupava em criar uma imagem de chefe nação enquanto líder e representante dos trabalhadores.⁸⁴

Durante os anos marcados pelo nacionalismo de Vargas, o pensamento modernista ainda ecoava na sociedade brasileira, com sua pretensão de delinear o Brasil para além dos olhares europeus, pensando e criando, sobretudo, a ideia de “nacional” fortemente defendida pelo presidente e difundida “por sua voz” nos rádios de identidade nacional, que teve como um dos símbolos maiores a figura do mestiço, sujeito “genuinamente brasileiro”.⁸⁵

O futebol, por ter se tornado uma prática da cultura popular, foi um dos veículos utilizados por Vargas para evidenciar o Brasil enquanto um país da mistura racial, um país de todos. No entanto, não foi apenas a partir dele que esse imaginário se criou. Outros elementos da cultura foram assimilados a um bem nacional e, nessa conjuntura, destaca-se a capoeira.

A capoeira é uma das marcas da resistência negra no Brasil, e atualmente é considerada Patrimônio Imaterial da Humanidade e Patrimônio Cultural Brasileiro. Mas, para que chegasse até esse momento de reconhecimento, muito aconteceu. A capoeira é uma prática cultural que envolve autodefesa, expressão corporal, ginga, música e está presente em nosso país desde o período colonial, difundida e praticada pelos ancestrais africanos que viveram nesta terra.

Uma definição mais assertiva do que é a capoeira está no Dossiê inventário para registro e salvaguarda da capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil:

A capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo.⁸⁶

⁸⁴ Entre os feitos de Vargas que se destacam está a Lei do Salário Mínimo (1940); a criação da justiça do Trabalho e do Ministério da Aeronáutica (1941); O Código Penal (1942); a Consolidação das Leis de Trabalho (1943). Para ver mais sobre as políticas do governo de Vargas, ver: D'ARAÚJO, Maria Celina. **Uma década, dois presidentes**. In: BACHA, Edmar et al. **130 anos: Em busca da República**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

⁸⁵ CARDOSO, Rafael. **MODERNISMO E CONTEXTO POLÍTICO: A RECEPÇÃO DA ARTE MODERNA NO CORREIO DA MANHÃ**. rev. hist. (São Paulo), n. 172, p. 335-365, jan.-jun., 2015.

⁸⁶ Dossiê. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília. 2007, p.11. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf>. Acesso em 05 de jan. De 2021.

No movimento de romper com as políticas oligarcas da Primeira República e fortalecer o ideal de nacionalidade, Getúlio Vargas, em 1937, reconhece a capoeira como esporte nacional. Anterior a isso, o exercício da capoeira era proibido pelo decreto 847 de 11 de outubro de 1890. Sua prática era considerada uma contravenção com pena de prisão de dois a seis meses, agravada no caso do líder, que poderia ter a pena dobrada.⁸⁷ Durante o período da escravidão também houve grande perseguição da capoeira, com intensificação da repressão quando a Família Real chega ao Brasil, no começo do século XIX.⁸⁸

A desmarginalização desse esporte aconteceu no momento que o Estado brasileiro se preocupava em integrar a população afrodescendente. Sua prática deixou de ser crime a partir do ano 1934, por meio de um decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas. Mesmo sendo descriminalizada, na mentalidade da população, sua realização foi, por muito tempo, associada a vagabundagem.⁸⁹

Em movimento semelhante ao da capoeira, o samba também passa por um processo de nacionalização, processo esse que pode ser entendido como desafricanização, isso é, a personificação de elementos culturais africanos enquanto símbolo de uma identidade nacional. Símbolo forte da cultura afro-brasileira, o ritmo passa a ser considerado um item da cultura nacional e, portanto, mestiça. Este gênero musical já vinha se desenvolvendo desde o começo do século XX, e Vargas, com o crescimento da indústria fonográfica e na busca de oferecer ao país aquilo que fosse mais brasileiro, aproveitou o crescimento e popularização do samba. Mesmo sendo um ritmo crescente no Brasil, sua utilização, por parte do Estado, como característica da brasilidade, contribuiu para sua consolidação dentro do cenário nacional.⁹⁰

Um dado levantado por Bissoli (2004), é que, para o samba conseguir adentrar a sociedade brasileira de modo geral, sobretudo na esfera da elite, este precisou passar por um processo de embranquecimento. Houve, durante a década de 1930, uma expressiva quantidade de sambistas brancos, seduzidos pelo sucesso do gênero. Assim, o samba foi se consolidando

⁸⁷ BRASIL. **Constituição. (1890).** [DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%20847%2C%20DE%2011%20DE%20OUTUBRO%20DE%201890.&text=Promulga%20o%20Codigo%20Penal.&text=Art.,que%20n%C3%A3o%20estejam%20previamente%20estabelecidas.&text=2%C2%BA%20A%20viola%C3%A7%C3%A3o%20da%20lei,omiss%C3%A3o%3B%20constitue%20crime%20ou%20contraven%C3%A7%C3%A3o.>) Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%20847%2C%20DE%2011%20DE%20OUTUBRO%20DE%201890.&text=Promulga%20o%20Codigo%20Penal.&text=Art.,que%20n%C3%A3o%20estejam%20previamente%20estabelecidas.&text=2%C2%BA%20A%20viola%C3%A7%C3%A3o%20da%20lei,omiss%C3%A3o%3B%20constitue%20crime%20ou%20contraven%C3%A7%C3%A3o.>> Acessado em: 10 de jan. de 2021.

⁸⁸ CORDEIRO, Abert A. de Souza; CARVALHO, Nazaré Cristina. **Capoeira, do crime à legalização:** Uma história de resistência da cultura popular. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.2, nº4 jan.-jun. 2013. p.68-80.

⁸⁹ Ibidem, p. 79.

⁹⁰ BISSOLI, Magno. **Caixa preta: samba e identidade nacional na era Vargas** - impacto do samba na formação da identidade na sociedade industrial, 1916-1945. 2004. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

não somente como uma característica popular com marcas afro-brasileiras, mas sim, como um ritmo nacional.

As ideologias do governo de Getúlio Vargas têm como pilar dois elementos importantes: o trabalho e a identidade nacional. A apropriação do samba, a princípio, se mostrou um pouco conflitante, uma vez que este, antes dos anos de 1930, propagava um discurso a favor da malandragem.⁹¹

O governo getulista, tentando impor e implementar seu projeto de construção do país através do trabalho, teve, portanto, que lutar contra esse atraente modo de vida: a malandragem. [...] O DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – ocupou-se em cooptar os sambistas, compositores, críticos, cronistas; “organizou” e regulamentou o carnaval, instituindo as regras de desfile das escolas de samba, os prêmios às melhores músicas, os concursos etc... [...] Ao lado disso, o aspecto mais repressivo era escondido, a censura existia, mas agia nas sombras, e tentava, por sedução e convencimento, o consenso.⁹²

Sob este aspecto, a determinação de Vargas, em 1937, para que as escolas de samba criassem enredos com temas educativos, de teor patriótico e histórico, mostra essa tentativa de controle acerca da criação do samba, bem como o afastamento do caráter boêmio e malandro avesso ao trabalho. O autor Adalberto Paranhos (2007) reafirma o citado por Novaes e demonstra como as ideias do presidente Getúlio Vargas incentivaram a produção de sambas-enredo que exaltassem o país, o trabalho e seu regime.

Vargas fez da cultura uma área de atuação política. Isso fica evidente com a legalização da capoeira, somada a outras integrações e exaltações de manifestações da cultura afro-brasileira, como a regulamentação do Candomblé – que pôde ser praticado com a ressalva de ser cultuado em espaços fechados e com alvará de instalação – desse modo, sua legalização pode ser vista, também, como um meio funcional de controle social.⁹³ Mas mesmo com sua legalidade, foram vários os casos de perseguição e invasão dos terreiros durante os anos 30. O culto aos Orixás e a prática de imolação animal ficou enxergada como cruel e anti-higiênica.⁹⁴

Mais uma ação de Vargas, já em meio ao Estado Novo, que contribuiu para a construção desse ideal nacional mestiço foi a criação da data comemorativa do Dia da Raça – 30 de maio

⁹¹ Para ver mais sobre a malandragem e a música brasileira ver: A malandragem e a formação da música popular brasileira (1930-1964). In Fausto, Bóris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: DiFEL, 1981. Vol. 10 p. 612-639.

⁹² NOVAES, José. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 6, n. 1, jan./jun. 2001. p. 4.

⁹³ CORDEIRO; CARVALHO, 2013.

⁹⁴ OLIVEIRA, Nathalia Fernandes de. **A REPRESSÃO POLICIAL ÀS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRAS NO ESTADO NOVO (1937-1945)**. 2015. 173f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2015.

de 1939 – com o objetivo de celebrar a tolerância de nossa sociedade.⁹⁵ Assim, Vargas vai compondo o ideal nacional. Nessa altura, é pertinente questionar se a cultura nacionalista, fundamentada pelo mito da democracia racial, significou a dissolução de culturas étnicas no país?

A convicção de que, no Brasil, assim como em toda América, as culturas que se criaram são, por definição, híbridas, põe-nos frente a uma dificuldade de delimitar suas fronteiras, da mesma forma que a tentativa de reconhecer a autoria das manifestações culturais na sociedade brasileira é confusa, visto que existem trocas entre os diferentes grupos coexistentes. Mesmo assim, é possível apontar que a formação da cultura nacional, entendida também por brasilidade, é formada por demonstrações de elementos étnicos, algumas prontamente assimiláveis às culturas das populações afro-brasileiras, como a capoeira e o samba. Ressaltando o entendimento acerca das

manifestações culturais que são ao mesmo tempo, símbolos da nossa brasilidade e de nossas raízes africanas sem que saibamos estabelecer o que é a nossa identidade nacional e o que faz parte da nossa identidade étnica, ou seja, as fronteiras entre o que é brasileiro e o que é negro.⁹⁶

O processo de escravização, somado ao de miscigenação, é responsável pela transformação do Brasil no segundo país com a maior população de pessoas negras no mundo.⁹⁷ Desse modo, é possível entender a sociedade brasileira como plurirracial e, para pensar em sua formação, é imprescindível compreender como aconteceu a mistura racial entre portugueses, indígenas e africanos ou afro-brasileiros. Conforme Abdias do Nascimento, essa relação foi construída a partir da exploração sexual da mulher africana:

O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, não só por causa da sua condição de pobreza, ausência de *status* social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco.⁹⁸

⁹⁵ SCHWARCZ L.M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na intimidade. In: **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

⁹⁶ GONÇALVES, Maria Alice Rezende e RIBEIRO, Ana Paula Alves. **Mais que feijoada e samba:** notas sobre a cultura negra brasileira. In: LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. (org.) **Antropologia e consumo:** diálogos entre Brasil e Argentina. Porto Alegre: AGE, 2006, p. 48.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 6.

Compreender a exploração sofrida pela população negra desde sua chegada em terras brasileiras é significativo, pois é esse processo, via de regra, que deu origem à sociedade diversificada que é o Brasil. Em meio a violência e exploração de diversos modos, os povos originários e a população africana trazida para o país criam, a partir de uma mistura racial, o Brasil como o conhecemos.

Nesse ponto, é preciso pensar na construção da ideia do Brasil enquanto nação, tomar ciência e reconhecer as consequências dos discursos que surgiram no país desde meados do século XIX, e que até pouco tempo eram tidos como hegemônicos, principalmente, no tocante à formação identitária. Dar uma identidade para o Brasil não foi intento apenas de Vargas. Recuamos um pouco e nos atentamos à criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, órgão criado com o intuito de pensar o Brasil enquanto nação, onde “uma gama muito variada de questões ocupava aqueles que, além de tudo, tiveram como tarefa pensar a Nação, de forma mais geral, mas sobretudo pensá-la de um ponto de vista de uma história nacional.”⁹⁹

O fato que desejo destacar é a realização do concurso, em 1845, de dissertações com o objetivo de escrever sobre a história do Brasil. A produção do naturalista búlgaro Carl Philipp von Martius foi premiada, a qual ganhou notoriedade ao evidenciar os mitos de fundação nacional, em uma versão bastante otimista e romântica que descreve a formação mestiça do povo brasileiro. A utilização da metáfora dizendo que o Brasil era um grande rio formado por vários afluentes: “um branco mais caudaloso; um indígena menos profundo, e um negro ‘quase um riacho’”¹⁰⁰ descreve como essa nação foi construída por “três grandes raças” e dá indícios da contribuição de cada uma delas. Desde então, multiplicaram-se as narrativas que explicam a miscigenação no país a partir do que chamamos de mito das três raças. É importante frisar a conjuntura em que Von Martius escreve seu discurso sobre o Brasil, momento em que a mistura étnica era tida como um fardo e condenava o futuro do país, uma espécie de profecia que via a nação mestiça com um amanhã degenerado.

O estudo de Geroldo (2019) mostra como o discurso criado há anos, com a dissertação de Von Martius, ainda persiste no imaginário social, porém com novas roupagens. Durante o período modernista no Brasil, entendido aqui como o movimento que começa no país na década

⁹⁹ Guimarães. **Uma história da história nacional:** textos de fundação. Disponível em: <<http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/11122008005626.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. de 2020. Acesso em: 22 de nov. de 2020.

¹⁰⁰ SCHWARCZ. **Do preto, do branco e do amarelo:** sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n1/18.pdf>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

de 1920 e que tem a Semana de Arte Moderna, acontecida em 1922 na cidade São Paulo, como um dos marcos principais. O movimento era voltado ao campo das artes contra um certo tradicionalismo que vinha das vanguardas europeias. Já no campo da política, o movimento é contrário às políticas oligarcas da Primeira República.¹⁰¹ Em 1928, Mário de Andrade, reconhecidamente modernista por tratar em suas obras de buscar um caráter brasileiro ou nacional para suas histórias, também escreve sobre a formação do povo brasileiro no livro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. No livro, notadamente no capítulo V, “Piaimã”, surge uma nova versão do mito das três raças.

Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. (...). Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. (...) Mas a água era encantada (...) Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados, só conseguiu ficar da cor do bronze novo. (...). Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifava toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa.¹⁰² (ANDRADE, 1978 *apud* GEROLDO, 2019)

Aqui está um dos pilares do debate. Após identificar as origens discursivas de um projeto que coloca a miscigenação enquanto identidade nacional, é importante ir além e compreender as consequências dessa perspectiva. Kabengele Munanga, no livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (2019) mostra como a mestiçagem foi pensada na mentalidade brasileira entre meados do século XIX e meados do século XX. Tanto em sua forma biológica quanto em sua forma cultural, e expõe como essa lógica acaba criando uma sociedade “uniracial” e “unicultural”.

Uma tal sociedade seria construída segundo o modelo hegemônico racial e cultural branco ao qual deveriam ser assimiladas todas as outras raças e suas perspectivas produções culturais. O que subentende o genocídio e o etnocídio de todas as diferenças

¹⁰¹ CARDOSO, **MODERNISMO E CONTEXTO POLÍTICO: A RECEPÇÃO DA ARTE MODERNA NO CORREIO DA MANHÃ** (1924-1937), São Paulo: Revista de História, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.98695>>. Acesso em 09 de jan. de 2021.

¹⁰² GEROLDO, Nanci. **MACUNAÍMA, O MITO DAS TRÊS RAÇAS E A SOCIEDADE BRASILEIRA. BRASIL PARA TODOS - REVISTA TERNACIONAL**, v. 7, n. 1 (2019), p. 31. Apud ANDRADE, Mário de. *Macunaíma. O Herói sem nenhum caráter*. 16ª ed. São Paulo: Martins, 1978.

para criar uma nova raça e uma nova civilização brasileiras, resultantes da mescla e da síntese das contribuições dos stocks raciais originais.¹⁰³

Munanga (2019) acrescenta que não houve discussão sobre alternativas de consolidação de uma sociedade plural pensando no futuro, uma vez que o Brasil nasceu historicamente plural. Essa perspectiva, que não abre brechas para um Estado realmente plurirracial, se dá pela contradição entre a nacionalidade e o “particularismo identificador”. É evidente quando a política do Estado se constitui em oposição aos particularismos étnicos, e, em contrapartida, promove apenas a identidade comum nacional e apaga as diferenças culturais. Ao analisar o recorte estipulado, 1938-1951, é possível notar como o Brasil, enquanto Estado, reforçava a ideia de uma identidade nacional, valorizando, principalmente, a figura do sujeito mestiço. O futebol, como já vimos, foi um dos espaços utilizados para defender e propagar a identidade brasileira, agora mestiça.

A grande façanha de Getúlio Vargas e da imprensa que o apoiava, assim como de uma parte intelectual, foi incentivar certa “valorização” dos aspectos mestiços da sociedade brasileira. Uma boa forma de exemplificar o acontecido são os dois textos de Gilberto Freyre, que serão analisados no capítulo seguinte, ambos contendo a exaltação de um caráter nacional a partir da figura do sujeito fruto da miscigenação. Esse comportamento de apresentar o mulato, que no seu nascimento é o resultado do covarde cruzamento de sangue, como confirmação de harmoniosas e saudáveis relações raciais no Brasil é desaprovado por Nascimento e reforçado por Munanga.¹⁰⁴

A respeito da experiência vivida no Brasil, no final dos anos 1930, com o regime varguista e ascensão de um nacionalismo que impediu o reconhecimento do Brasil enquanto um país plurirracial, o autor Jacques d’Adesky pontua:

É o caso, em especial, dos nacionalismos dos Estados multirraciais ou multiétnicos que constroem políticas assimilacionistas privilegiando a matriz cultural dominante. Na medida em que esses nacionalismos defenderam uma homogeneidade cultural, um pertencimento religioso ou histórico comum, eles podem impor, pelo recurso a veleidades totalitárias, modelos normativos que excluem os que são diferentes. O nacionalismo torna-se então um movimento voltado para desenraizar e homogeneizar, impondo àqueles que vivem no mesmo território um modelo normativo do humano.¹⁰⁵

¹⁰³ MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte, Autêntica, 2019, p. 85.

¹⁰⁴ MUNANGA, 2019, p.86.

¹⁰⁵ D’ADESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismos e Antir-racismos no Brasil.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 62.

Mesmo o momento entre as ditaduras, varguista e militar, o Brasil, em momento de relativa experiência democrática, não conseguiu avanços significativos para se reconhecer enquanto uma nação de formação plurirracial.

Ainda a respeito das consequências de reconhecer que a grande formação da identidade nacional teve como origem uma noção homogênea, colocando a mestiçagem em um local de destaque,

[...] pode-se entrever de novo o paradoxo da indiferenciação racial: o elogio à mestiçagem idealiza a abertura e a mistura, mas a alienação que ele encobre se apresenta, na realidade, como uma máquina de homogeneizar, unificar, padronizar “que leva o brasileiro a supor e desejar que os negros desapareçam pelo branqueamento progressivo. O paradoxo se anuncia com clareza: a cultura da mistura interracial, que aproxima e une, concebe o mestiço segundo o tipo ideal branco, depreciando o tipo negro por não corresponder ao padrão ideal.¹⁰⁶

Por fim, cabe destacar que o debate sobre um Brasil mestiço e racialmente harmônico antecede os anos 1930, como apontam as preocupações do IHGB já em meado do século XIX. Esse debate não acaba com Vargas e Freyre, continua ganhando novos elementos e visões.

1.3 O DEBATE RACIAL E A LEI AFONSO ARINOS: UM PAÍS QUE NEGA O RACISMO E CRIA UMA LEI PARA COMBATÊ-LO

No dia 3 de julho de 1951, o Brasil tornava contravenção penal a discriminação racial, a partir da aprovação da lei 1.390, que levou o nome de seu autor, o deputado federal pela UDN, Afonso Arinos de Melo Franco. Pela primeira vez, o preconceito racial foi matéria de penalização no país através de lei exclusiva.¹⁰⁷ Os anos que antecederam a criação da lei e o debate racial no qual está inserida é importante para a compreensão deste evento. As décadas de 1930 e 1940 são marcadas por experiências da Frente Negra Brasileira, Teatro Experimental do Negro e Convenção Nacional do Negro, organizações que mobilizaram debates e agendas sobre relações raciais durante este período.

A Frente Negra Brasileira (FNB) foi uma mobilização lançada em 1931 pela pequena classe média negra paulista e tinha como objetivo defender a integração dos negros à sociedade

¹⁰⁶ D'ADESKY, 2001, p. 128.

¹⁰⁷ GRIIN, Monica e MAIO, Marcos Chor. **O antirracismo da ordem no pensamento de Afonso Arinos de Melo Franco.** Topoi, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 33-45

brasileira a partir do ingresso e permanência nas escolas, isso é, pela formação, e, de acordo com Jacques d'Adesky, “por meio da rejeição dos valores negro-africanos”. Assim como imigrantes italianos fizeram ao chegar no Brasil, houve uma rápida incorporação de valores brasileiros e tal incorporação era vista, pelo movimento, como importante aspecto para ascensão social.¹⁰⁸

Por essa razão, a FNB sofreu críticas. Florestan Fernandes diz que “a Frente Negra não compreendia que a diversidade étnica poderia ser considerada como uma via de estruturação de consciência e de integração à nacionalidade brasileira”.¹⁰⁹ As denúncias de racismo e discriminação apresentadas pelo movimento faziam parte do desejo e expectativa de receber, em todos os locais frequentados, tratamento honrado e respeitoso, como forma de retificar as injustiças e realizar a integração completa a todos os âmbitos da vida dos negros no Brasil. Apesar disso, o procedimento da FNB deixa pontos para serem refletidos, tais como a falta de entendimento da complexidade da marginalização dos negros, uma vez que teorias sociais de pensadores como Silvio Romero e Nina Rodrigues acreditavam na inferioridade dos negros e superioridade dos brancos. Nesse aspecto, a simples integração do negro na sociedade brasileira não poderia se dar a partir de uma perspectiva diferenciada, restando assim, apenas a compreensão universalista.

Apesar do final da Frente Negra em 1937, seu discurso de integração absoluta dos negros à sociedade se apresenta como principal perspectiva de antirracismo no Brasil. A Frente Negra também esteve presente na Bahia e era ideologicamente parecida com a de São Paulo. Seus líderes estavam em Salvador e lutavam pela “plena integração dos negros – como cidadãos racialmente distintos, mas culturalmente indistinguíveis – na sociedade dominante”.¹¹⁰ Esse grupo que esteve à frente se enxergava como a elite que teria sido designada para nortear as populações negras na construção de uma moral, “ensinando aos negros pobres e sem instrução a crer, amar, e a venerar o Brasil civilizado”.¹¹¹

As mudanças intelectuais, culturais e políticas que aconteceram no Brasil entre as décadas de 1930 e 1940 criaram possibilidades para que afrodescendentes, em cidades como São Paulo e Salvador, passassem a se imaginar como “nacionais” – cidadãos plenos. O destaque para essas cidades é dado porque eram os lugares aonde a Frente Negra esteve presente com

¹⁰⁸ D'ADESKY, 2001, p. 152.

¹⁰⁹ D'ADESKY, 2001 apud FERNANDES, Florestan. **Heteronomia racial na sociedade de classes**. In: **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008. p. 299-403.

¹¹⁰ ALBERTO, 2017, p. 204.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 204.

maior força. No entanto, esse sentimento de pertencimento em relação à nação não se restringe às pessoas negras que vivam nas cidades destacadas.¹¹²

Pouco adiante, quando finda o Estado Novo, em 1945, a luta organizada contra o racismo torna a virar pauta, a começar pela primeira Convecção Nacional do Negro Brasileiro. Porém, segundo d'Adesky, esse movimento não consegue romper com certa identidade coletiva que não atenda aos anseios e valores ocidentais. Não obstante, chama atenção, no ano anterior, em 1944, a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), que pode ser considerado um movimento pioneiro na valorização do negro enquanto tal, reverenciando sua história, passado e cultura. O TEN foi fundado por Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, importantes figuras do movimento negro e das lutas antirracistas no país, e “tratava-se de um empreendimento de caráter pedagógico que tem por objetivo contribuir para que se desfaçam as tensões ainda discerníveis nas relações de raça no Brasil.”¹¹³ O TEN funcionou por mais de duas décadas nas áreas de educação e teatro, formando pessoas e oferecendo espaço para criar artistas e dramaturgias negras em combate ao racismo.

O TEN se formou com objetivo iminente de

escalar atores negros, profissionais e amadores, para papéis mais dignas do que os de serviçais, criminosos ou prostitutas que eram os que os negros tinham oportunidade de desempenhar no meio racialmente elitizado do teatro brasileiro.¹¹⁴

O Teatro teve importante atuação por mais de duas décadas nos campos de educação e teatro, colaborando para a formação de diversos profissionais do meio artístico e assistindo na alfabetização de adultos, sempre dando ênfase aos conteúdos raciais, como afirma Romão.¹¹⁵ Esse pode ser considerado um dos principais movimentos que mobilizou a população negra durante a década de 1940.

O TEN criou um jornal com o nome “Quilombo”, que dominou o cenário intelectual negro da cidade do Rio de Janeiro no decorrer da década de 1950. O impresso tinha aproximadamente três mil exemplares por edição. Ao passo que os grupos intelectuais e de militância negra iam se articulando e buscando um caráter mais nacional de suas pautas, os grupos de São Paulo e do Rio de Janeiro começam um diálogo que resultaria, em novembro de

¹¹² Para ver mais sobre a atuação da Frente Negra Brasileira, ver: ALBERTO, 2017, p. 161-215.

¹¹³ Depoimento do militante negro Aristides Barbosa. SANTOS, 2010, p.36, apud SILVA E ARAÚJO, 2005, p. 74.

¹¹⁴ ALBERTO, 2017, p. 230.

¹¹⁵ Ibidem.

1945, na primeira Convenção Nacional do Negro Brasileiro, que teve participação de membros de outras cidades.¹¹⁶

A Convenção Nacional do Negro Brasileiro em 1945 e o primeiro Congresso do Negro Brasileiro em 1950 são exemplos de movimentos que se mobilizaram para denunciar práticas racistas e defender a formação de uma identidade negra no Brasil, apesar de não terem atingido um número grande de pessoas pelo fato de se concentrarem, principalmente, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Tais movimentos, a despeito de lutarem contra o racismo, não escapam de certa europeização, mantendo princípios “integracionistas e nacionalistas”.¹¹⁷

As organizações e movimentos que fizeram defesa da pauta étnica e racial no Brasil entre o período de 1938-1951, seja em defesa de uma identidade negra que pode ser considerada como diferenciada, conforme defendia Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, seja como a integração universalista defendida pela Frente Negra Brasileira, criaram discursos e, em uma perspectiva foucaultiana, “o discurso produzido por esses movimentos produz conhecimento”.¹¹⁸

Para contribuir com o debate sobre as relações raciais e permitir um entendimento mais acertado, é preciso definir o que chamo de raça. Sobre a categoria raça, tem consonância a afirmação de que este termo destina, de modo simbólico, a uma origem comum que designa, de modo indeterminado, uma continuidade das descendências, parentesco, consanguinidade, hereditariedade de traços fisiológicos e sociais. Contudo, na perspectiva geneticista, o conceito de raça é desprovido de conteúdo ou valor científico. “Raça não é um conceito operacional. Portanto, não permite fixar, na área da pesquisa genética sistemas de classificação universal.”¹¹⁹

Ao examinar a história da humanidade, ela atesta a inconsistência de se pensar raça, sobretudo, a noção de raça pura. O que é contínuo na história humana são as “misturas biológicas”, sendo assim, não faz sentido afirmar, do ponto de vista biológico, a existência de uma raça latina ou uma raça viking. Os povos sempre se misturam e a diversidade da população mundial é a prova disso.¹²⁰ Sabido da indeterminação do termo “raça” e de sua perda de significado do prisma biológico, a pergunta que surge é: qual a razão de essa expressão ser ainda tão importante e usual para a vida contemporânea?

¹¹⁶ ALBERTO, 2017, p. 230.

¹¹⁷ SANTOS, 2010, p. 38.

¹¹⁸ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 82.

¹¹⁹ D’ADESKY, 2001, p.44.

¹²⁰ I D’ADESKY, 2001, p. 45.

Os argumentos apresentados por Ellis Cashmore a respeito do termo “raça” mostram que este é um *significante* variante, isto é, pode significar coisas distintas para pessoas diferentes, em lugares diversos na história. O modo pelo qual o significante “raça” é decifrado pelas pessoas é conhecido por *significado* e isso deve ser entendido na ordem do discurso¹²¹ – assunto que será abordado no capítulo três. Se está posto que raça é um conceito fraco e desconstruído nas ciências biológicas, e que este deve ser compreendido a partir de seus usos sociais, chego ao ponto da questão elaborada no parágrafo anterior. Assim, a ciência afasta o equívoco da noção biológica de raça e, conseqüentemente, qualquer fundamento do racismo. A noção de raça, apesar de desmontada pela biologia, segundo Taguieff (*apud* d’Adesky) “não faz desaparecer a evidência da raça simbólica, da raça percebida e, invariavelmente, interpretada”.¹²²

A raça permanece como componente importante da realidade social, ao passo que aplica, com base em características físicas visíveis, formas comuns de diferenciação, rotulando e categorizando comportamentos discriminatórios individuais ou coletivos.¹²³ Apesar das demonstrações das limitações do conceito biológico de raça e de sua construção histórica, “o racismo persiste enquanto fenômeno social, mesmo não mais justificado por fundamentos biológicos”, assim, “raça” deixou de ser uma realidade biológica para se tornar um artefato social, político e histórico. Para recapitular o debate feito até aqui, reitero que o conceito de raça apenas faz sentido dentro de um ambiente social, pois tal ideia mantém-se sendo importante componente da realidade vivida por diversas sociedades. Dessa forma, o Brasil é um país em que falar em raça faz todo sentido para entender as relações estabelecidas desde sua fundação. De acordo com d’Adesky,

No contexto da luta contra o racismo no Brasil, observa-se que a palavra raça é corretamente usada pelos líderes do Movimento Negro. O discurso ideológico mostra que seu emprego abrange diversas interpretações: a raça entendida como índice de diferenças fenotípicas classificatórias, a raça compreendida como sinônimos de povo, de grupo e, também, em menor grau, a raça baseada nos laços de sangue.¹²⁴

Enfim, o que tem mais significado para essa pesquisa é que a noção de raça permanece como importante fator político utilizado, nas palavras de Almeida (2018), “para naturalizar desigualdades e justificar o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários”

¹²¹ CASHMORE, Ellis (1994). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000. P. 451.

¹²² D’ADESKY 2001, p. 46.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ *Ibidem*.

(p. 24). A respeito do debate sobre raça, é possível dizer que ele se prolonga por muitos outros escritos, em diversos meios, pois trata-se de uma discussão bastante complexa. O que foi apresentado até aqui, contudo, é suficiente para indicar de qual compreensão de raça parte essa pesquisa.

Entendido o conceito de raça, posso falar sobre racismo. Uma busca rápida ao dicionário *Michaelis* considera racismo nos seguintes significados: (1) teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias). (2) Doutrina que fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras. (3) Preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia) diferente, geralmente considerada inferior. (4) Atitude hostil em relação a certas categorias de indivíduos. As significações que aparecem no dicionário são relacionadas a outras categorias concernentes à ideia de raça, são elas ‘preconceito e discriminação’.

Como o conceito de racismo é, em alguns momentos, confundido com outras categorias relacionadas a ele, é necessário definir o que estou dizendo quando falo racismo, aqui entendido como um modo sistêmico de discriminar, que utiliza a raça como base e se declara por meio de costumes inconscientes e conscientes que tem como resultado prejuízos ou privilégios para sujeitos, dependendo de seu pertencimento racial. Nesse sentido, racismo se diferencia de preconceito e discriminação racial, uma vez que o primeiro significa ter juízo sobre alguém fundamentado em características físicas que o fazem pertencer a um determinado grupo radicalizado; já o segundo, por sua vez, quer dizer tratamentos diferentes a sujeitos de grupos racialmente marcados.¹²⁵ Segundo Almeida, o racismo pode ser entendido como

“uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem”¹²⁶

O conceito descrito acima foi definido a partir do entendimento sofisticado de Silvio Almeida, descrito em seu livro *O que é Racismo Estrutural?*, texto em que o autor faz o movimento de entender, de modo teórico, a sociedade contemporânea a partir dos conceitos de raça e racismo, reconhecendo o racismo como elemento estruturante das relações sociais, econômicas e políticas da sociedade. Isto posto, os escritos de Silvio Almeida têm grande

¹²⁵ ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?** 1 ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018. p. 25.

¹²⁶ *Ibidem*.

significado para esta pesquisa; assim, o objetivo desse subcapítulo, para além de conceituar e entender o que é o racismo, é mapear o debate racial das décadas em estudo.

Mesmo com atitudes que devem ser consideradas antirracistas, tais como a criação da FNB, a primeira Convenção do Negro Brasileiro e fundação do TEN, todas a seu modo denunciando as injustiças raciais, essa conjuntura guardava dúvidas acerca das relações raciais vividas em nossas terras. O país era visto como um grande exemplo a ser seguido, isso no tocante à diversificação racial em que as relações se estabeleciam de forma otimista. Essa interpretação de Brasil ganha força no nosso recorte temporal, 1938-1951, fruto das políticas do Estado Novo em investir fortemente na ideia de que a pátria mestiça era a prova de que o país pode ser considerado um “laboratório racial”.

Vale destacar que a ideia do Brasil como um laboratório que se deve ou não ser seguido pelos estrangeiros é bastante comum. Para demonstrar isso, basta recorrer aos relatos de viajantes no século XIX, os quais escrevem sobre o Brasil apontando-o como um país exemplo a não ser seguido. Isso pela mistura racial degenerante. O viajante Agassiz, em 1865, faz a seguinte constatação:

“que qualquer um que duvide dos males da mistura das raças, e inclua por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que a separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo”.¹²⁷

Nessa conjuntura, colaborando com a ideia de que o Brasil vivia uma democracia racial, surge Gilberto Freyre, marcando uma nova fase do pensamento racial brasileiro, rompendo com antigos pensadores.

Gilberto Freyre (1933), ao introduzir o conceito antropológico de cultura nos círculos eruditos nacionais, e ao apreciar, de modo muito positivo, a contribuição dos povos africanos à civilização brasileira, representou um marco no deslocamento e no desprestígio que, daí em diante sofreram o antigo discurso racialista de Nina Rodrigues e, principalmente, o pensamento da escola de medicina legal italiana, ainda influente nos meios médicos e jurídicos nacionais.¹²⁸

¹²⁷ SANTOS. 2010, **Lorene dos. Saberes e práticas em Redes de Trocas**: a temática africana e afro-brasileira em questão. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte. p. 23 apud SCHWARCZ, Lilian Motriz. *Racismo à brasileira*. In: Ensino de História e cultura africana e afro-brasileira – Livro-texto (vários autores). Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2006, p.38.

¹²⁸ GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 3ª ed. FUSPFundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Editora 34- São Paulo, 2009.

Dessa maneira, pode-se considerar que o desenho do Brasil enquanto país livre, justo racialmente – quando injusto, é quase imperceptível – nasce, a partir de um mito fundador, uma nova nacionalidade, a qual Gilberto Freyre ajuda a construir, e apesar de não usar tais palavras *ipsis litteris* no livro *Casa Grande & Senzala*, a ideia de democracia racial pode ser lida.¹²⁹

Gilberto Freyre, na análise mais famosa sobre o assunto, usou o contraste com os Estados Unidos de forma efetiva em sua descrição da mistura racial e cultural do Brasil em *Casa Grande & Senzala*, de 1933. Em 1942, essa comparação recebeu o selo do meio acadêmico nos Estados Unidos com a publicação de *Negroes in Brazil* do sociólogo Donald Pierson (Universidade de Chicago), em que o autor descrevia a relativa ausência de preconceito racial na Bahia por meio de uma comparação e uma crítica às relações raciais no sul dos Estados Unidos.¹³⁰

Essa imagem do Brasil como um país harmônico chamou atenção de pesquisadores de todo o mundo, e fez com que o país se tornasse um local de estudos raciais em meados do século XX. Quando Arthur Ramos – médico e sociólogo – se torna diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, reúne um grupo para estudar as relações raciais nas cidades brasileiras, sob incentivo e financiamento daquela organização.

O resultado do projeto, ao invés de validar a ideia do Brasil enquanto um país democrático racialmente, denuncia que a realidade era de forte preconceito e discriminação racial.¹³¹ No entanto, as conclusões se apresentaram de forma mista. Por um lado, as teorias sobre as relações raciais harmoniosas foram negadas, e para justificar tal negativa, os pesquisadores apresentaram o argumento de que, do ponto de vista econômico e social, a população negra se encontrava em desvantagem. Em contrapartida, uma segunda conclusão encontrada pelos pesquisadores foi a de que a causa da discriminação no Brasil não estaria na raça e sim na classe.¹³²

Após o resultado dos estudos, é possível dizer que os indícios já apontavam que a afirmação de um país harmônico racialmente deveria ser considerada um mito. Mesmo assim, o mito da democracia racial não poderia ser interpretado apenas como uma falsa consciência, uma vez que a busca pela democracia racial foi e continua sendo uma importante luta das populações negras. E como uma dessas requisições, aparece a primeira lei que condena a

¹²⁹ SANTOS, 2010, p. 54.

¹³⁰ ALBERTO, 2017, p. 251.

¹³¹ SANTOS, 2010, p. 32.

¹³² ALBERTO, 2017, p. 252.

discriminação racial, Lei Afonso Arinos. Alguns anos antes, em 1946, houve uma tentativa de emenda ao artigo 159 da Constituição. O deputado pelo PTB Manoel Benício Fontenelle, influenciado pelo diretório negro do partido, propôs à Câmara que o artigo “todos os brasileiros são iguais perante a lei” fosse incluído “sem distinção de raça e de cor”; no entanto, sua proposta foi negada.¹³³

Passados alguns anos, o Brasil, finalmente, aprova a lei que condena a discriminação racial e, ao fazê-lo, está, automaticamente, reconhecendo a existência do racismo. A evidência de que os episódios de discriminação racial passaram a ser objeto de uma lei, *a priori*, indica que a sociedade brasileira pretende combater tais atos, uma vez que a legislação “protege os valores, bens e relações considerados mais importantes em uma sociedade. De maneira especial, o direito penal cuida de combater as condutas reputadas como mais lesivas à sociedade, proscurendo-lhes penas”.¹³⁴ Em vista disso, é comum, a partir da consideração de que o fato de o Estado brasileiro legislar em favor de penalizar a discriminação racial, atribuir ao povo brasileiro repulsa a práticas discriminatórias.

Apesar disso, a aprovação da lei pode ser entendida como uma consequência da luta dos grupos que fizeram defesa a população negra desde o começo da década de 1930. É incorreto atribuir à sociedade brasileira uma consciência antirracista, ainda que a Lei tenha sido sancionada, pois, como apresenta Campos,

A boa receptividade da Lei 1.390/51 pela maioria dos segmentos sociais contrasta com a sua pouca aplicação aos casos de discriminação racial e, conseqüentemente, com a ausência quase total de condenações com fundamento nessa lei. Esse contraste provoca uma reflexão sobre os motivos pelos quais a vontade da sociedade, objetivada na lei, não conseguiu prevalecer nas práticas das relações cotidianas.¹³⁵

Não é desapropriado entender que a lei Afonso Arinos, além do reconhecimento, por parte do Estado brasileiro, da existência da discriminação racial, foi também um mecanismo criado para combatê-la, uma prática muito viva no Brasil de meados do século XX. Nessa ótica, surge o seguinte questionamento: como é possível compreender o discurso de Mário Filho, em 1947, quando este afirma que o futebol seria um espaço que teria superado o racismo? É buscando compreender essa questão que problematizo a construção discursiva sobre

¹³³ ALBERTO, 2017, p. 241.

¹³⁴ CAMPOS, Walter de Oliveira. **A LEI AFONSO ARINOS E SUA REPERCUSSÃO NOS JORNAIS (1950-1952):** entre a democracia racial e o racismo velado. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista: Assis, 2016, p 47.

¹³⁵ Ibidem.

especificidade do futebol brasileiro como um campo marcado pela mestiçagem que, supostamente, nos levou à democracia e à harmonia racial.

Mais um aspecto importante a ser considerado sobre o contexto no qual a promulgação da Lei Afonso Arinos é que, apesar de teoricamente sua criação visava combater a discriminação racial, percebe, que na prática, a legislação não teve efeitos transformadores. A esse respeito, Nascimento, ao relatar sobre a discriminação racial nos anúncios de empregos, diz que “depois da lei, os anúncios se tornaram mais sofisticados que antes: requerem agora pessoas de boa aparência.”¹³⁶ Um termômetro para medirmos as dificuldades enfrentadas pela população negra no Brasil, em meados do século XX, é o mercado de trabalho. Nisto, Oliveira diz:

Os dados do censo de 1950 nos revelam o drama da população negra no que se refere à distribuição ocupacional. Neste ano, o estado da Bahia possuía uma população de quase cinco milhões de habitantes e, deste total, 70% eram de negros/as. Uma vez sendo a maioria da população, seria natural que os/as negros/as ocupassem lugares de destaque no seio da estrutura social, mas por conta do racismo estrutural, a realidade era completamente inversa. Entre os/as empregados/as, ou seja, aqueles/as que exerciam algum tipo de trabalho remunerado de baixo escalão, negros/as representavam 76%. Os/as brancos eram apenas 23%.¹³⁷

As condições ultrajantes de trabalho da população de cor compunham o projeto de marginalização e afastamento do negro após abolição da escravatura. Tal fato é sentido pela população negra no Brasil durante o período da promulgação da Lei, em 1950.¹³⁸

Resta ainda dizer que a criação da Lei Afonso Arinos pode ser interpretada como uma ação de “proteção” de uma classe política conservadora, que visava salvaguardar a imagem internacional do Brasil como um ambiente harmônico racialmente. Dessa forma, apesar da criação da Lei ser influenciada pelas lutas antirracistas, como o TEN, FNB e outras experiências individuais e coletivas de intelectuais negros, sua efetivação esteve mais ligada a artifícios para manter uma imagem. A vida da população negra no país teve pouca ou nenhuma mudança, marcando assim, mais permanências do que rupturas.

¹³⁶ NASCIMENTO, 2016, p. 97

¹³⁷ OLIVEIRA, Felipe Alves de. **Nosso imperativo histórico é a luta:** intelectuais negros/as insurgentes e a questão da democracia racial em São Paulo (1945-1964). 2020, p. 43. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

¹³⁸ Para ver mais sobre a situação dos negros no Brasil durante em meados do século XX ver: OLIVEIRA, Felipe Alves de. **Nosso imperativo histórico é a luta:** intelectuais negros/as insurgentes e a questão da democracia racial em São Paulo (1945-1964). 2020, 196 f

CAPÍTULO 2:

MÁRIO FILHO E SEU O LIVRO *O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO*: A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA EM PROL DA HARMONIA RACIAL

O seguinte capítulo aborda, em um primeiro momento, questões relativas à vida e trajetória profissional de Mário Filho, bem como consiste em uma tentativa de introduzir ao leitor a concepção do jornalista sobre relações raciais no Brasil – questões que serão melhor desenvolvidas no capítulo três. Em um segundo momento, será apresentada a estrutura do livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, evidenciando cada capítulo juntamente com seu desenvolvimento e o discurso utilizado por Filho, além de discorrer sobre suas influências e seus círculos de sociabilidade, os quais influenciaram sua escrita.

2.1 QUEM FOI MÁRIO FILHO?

Mário Rodrigues Filho nasceu na capital pernambucana, em uma família de classe média alta, aos 3 de junho de 1908. Mário Filho como ficou conhecido, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança, em 1916. Uma década após a chegada na então capital do país, ao lado de seu pai Mário Rodrigues, iniciou sua carreira jornalística em um periódico de propriedade de sua família, chamado “A Manhã”. A estreia da sua carreira ocorreu como repórter esportivo, ramo jornalístico que ainda dava os primeiros passos no Brasil.¹³⁹

Muito animado com o recém esporte bretão, o jovem repórter se dedicou a cobrir partidas de futebol. O modo como escrevia as reportagens contribuiu para um avanço desse esporte na cidade do Rio de Janeiro. José Sergio Leite Lopes escreveu:

Mário Filho e sua prática na imprensa esportiva dos anos de 30 consegue contribuir para inverter o perigo de enfraquecimento do futebol, transformando-o em espetáculo

¹³⁹ COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. 202 f. Dissertação (História Social) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4026972.pdf>> Acesso em: 05 de jun. De 2020.

para o grande público: suas campanhas, seus concursos e conceitos encontram grande receptividade.¹⁴⁰

Pode-se dizer que as matérias e reportagens de Mário Filho contribuíram com a popularização do futebol. O jornalista utilizava um vocabulário popular, um modo de expressar mais próximo daqueles que estavam nas arquibancadas, utilizando cada vez menos as palavras que eram pronunciadas em inglês. Modificou, desse modo, a linguagem que envolvia o futebol.

Outra inovação realizada por Mário Filho, que pode ser considerada um avanço da imprensa esportiva, foi a utilização de mais imagens, inclusive do momento das partidas e dos eventos esportivos. O Jornal dos Sports, sob direção de Mário Filho, foi pioneiro ao utilizar menos fotografias formais – fotos tradicionais com os jogadores engravatados – e ao adotar mais fotos dinâmicas – aquelas tiradas em ação nos campos.

Mário Filho acabou com as tradicionais fotos dos jogadores de gravata e paletó, substituindo-as por fotografias deles em ação nos campos, com o uniforme do clube, geralmente em closes ampliados. As matérias assim ilustradas, com textos de eventos interessantes e grandes manchetes, transformaram o futebol em algo que ajudava a vender jornal.¹⁴¹

¹⁴⁰ LOPES, José Sérgio Leite. **A vitória do futebol que incorporou a pelada** – A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. Revista USP, Dossiê Futebol, n. 22, 1994, p. 77.

¹⁴¹ MEINICKE, Thaís. **Imprensa esportiva carioca: surgimento, modernizações e segmentação**. Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, p. 7, 2011.



O Bangu Receberá Amanhã a Visita do São Christovão. Rio de Janeiro: Jornal dos Sports, p. 2, 02/01/1938. 1
foto dinâmica, preto e branco.

Em 1931, Mário Filho deixa o periódico pertencente a sua família, e, com a crescente fama no ciclo jornalístico local, assume a redação da área esportiva do jornal “O Globo”, de propriedade de Roberto Marinho. Neste novo trabalho, o jornalista começa a publicar suas primeiras colunas que serviram de base para, mais tarde, serem transformadas em seus livros sobre futebol. Entre os anos de 1941 e 1947, Filho escreveu no periódico de Roberto Marinho a coluna chamada “Da primeira fila”. A coluna era composta por crônicas que, posteriormente, foram transformadas em um de seus principais livros: *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. A ligação profissional com o O Globo durou até o ano de 1952, quando deixou a direção do Globo esportivo – setor daquele jornal, e se manteve apenas na direção do Jornal dos Esportes.

Além da atividade profissional nos periódicos, Mário Filho atuou no campo literário, publicando onze livros ao longo de sua carreira, a saber: 6 com temática sobre futebol – Copa Rio Branco (1943), Histórias do Flamengo (1945), O Negro no Futebol Brasileiro (1947), Romance do Football (1949), Copa do Mundo de 62 (1962), Viagem em Torno de Pelé (1964) – e 5 com caráter de romance – Bonecas (1927), Senhorita 1950 (1928), O Rosto

(1965), *Infância de Portinari* (1966), *Sapo de Arubinha (Crônicas reunidas)* (1994). Em uma entrevista ao jornal O Globo, disse: “O jornal jamais prejudicou minha vida literária. Sempre tive a preocupação de transportar para o jornal o que viria a ser a crônica, o conto e o romance”.¹⁴² Por meio de suas obras, Filho tenta construir a história do futebol carioca, mesmo que em alguns momentos o autor afirme que escreve a história do futebol em uma perspectiva nacional.

Um dos momentos singulares na vida de Mário Filho é quando ele faz um empreendimento de compra do *Jornal dos Sports*¹⁴³, em 1936, e passa a trabalhar tanto no JS quanto no O Globo, até 1952. O JS já existia, foi fundado em março de 1931 pelos parceiros Argemiro Bulcão – jornalista que já dirigia o *Rio Sportivo* – jornal com duas publicações por semana – e Ozeás Mota – empresário do setor gráfico.¹⁴⁴ Antes de Mário Filho assumir o JS, o *design* do jornal era padrão e impresso em preto e branco; assim que aquele o assume, passa a ser impresso em papel rosado, que passou a ser uma das marcas do jornal: inspirado no francês *L’Auto*.¹⁴⁵

Uma das características do JS foi a utilização de um “discurso em prol da disciplina, da harmonia e da educação, moldando uma representação de homem moderno”.¹⁴⁶ Cabe ressaltar que o jornal está inserido no contexto varguista, o qual favorecia a difusão de ideias que valorizavam a disciplina como forma de pedagogia para formar a nação brasileira, ideia que posteriormente será trabalhada neste capítulo.

Também, a noção de brasilidade é ponto marcante do discurso de Mário Filho e do *Jornal dos Sports*. Essa perspectiva não era atribuída exclusivamente aos atletas, visto que, em alguma medida, o jornal tinha intenção de representar toda sociedade. É plausível notar o tom instrutivo da conjuntura política e social que vivia o Brasil, nas formas de representação feitas pelo jornal, e é possível perceber esse ‘tom’ na matéria escrita por José Lins do Rego com título “Festas para os Atletas”:

Devemos receber com as festas que merecem os bravos campeões de Montevideu.
Devemos homenageá-los como verdadeiros heróis, estes jovens que longe da pátria,

¹⁴² O GLOBO. Memória. **Mário Filho**. Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/mario-filho-1-12047153>>. Acessado em: 20 de dez. de 2020.

¹⁴³ Abreviaremos a seguir *Jornal dos Sports* por JS.

¹⁴⁴ COUTO, André Alexandre Guimarães. **Do foot-ball ao futebol: a criação do jornal dos sports e a imprensa esportiva no rio de janeiro (1931-1950)**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, p. 2, 2017.

¹⁴⁵ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980**. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 86 2012.

¹⁴⁶ COUTO. 2017, p. 6.

sem o calor familiar dos aplausos de sua gente, souberam ganhar para os esportes brasileiros o título máximo do Continente Sul. As massas no Brasil só se agitam, em campanhas esportivas, pelas vitórias do football. Como povo estou também sujeito aos mesmos entusiasmos. No entanto, um Bento de Assis representa, com suas vitórias espetaculares, uma conquista radical para a raça que se forjou aqui nos trópicos. É um tipo perfeito de atleta brasileiro. É um homem de cor que põe por terra todas as bravatas do racismo. É uma glória do seu povo, uma expressão de valor físico e moral que assinala um triunfo contra preconceitos de mestres de sociologia apressada. Eu não teria dúvida de exhibir um Bento de Assis às conclusões arianistas do mestre Oliveira Viana. O atletismo, no mundo, tem, mais de uma vez, destruído as arrogâncias de teorias arrogantes.¹⁴⁷

O jornalista se tornou um dos nomes mais importantes da imprensa futebolística na cidade do Rio de Janeiro. O maior estádio de futebol construído na época, o estádio do Maracanã, foi batizado com seu nome: Mário Filho. Sua fama se deu principalmente pela posição que assumiu com sucesso de seu jornal. Filho esteve à frente do JS até o fim de sua vida, em 1966. É importante destacar que, para compreender Mário Filho, é preciso ir além, e perceber as influências políticas que ele teve dentro e fora do ambiente esportivo. Tais influências permitiram ao jornalista acessar grupos que o transformaram em destaque e fizeram com que se tornasse um dos ícones ao falar de esporte no Brasil nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Mário era irmão de Nelson Rodrigues – escritor, cronista, romancista, consagrado por sua produção teatral – o que o possibilitava circular em grupos seletos da elite carioca em meados do século XX.

Mário Filho era cunhado do ex-presidente do Flamengo, Bastos Padilha, e tinha amizade com Arnaldo Guinle, um dos dirigentes do Fluminense. Essas são duas dentre várias amizades que o jornalista mantinha no meio esportivo. Tais proximidades faziam com que ele tivesse acesso aos jogadores e dirigentes dos principais clubes do Rio de Janeiro. De acordo com Ruy Castro, na biografia feita sobre Nelson Rodrigues,

Mário Filho tornara-se uma celebridade nos meios esportivos. Era tão famoso quanto os atletas. Podia ser visto à beira dos gramados, das quadras, dos ringues, das pistas e das piscinas, perguntando e anotando tudo. Frequentava também os bares e cafés favoritos de cada time: o Flamengo no ‘Rio Branco’, o Vasco no ‘Capela’, o América, no ‘Mourisco’. Até que começou a marcar suas entrevistas no ‘Nice’, na Galeria Cruzeiro, apenas porque ficava ao lado de ‘O Globo’.¹⁴⁸

¹⁴⁷ JORNAL DOS SPORTS. **Festas para os Atletas**. p. 3, 27 de abr. de 1945. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_01&pasta=ano%20194&pesq=racismo>. Acessado em 12 de jan. de 2020.

¹⁴⁸ CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 131, 1992.

Além de boa circulação nos meios esportivos e jornalísticos, essa interação fez com que Mário Filho fosse inserido também no campo político, intelectual e literário. Índícios sobre a circulação do dono do *Jornal de Sports* no meio intelectual da época podem ser observados por meio da presença de diversos literatos e cronistas na composição da equipe daquele jornal, todos seus empregados. No rol de nomes que compunham a redação do periódico esportivo carioca de propriedade de Filho, estavam, dentre outros, José Lins do Rego, João Lyra Neto e Manuel do Nascimento Vargas Neto, todos com notória participação intelectual e política no contexto dos anos 1930 e 1940.

Uma atividade de Mário Filho de grande relevância para a compilação de informações que lhe trariam conteúdo para a escrita de seu livro foi o “café com os entrevistados”. Essa ação fez com que sua rede de relacionamentos se tornasse ainda maior. O cafezinho no Café Nice foi uma série de entrevistas com jogadores, torcedores, jornalistas e tantas outras celebridades. Mário Filho também frequentava outros espaços que o proporcionavam contato com diversos jornalistas, intelectuais, literatos e políticos do período. Lugares como a Confeitaria Colombo e a Livraria José Olímpio estão entre os principais locais visitados por ele. Mário Filho ainda frequentava os bares prediletos dos torcedores de cada um dos times do Rio de Janeiro.¹⁴⁹ Gomes (1993), chama atenção para a importância de determinados locais, tais como os cafés, para a construção de um campo de produção cultural:

“Salões, cafés, Casas, editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a Correspondência de intelectuais são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias”.¹⁵⁰

O entendimento de que Mário Filho fazia parte da composição desses espaços torna possível perceber que em sua obra há a “colaboração” de diversas pessoas, o que o autor francês Pierre Bourdieu entende como sistema de referências comuns.¹⁵¹

2.2 O LIVRO O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO

¹⁴⁹ HAAG, Fernanda Ribeiro. **Mário Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro.** *Esporte e Sociedade*, Ano 9, n. 23, 2014, p. 4.

¹⁵⁰ GOMES, Ângela de Castro. “**Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo**”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 65.

¹⁵¹ Para saber mais sobre sistema de referências comuns, ver: BOURDIEU, P. **Por uma ciência das obras.** Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

A primeira edição do livro foi publicada em 1947 e tem capa amarelada, com o título do livro escrito em caixa alta na cor avermelhada. Abaixo dos escritos há a imagem de um rosto, uma bola de futebol e as balizas de uma trave. Na parte superior da capa há o nome do autor e, em destaque, a informação de “prefácio de Gilberto Freyre”, e, na parte inferior, o nome da editora Pongetii.

O livro *NFB* foi publicado com a seguinte composição: dois textos introdutórios – ‘Nota ao Leitor’, escrita por Mário Filho, e o ‘Prefácio à 1ª edição’, de Gilberto Freyre –; quatro capítulos, a saber: Raízes do Saudosismo, O Campo e a Pelada, A Revolta do Preto e, por último, A Ascensão Social do Negro. São nessas quatro partes que o autor constrói uma narrativa de que o futebol vai se tornando brasileiro à medida que os jogadores negros começam a integrar o esporte. Auxiliado pelo paratexto de Freyre, Filho argumenta que o futebol, em sua origem no Brasil é um fenômeno branco – estrangeiro – e que aos poucos torna-se mestiço, portanto, brasileiro.

Existem algumas contradições acerca da publicação do livro. O número de exemplares publicados é uma delas, pois permite múltiplas interpretações, como a de Antônio Jorge Soares (1998) e a de Fernanda Haag (2014). Ambos constroem sua argumentação pautados na tiragem apresentada no livro: 100 exemplares a serem comercializadas e 20 para fora do comércio. Segue a descrição feita por Soares: “A obra tem 295 [páginas] e, segundo consta no próprio livro, imprimiram-se 100 exemplares no formato 25x20, em Papel Holanda, numerados de 1 a 100 [...] e 20 exemplares numerados de I a XX, fora de comércio”.¹⁵² Haag caminha na mesma direção e acrescenta: “tiragem bem pequena para a época, mesmo que não fosse o período de ‘boom’ editorial da década de 30, o mercado possibilitava tiragens bem maiores.”¹⁵³

O entendimento de ambos sobre o livro parte de uma tiragem reduzida, e de outros elementos analisados. Um dos indícios apontados é a dedicatória para alguns intelectuais e acadêmicos encontrada nos materiais examinados. Essas inscrições fizeram os pesquisadores entenderem que a intenção de Mário Filho, ao realizar a publicação, era que esta circulasse em ambientes selecionados, principalmente no meio intelectual.

Haag (2014) aponta que o livro foi endereçado a um determinado público, circunscrito aos intelectuais que conviviam com Mário Filho, sugerindo que o jornalista almejava a aprovação de tal grupo. Para isso, a autora apoia seu argumento nos seguintes pontos: o livro

¹⁵² SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 16.

¹⁵³ HAAG. 2014, p. 7.

acessado por ela tinha uma dedicatória a Pedro Calmon, professor e membro da Academia Brasileira de Letras desde 1939, transeunte do meio acadêmico; o convite de Mário Filho a Gilberto Freyre para escrever o prefácio de seu livro; e, por fim, as críticas que o livro recebeu de importantes intelectuais.¹⁵⁴

Uma visão diferente a respeito da intenção de Mário Filho ao publicar o livro *NFB* aparece em Tonet (2019). O autor se propõe a fazer uma reinterpretação ao apresentar que, na verdade, foi produzida simultaneamente das edições do livro. Uma edição conhecida por ‘Edição de Luxo’, com o valor à época de Cr\$200,00, e uma outra ‘Edição comum’ ou ‘popular’, com o custo de Cr\$30,00. Para chegar a esta conclusão, foram pesquisadas edições do *Jornal dos Sports* posteriores à publicação do livro, e foram consultados os jornais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional dos anos de 1947 a 1949. Dessa forma, o autor aponta que a edição popular foi feita sem numeração e endereçada ao público em geral.¹⁵⁵

Sendo assim, tudo indica que Mário Filho não se desviou ao desejo de atingir as massas com seu livro predileto, como fazia no jornal. O livro possuía duas tipologias, preços distintos, várias formas de acesso e possibilidades de compra.¹⁵⁶

Apesar de não haver meios para mensurar a circulação do livro na edição comum, é possível perceber as facilidades de se chegar ao livro, além do preço, que o coloca muitas vezes mais acessível do que a edição de luxo. Parece-me oportuno apresentar que o valor do salário mínimo no ano de 1947 era de Cr\$ 380,00.¹⁵⁷

A distribuição do livro era exclusividade da livraria Civilização Brasileira. Assim, quem quisesse comprar um exemplar, poderia ir à livraria ou à redação do *Jornal dos Sports*. Outra maneira de comprar o livro era via serviço postal, em que se enviava o pedido para o jornal a partir de um *voucher* disponível nas páginas do JS. Essa opção aponta para a ampliação da possibilidade de se adquirir o livro de Mário Filho.

¹⁵⁴ HAAG. 2014, p. 8.

¹⁵⁵ TONET, Vinicius Garzon. **Correção histórica:** Mario Filho, “O negro no foot-ball brasileiro” e a quantidade de exemplares em circulação em 1947. *Ludopédio*, São Paulo, v. 117, n. 22, 2019. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/correcao-historica-mario-filho-o-negro-no-foot-ball-brasileiro-e-a-quantidade-de-exemplares-em-circulacao-em-1947/>>; Acessado em: 23 de nov. de 2020.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ PAIM, Paulo. **Salário Mínimo uma história de luta.** SENADO FEDERAL, 2005.



Anúncio de Voucher do livro “O Negro no Foo-ball Brasileiro”. Rio de Janeiro: Jornal dos Sports, 21/03/1947, p. 3. 1 foto, preto e branco. Apud TONET.

Particularmente, me aproximo da interpretação de Tonet a respeito das intenções de Mário Filho. Entendo que o escritor e jornalista tinha pretensões de ter seu texto aprovado pelo grupo de acadêmicos e intelectuais. Um indício para essa assertiva é identificado na inscrição, com letras em caixa alta na capa informando que a obra traz “Prefácio de GILBERTO FREYRE”. Ter a chancela de um dos principais pensadores da época seria como uma porta de entrada para o mundo dos acadêmicos. Não é descabido, inclusive, dizer que Filho tinha pretensões de ser lido como um dos intelectuais. Ora, no texto de ‘Nota ao Leitor’, na primeira edição do livro, está escrito: “Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações exaustivas”.¹⁵⁸ Ao dizer sobre o cuidado que teve em verificar seus dados e fontes o autor se coloca nesse lugar ocupado pelos historiadores, o qual pode ser lido, também, como intelectuais.¹⁵⁹

¹⁵⁸ RODRIGUES FILHO, 1947.

¹⁵⁹ A palavra intelectual está sendo usada para caracterizar aquele sujeito(a) que se ocupava, geralmente, com algum trabalho acadêmico ou tinha como suas tarefas escrever. Reconheço que este uso não é o mais apropriado,

Ao mesmo tempo em que é possível dizer que Mário Filho pretendia a aprovação dos intelectuais e, em alguma medida, quis compor esse grupo, o contrário a isso também é pertinente. O argumento de que o texto foi escrito em uma linguagem bastante comum, um vocabulário bem próximo da língua falada, faz com que seu livro seja direcionado ao público geral. Somado a isso, tem a questão do acesso ao livro, que primeiro se deu pelo jornal, uma vez que já havia sido publicado no jornal O Globo, e depois pela edição popular.

Mensurar o alcance imediato do livro não é realizável, mas, apesar disso, o impacto do discurso criado em seu livro é verificado até a atualidade. A influência de Mário Filho naqueles que escrevem e estudam futebol será o último tópico deste capítulo.

Ao escolher o futebol para acessar o debate racial entre os anos 1938 e 1951, é necessário avançar na explicação da escolha da fonte deste trabalho, a razão pela seleção do livro de Mário Filho para auxiliar nesse debate. O autor apropria-se de um discurso que já vinha sendo desenvolvido por Gilberto Freyre desde suas primeiras falas sobre o futebol.¹⁶⁰

Mário Filho, em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, desenvolve uma narrativa de que o futebol brasileiro é uma singularidade, e que este esporte foi desenvolvido desta maneira a partir das características do povo brasileiro, miscigenado e, principalmente, influenciado por traços da cultura africana. Dessa forma, a concepção de uma identidade nacional forjada pelo futebol seria um evento inédito e somente brasileiro, pois fora criado pelo “futebol mulato”, traço de nossa cultura e brasilidade. A esse respeito,

Suas ideias de miscigenação são claramente influenciadas pelo intelectual Gilberto Freyre que também defenderia o estilo brasileiro de jogar, as virtudes do mulatismo, a técnica coreográfica do negro ao driblar, ao passar, ao inventar, em oposição ao estilo anguloso do europeu. Não por acaso, Freyre vai prefaciar a primeira edição deste livro de Mário Filho, dando, desta forma, seu aval científico e acadêmico à obra do jornalista/cronista. Aqui temos uma clara e direta relação intelectual de Mário Filho com toda uma discussão daquele momento, levantada por Gilberto Freyre, sobre a miscigenação e, sobretudo, sobre a identidade racial do povo brasileiro. “O Negro no Futebol Brasileiro” é uma verdadeira ode aos feitos de jogadores mulatos e negros e uma crítica feroz às injustiças esportivas que alguns destes jogadores sofreram em momentos cruciais de suas vidas.¹⁶¹

mas está no texto para melhor compreensão do contexto. Uma boa definição de intelectual está no texto seguinte, ver: SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993, 2005.

¹⁶⁰ Falaremos mais sobre Gilberto Freyre no tópico dedicado a ele, 3.1.

¹⁶¹ COUTO, 2011, p. 103.

Por isso o destaque dado ao pensamento de Gilberto Freyre sobre o futebol e sua influência na geração daqueles que estavam elaborando uma nova interpretação do Brasil. De acordo com Soares Apud Skidmore, Freyre

“tornou-se o autor de não-ficção mais lido no Brasil porque foi capaz de tomar uma das questões que mais preocupavam a elite brasileira – se a supremacia branca nos Estados Unidos indicava o caminho único para o desenvolvimento nacional – e virá-la de ponta-cabeça”.¹⁶²

A publicação de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, em 1933 aborda a temática da miscigenação enquanto uma das marcas da brasilidade, o que coloca o sociólogo pernambucano em posição de destaque entre aqueles que tinham a ocupação de construir uma nova imagem para o Brasil. Em oposição, estão nomes como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Viana, autores que não estiveram preocupados em criticar o regime colonial, mas sim em atribuir à miscigenação o empecilho para o desenvolvimento do Brasil.¹⁶³ Freyre vê na miscigenação as razões para a construção de uma população mais forte, em oposição às teorias eugênicas e higienistas. Assim, o futebol se apresenta, aos olhos de Freyre, como prova de que essa sociedade miscigenada era a verdadeira face do Brasil, que enfim havia se acertado.

A narrativa do livro apresenta o futebol como tendo origem, no Brasil, na alta sociedade, e posteriormente “caindo nas graças” do povo e se espalhando pela cidade, passando então a fazer parte dos hábitos das pessoas da periferia, da população pobre e negra. A partir de sua propagação, o domínio da elite sobre a prática esportiva, do mesmo modo que seus padrões, passa por um momento de enfraquecimento. Visando barrar a participação de novos grupos e setores populares no futebol, a classe que ainda domina as normas das competições reage de modo coordenado para coibir seu crescimento.

Ainda assim, o grupo que almejava conservar o futebol limitado apenas à elite branca é desapontado, quando enxerga que essa não era mais uma possibilidade. O desenvolvimento crescente rumo a popularização da prática do futebol, com ingresso de pessoas pobres e, especialmente, com a inserção de jogadores negros que se tornaram indispensáveis para conquista e boas atuações das equipes, já era uma realidade. Por fim, Mário Filho conclui o livro sugerindo que o futebol havia superado o racismo, ao dizer “porque em *foot-ball* não havia

¹⁶² SOARES, Antônio Jorge. **Futebol brasileiro e sociedade**: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. 2003, p. 148. Apud SKIDMORE, Thomas. **O Brasil visto de fora** (Rio de Janeiro: Paz e Terra), 1994, p. 42.

¹⁶³ MUNANGA, 2019.

mais nem o mais leve vislumbre de racismo”¹⁶⁴ e reforça “um preto marca um *goal*, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O *goal* é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco”.¹⁶⁵

A narrativa do livro está organizada de forma cronológica, apresentando alguns eventos e acontecimentos desde a chegada do futebol até sua popularização. Essa forma de expor sua narrativa não aparece no texto de forma despretensiosa. Como uma das teses de Filho é atribuir ao futebol a democratização e a vitória frente ao racismo, é mostrado como a noção de progresso está implícita e é um aspecto fundamental de seu texto.

Quando o jornalista estava escrevendo *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, deixa claro que ele pode “estudar separadamente várias épocas do *foot-ball* brasileiro, ou, melhor do *foot-ball* carioca, cuja história não de diferir, em essência, de nenhuma outra dos grandes centros esportivos do Brasil”.¹⁶⁶ A pretensão do autor de fazer uma história nacional do futebol a partir de histórias que pertencem apenas ao Rio de Janeiro evidencia que o livro tem ambições que não podem se realizar, a não ser que Filho apague todas as singularidades sociais e culturais de cada parte do país. A cidade do Rio de Janeiro, o estado do Rio de Janeiro, a região Sudeste não são o Brasil como um todo e, portanto, não têm condições de representar o Brasil em sua totalidade.

CAPÍTULO 3:

GILBERTO FREYRE E MÁRIO FILHO: A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO SOBRE A BRASILIDADE A PARTIR DO FUTEBOL

¹⁶⁴ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 293.

¹⁶⁵ Ibidem.

¹⁶⁶ Ibidem, s/p.

O terceiro capítulo será dedicado para o desenvolvimento das análises das fontes, diferente dos capítulos anteriores, que se desenvolveram de forma mais expositiva, realizando uma revisão bibliográfica e apontando alguns debates dentro da historiografia sobre o futebol, o contexto social e político, e a respeito dos personagens Mário Filho e Gilberto Freyre. O caráter das partes deste texto é puramente analítico. Parto da hipótese de que os textos de Gilberto Freyre e o livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, do autor Mário Filho, contribuíram para a difusão de ideias sobre um Brasil harmônico racialmente.

É importante, antes de adensar no capítulo, entender o conceito de brasilidade. Segundo Darcy Ribeiro, essa concepção “surge a partir do momento em que os descendentes do continente africano que aqui estavam, [...] passam a propagar o português como língua e também a ser associados como ‘o brasileiro’”.¹⁶⁷ No recorte temporal dessa pesquisa, pode se entender a brasilidade enquanto incorporação progressiva da multietnicidade, em que ocorre a assimilação e modificação de uma cultura pré-migratória em contato com outra, tonando o conceito fluido e historicamente mutável.

3.1 GILBERTO FREYRE E O DISCURSO DE BRASILIDADE EM *FOOT-BALL MULATO*, E NO PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO DE *O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO*

A marca de 1938 é importante para essa pesquisa não apenas pelas declarações de Gilberto Freyre sobre o futebol “abrasileirado”, mas porque, nesta data, o futebol começa a ser considerado uma referência na identidade brasileira, a partir das políticas do governo de Getúlio Vargas e da ditadura estado-novista, que propagandei essa caracterização do nacional. É nesse contexto que a fala de Freyre ganha significado.¹⁶⁸ As políticas nacionalistas de Vargas estão, de modo direto, associadas à ideia de construção de um novo homem brasileiro, na qual a miscigenação é um dos elementos estruturais e distintivos da experiência civilizatória brasileira em relação a povos. Nessa mesma circunstância, o esporte, de modo geral, é colocado como importante fator para construir o homem atual. E é com esse pano de fundo que o futebol se transforma em um esporte popular.

O ano de 1938 é marcado pelo primeiro pódio brasileiro em Copas do Mundo, o selecionado nacional conseguiu a terceira colocação após vencer a Suécia por 4 x 2, no dia 19 de junho. A conquista pode ser considerada importante por duas razões, a primeira foi pela quebra da tradição de não haver jogadores negros nas seleções anteriores, ao menos na

¹⁶⁷ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.99.

¹⁶⁸ ALBERTO, 2017.

proporção de sua representatividade. Já a segunda, foi pelo resultado obtido pela seleção, diferente das competições anteriores, o campeonato mundial da França deu aos torcedores brasileiros razão para acreditar que aquele time realmente representava o país. Segundo o autor José Miguel Wisnik, a seleção que foi à França disputar o mundial

foi uma seleção assumidamente miscigenada, e pela primeira vez representativa do que havia de melhor no futebol já profissionalizado do país, dando esperanças às multidões que acompanhavam sofregamente, havia pelo menos vinte anos, as disputas internacionais sul-americanas.¹⁶⁹

É significativo para a análise ressaltar que, no discurso de Freyre, o futebol do Brasil passou a ser considerado realmente brasileiro em 1938, na Copa do Mundo da França, com a inserção dos jogadores negros na seleção, a exemplo de Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Romeu Pellicciari e Elba de Pádua Lima (conhecido por Tim). Desse modo, ao longo da análise que segue nas próximas páginas, será notado como Freyre utiliza o futebol – elemento crescente da cultura popular à época – para associar a ideia de nação, brasilidade, civilidade e até cidadania. Mas quem é Gilberto Freyre?

Nascido em Recife, capital de Pernambuco, em 1900, Gilberto de Mello Freyre tornou-se um dos principais nomes da sociologia brasileira, em meados do século XX. Freyre realizou grande parte de sua formação acadêmica nos EUA, e titulou-se mestre em 1922 com a dissertação *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* (Vida social no Brasil em meados do século XIX). Desde então, concentrou-se em estudar a vida social no Brasil. Sua obra mais conhecida é o ensaio interpretativo *Casa Grande & Senzala*, publicado no ano de 1933, texto em que estuda as relações sociais no Brasil do período colonial. Para o autor, a mistura racial não é vista como um fardo, e sim como “fado” – ou seja, o destino do povo brasileiro – e, em seu pensamento, raça é entendido como efeito e não causa dos problemas brasileiros. O autor é crítico de qualquer noção de pureza para compreender a sociedade brasileira e defende um processo de compreensão do país de “dentro”, isso é, o brasileiro é quem deve compreender o Brasil. É possível assimilar as posições de Gilberto Freyre, principalmente, nos escritos sobre o futebol, enxergando-o como um modernista, uma vez que em *Foot-ball Mulato* e no *prefácio* do livro *NFB*, o autor constrói em sua narrativa algo que seja genuinamente brasileiro, o futebol abasileirado. A respeito da aproximação de Freyre com ideias modernistas, Veloso (2015) afirma que

¹⁶⁹ WISNIK, 2008, p. 184.

é possível identificar “afinidades eletivas” entre suas propostas de interpretação da cultura brasileira e algumas proposições fundantes do modernismo, elaboradas por outros intelectuais da mesma geração do autor, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Manuel Bandeira. [...] Entre esses traços pode-se destacar alguns eixos temáticos definitivos rumo à renovação interpretativa da cultura brasileira, tais como a substituição (pelo menos tentativa) do conceito de raça pelo de cultura e a introdução mais avançada da idéia de meio geográfico, antecipando-se, assim, à própria idéia de meio ambiente, uma vez que voltada mais para uma perspectiva ecológica, em detrimento do então dominante e implacável determinismo geográfico.¹⁷⁰

A escrita de Freyre não é um fato isolado, a Copa do Mundo de 1938 foi também uma referência do projeto nacionalista de Getúlio Vargas, o evento esportivo chamou a atenção de setores sociais, políticos e intelectuais. Após 1938, o futebol passa a ser considerado um objeto de estudo das ciências sociais, devido a seu reconhecimento como prática cultural brasileira.¹⁷¹ É sob essa ótica que devem ser compreendidos os escritos de Gilberto Freyre e Mário Filho.

A Copa do Mundo da França foi o grande acontecimento esportivo quando é destacado o futebol brasileiro em âmbito nacional no ano de 1938. No entanto, para além da competição, interessa-nos a publicação do comentário de Gilberto Freyre sobre o desempenho da seleção brasileira nos campos de Strasburgo e Bordeaux. A ênfase na fala do autor pernambucano se faz oportuna, uma vez que este influencia diretamente Mário Filho na escrita de seu livro, tanto sobre a ideia do que é o povo brasileiro, quanto sobre os jogadores negros no futebol brasileiro¹⁷².

Ao deparar-me com os discursos de Freyre sobre o futebol e, mais tarde, com o de Mário Filho, percebo uma tentativa de associar o futebol à sociedade brasileira, construindo a ideia de uma identidade coletiva, unida pela pátria e pela “raça”. Ao observar o título da matéria *Football Mulato* e analisar o texto na íntegra, é perceptível que, ao utilizar a palavra *mulato*, o autor está dizendo brasileiro. Para isso, é preciso considerar o discurso do silêncio, o qual está presente em ambos os discursos de Freyre e em partes do texto de Mário Filho.

O discurso do silêncio se aplica quando não é preciso dizer para poder dizer ou, segundo Renato de Mello,

¹⁷⁰ VELOSO, Mariza. **GILBERTO FREYRE E O HORIZONTE DO MODERNISMO**. Soc. estado., v.15, n.2, 2000, p. 362.

¹⁷¹ NASCIMENTO, Débora. Continente. **MÁRIO FILHO, O GIGANTE HUMANISTA**. Disponível em: <<https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/210/mario-filho--o-gigante-humanista>>. Acesso em 10 de dez. de 2020.

¹⁷² SOUZA, 2018, p. 156.

o silêncio está, na verdade, representado em qualquer enunciação e está repleto de sentidos. O sujeito da enunciação muitas vezes sugere sem dizer e faz com que a linguagem adquira, paradoxalmente, uma leveza e um peso tal que a palavra tangencia o silêncio.¹⁷³

Compreendendo que a utilização de um termo pode criar sentidos que o ultrapassam, visto que “palavras não são conceitos e conceitos não são palavras: entre os dois, há camadas de teoria acumulada ao longo de eras. Mas teorias são construídas sobre palavras e com palavras.”¹⁷⁴ É possível dizer que Freyre, em *Foot-ball Mulato*, quando diz sobre jogadores brasileiros, está, na verdade, dizendo também da sociedade brasileira de modo geral, vinculando o futebol com a nação que estava se construindo.

O discurso de Freyre em *Foot-ball Mulato*¹⁷⁵ leva ao entendimento de que o sociólogo enaltece o sujeito negro na sociedade brasileira, sobretudo aqueles miscigenados, para classificá-lo como sujeito personificador do que seria, genuinamente, brasileiro. Freyre começa dizendo

que uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivemos completa, de mandar à Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas um grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros (DIARIO DE PERNAMBUCO. 1938)

A afirmação de que o êxito e as vitórias da seleção brasileira aconteceram por conta da integração dos atletas negros, permite algumas considerações, talvez a mais evidente seja que, durante a competição da Copa do Mundo de 1938, os destaques do time foram jogadores negros: o zagueiro Domingues da Guia e o atacante Leônidas da Silva, que atuaram de forma relevante e foram imprescindíveis para os resultados. O primeiro defendendo e evitando triunfos dos adversários, e o segundo fazendo gols e conquistando o destaque de artilheiro do torneio.

Analisando com um pouco mais de profundidade a citação acima, e observando que o texto é considerado aqui como uma produção não concluída e que está operando em circunstâncias sociocomunicativas, vale dizer que o discurso de Freyre está incluído em uma

¹⁷³ MELLO, Renato. **SILÊNCIO FAZ SENTIDO.** s/d, p. 2590. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_146.pdf> Acesso em: 15 de dez. de 2020.

¹⁷⁴ TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado:** poder e a produção da história. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016, p. 23.

¹⁷⁵ Disponível em: <<https://nacaomestica.org/blog4/?p=1782>> Acessado em: 03 de fev. de 2020.

dinâmica social e dialoga com a realidade na qual está inserido¹⁷⁶. Portanto, é possível inferir que ao atribuir o sucesso da seleção brasileira ao resultado da mistura entre jogadores brancos e negros, está afirmando não apenas que o futebol encontrou uma forma de integrar as pessoas de cor, mas sim que este é uma das principais características do povo brasileiro, que a miscigenação é comprovadamente receita para o sucesso, exemplo disso é a conquista da seleção brasileira.

Ainda a respeito da citação, percebe-se o peso dado à miscigenação, como se o resultado dessa amálgama representasse o que está mais próximo daquilo que deve ser considerado nacional. Ao falar dos jogadores brancos, o autor não utiliza nenhum adjetivo para caracterizá-los, porém, quando utiliza o termo “pretalhão”, esse vem acompanhado com “bem brasileiros”, e quando emprega a palavra “mulatos”, escreve “ainda mais brasileiros”. Esses argumentos colocam o futebol como uma representação óbvia do desempenho de um ideal do sujeito brasileiro.

No que concerne ao objeto do discurso de Freyre no texto aqui analisado, o autor deixa explícito já no título e constrói ao longo da narrativa seus argumentos, para confirmar a ideia de um futebol brasileiro, único e marcado pela miscigenação de seu povo:

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente.¹⁷⁷

Freyre diz ainda que em nosso país se desenvolveu

de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam alas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleironas, mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade.¹⁷⁸

¹⁷⁶ MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora, p. 247.

¹⁷⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Foot-ball Mulato**. 17 de junho de 1938.

¹⁷⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Foot-ball Mulato**. 17 de junho de 1938.

O autor enfatiza a ideia de que o jeito brasileiro é aquele marcado pelas gingas e improvisações, e que devido às características de nossa população (miscigenação), realizamos uma apropriação criativa do futebol, tornando-o menos esquemático. Isto é, o futebol jogado no Brasil passou a ser aquele improvisado, que contém dribles e fintas em contraste com o esporte original surgido na Inglaterra, que é marcado por padrões técnicos e táticos. Quando Freyre faz esse tipo de representação, concebe um arquétipo do que é ser mulato no Brasil; ou então, do que é ser brasileiro, isso porque defende que “ser brasileiro é ser mulato”.¹⁷⁹

Para auxiliar em minha análise, faço uso dos conceitos de discurso e representação trabalhados por Hall (2016) – conceitos que serão apresentados ao longo da análise. Chamarei atenção, neste instante, para o poder de representar, o qual vai além da ideia de restrição ou coerção física. Este poder está em caracterizar, de modo simbólico, alguém dentro de determinado regime de representação.¹⁸⁰ Para Hall, a prática de representar envolve um conjunto de afetos, e o autor

afirma que a prática representacional da diferença racial “envolve sentimentos, atitudes, emoções e mobiliza os medos e as ansiedades do espectador em níveis mais profundos do que podemos explicar de uma forma simples, com base no senso comum.”¹⁸¹

Desse modo, no discurso de Freyre, é possível perceber a intenção de criar a representação de Brasil mulato, mas, mais do que isso, o autor diz que o “mulatismo” se “opõe ao formalismo apolíneo”. Com isso, está enunciando que ser brasileiro é ser indisciplinado, por não ter atribuições como planejamento, ordem e racionalidade. Assim, através de representações estigmatizantes e estereotipadas, o sociólogo abastece o imaginário do que é ser brasileiro. Nesse ponto, ainda é preciso destacar que, no discurso de Freyre, as características do que é nacional surgiram a partir da miscigenação. Isto significa dizer que, para o autor, traços como a rebeldia, desobediência e improvisação são marcas do mulatismo; em outras palavras, da cultura negra.

Faço aqui um adendo para situar o leitor sobre o caminho tomado com relação ao uso do conceito de discurso. Remeto-me a Stuart Hall (2016), que desenvolve e utiliza essa noção em trabalhos nos quais escreve sobre o uso do discurso como “sistema de representação”,

¹⁷⁹ Ibidem.

¹⁸⁰ HALL. 2016, p. 193.

¹⁸¹ Ibidem, p.140.

apoiando-se, principalmente, em Foucault. Essa ideia de representação é percebida a partir da ótica do discurso, que para Hall se mostra como

um grupo de pronunciamentos que proporciona uma linguagem para falar sobre um tópico particular ou um momento histórico – uma forma de representar o conhecimento sobre tais temas. (...) O discurso tem a ver com a produção do sentido pela linguagem. Contudo, (...) uma vez que todas as práticas sociais implicam sentido, e sentidos definem e influenciam o que fazemos – nossa conduta – todas as práticas têm um aspecto discursivo.¹⁸²

Voltando a Freyre, em outro enunciado o autor diz que o futebol mulato é “rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de standartização”.¹⁸³ Essa seria uma das características do futebol brasileiro:

No foot-ball, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica.¹⁸⁴

No decorrer de seu discurso, Freyre, ao criar representações sobre as características dos jogadores, transpõe, de modo bastante característico, os atributos dos jogadores ao povo brasileiro. É possível perceber como o sociólogo já faz aproximações mais diretas ao comparar o esporte à política, ainda assim, marcando a ênfase do que seria a principal característica do povo brasileiro, o mulatismo. Novamente, o autor atribui o “gosto de flexão, de surpresa” à cultura negra, uma vez que associa tais características à capoeira, traços notadamente da cultura e do povo negro.

O artigo *Foot-ball Mulato*, de Gilberto Freyre, é o *start* da ideia de que, no Brasil, foi desenvolvido um estilo próprio e singular de jogar futebol, proveniente das características miscigenadas de sua população. A ideia de Freyre refuta o imaginário restante das teorias racialistas que vinham da Europa e tinham voz no Brasil a partir de nomes como Nina Rodrigues, Oliveira Viana etc. Porém, se o texto de Freyre foi apenas o início, como essa ideia realmente vingou a ponto de tornar-se base para a identidade brasileira?

¹⁸² Hall, 2016, p. 80 apud Hall, 1992, p. 291.

¹⁸³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Foot-ball Mulato**. 17 de junho de 1938.

¹⁸⁴ Ibidem.

O livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, de Mário Filho, apresenta certa convergência com as ideias de Gilberto Freyre, no que diz respeito à presença e à importância dos negros no desenvolvimento de um tipo de prática futebolística tipicamente brasileira. Contudo, é importante o questionamento: o que houve para além das narrativas criadas nos textos, que contribuiu para a aceitação e assimilação dessa ideia por parte da população? O sociólogo Ronaldo Helal no artigo *80 anos do artigo Foot-ball Mulato de Gilberto Freyre: a eficácia simbólica de um mito*¹⁸⁵ auxilia a respeito dessa questão.

De todos os modos, para que esta ideia de estilo único pudesse ter eficácia simbólica era preciso conquistas expressivas da seleção nacional. Após um intervalo de 12 anos por conta da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo retornou em 1950, tendo o Brasil como sede. Em um período de 20 anos, entre 1950 e 1970, tivemos seis mundiais de futebol. A seleção brasileira foi a quatro finais, venceu três, 1958, 1962 e 1970, e se sagrou tricampeã. A primeira tricampeã da história. Em 1950, apesar do vice-campeonato, a seleção goleou por 7 a 1 a Suécia e por 6 a 1 a Espanha, encantando os torcedores, antes da derrota para o Uruguai por 2 a 1. [...] Assim, em uma época anterior à globalização, a seleção teria montado quatro equipes fantásticas, repletas de jogadores excepcionais, a maioria mestiça, com maior destaque para Garrincha e Pelé. Estas equipes venceram três Copas de seis disputadas e terminaram em segundo lugar em outra, aplicando duas goleadas históricas em equipes europeias.¹⁸⁶

Não é possível negar que, por casualidade ou não, a seleção brasileira nas décadas seguintes correspondeu às expectativas depositadas nela pelo discurso de Gilberto Freyre.

O pensamento do sociólogo criou uma interpretação inovadora acerca da formação do gentio brasileiro. O seu discurso pode ser considerado um marco divisor no processo de compreensão da cultura brasileira. Suas ideias, no tocante à brasilidade, convergem com as políticas nacionalistas do governo de Vargas, além de influenciar tantos outros setores da sociedade.

Embora a obra de Freyre tenha sido de muitas maneiras uma reação contra as mudanças que estavam ocorrendo sob o regime Vargas, as ideias de uma identidade nacional mestiça, que ele ajudou a popularizar, se encaixavam no projeto do governo de promoção de uma cultura nacional capaz de englobar divisões raciais, de classe e regionais do país. Em sua primeira década de governo, Vargas fez ideias que Freyre havia popularizado o núcleo ideológico da política cultural do seu regime.¹⁸⁷

¹⁸⁵ HELAL, Ronaldo. **80 anos do artigo Foot-ball Mulato de Gilberto Freyre: a eficácia simbólica de um mito.** Ludopédio, São Paulo, v. 112, n.18, 2018.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ ALBERTO, 2017, p. 166.

Tamanha sua influência, Freyre foi convidado para escrever o *Prefácio* do livro de Mário Filho. Para a análise do que escreve no prefácio do livro *NFB*, primeiro é importante a ciência do que representa esta parte do texto. O prefácio é, por definição, aquilo que antecede o livro; a origem da palavra é latina *praefatio*¹⁸⁸, aquilo que é dito antes. Logo, tal texto tem a finalidade de apresentar o livro, criar expectativas sobre as páginas que seguirão. Apontado o que é o prefácio, uma questão aparente é: como o prefácio escrito por Gilberto Freyre prepara o leitor para o que virá em sequência?

Em consonância com o que já havia escrito há alguns anos em *Foot-ball Mulato*, Freyre começa a apresentação do livro *NFB* com as seguintes palavras:

Aqui está um capítulo da história do futebol no Brasil que é também uma contribuição valiosa para história da sociedade e da cultura brasileiras na sua transição da fase predominantemente rural para a predominante urbana. Além disso, as páginas mais sugestivas de Mario Filho nos põem diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade – no comportamento ou na vida dos homens. No caso, homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas europeias.¹⁸⁹

O autor, ao enunciar que o livro de Mário Filho narra um capítulo da transição do Brasil rural para o urbano, traz, em sua fala, um elemento que entendo como uma noção de progresso da civilização. Freyre projeta no Brasil urbano certa noção de avanço, isso porque, no meio dessa transição, a questão racial brasileira, supostamente, deixaria de ser um problema. O livro *NFB* caminha nessa direção, e no próximo tópico mostrarei isso. Essa noção de linearidade do tempo está presente na história, dentro de um padrão ocidental, desde os finais do século XIX e é percebida desde a construção da razão moderna no século XVIII.

Trouiltot faz uma reflexão sobre essa noção de história criada pelos ocidentais, e mostra como esta pode ser excludente:

A classificação de todos os não ocidentais como fundamentalmente não históricos também está vinculada à suposição de que a história requer um sentido linear e cumulativo de tempo, que permita ao observador isolar o passado como uma entidade distinta.¹⁹⁰

¹⁸⁸ Prefácio. **Dicionário Priberam**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/prefacio>> Acessado em: 03 de jan. de 2021.

¹⁸⁹ FREYRE, Gilberto. **O negro no foot-ball do Brasil**. In: RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Foot-ball Brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

¹⁹⁰ TROUILTOT, 2016, p. 28.

O problema dessa concepção é que o tempo é marcado por duas balizas, em que o futuro ou o presente são marcados por uma ideia de positividade e avanço, enquanto o polo contrário é o oposto. Gilberto Freyre é crítico obstinado ao período que classificamos como Primeira República e as noções de racialidade que vigoraram no período.¹⁹¹ Por isso, o Brasil urbano é entendido por Freyre como um país que abandonou todo o atraso da mentalidade do período oligarca. É por esse caminho que o autor começa a apresentação do livro *NFB*.

Freyre também chama atenção, no *Prefácio*, para o fato de o livro de Mário Filho colocar em debate duas forças em conflito “a racionalidade e a irracionalidade”¹⁹², e logo destaca que esse embate está em uma sociedade miscigenada. Compreendo que o discurso do sociólogo pode ser entendido como um elo entre o escrito em 1938 no artigo *Foot-ball Mulato* com o livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, alinhando discursos que têm possibilidade de criar sentidos muito parecidos.

Existem outras duas leituras que merecem ser mencionadas no tocante ao prefácio à 1ª edição do livro *NFB*. Uma de Soares (1998), onde o autor entende que Freyre tem um tom elogioso sobre o livro de Filho e que ficara constrangido ao escrever a realidade do que pensava sobre este no texto de apresentação. Já Tonet (2020), se afasta da leitura de Soares e mostra que, apesar de elogio, Freyre também caracteriza o texto de Filho como parasociológico – atribuição devida à linguagem popular sobre a qual o texto é construído – e isso pode ser entendido como uma crítica indicativa de que o texto precisa de mais cuidados e rigores sociológicos. Em ambas, não notamos interesse em analisar o prefácio sob uma perspectiva de discurso e representação. Identificando esse hiato, essa pesquisa tem a pretensão de preenchê-lo.

Os discursos dos autores – Gilberto Freyre e Mário Filho – têm potencial de ser lidos em diferentes perspectivas. Como forma de elucidar tal afirmação, destaco o seguinte trecho do prefácio a 1ª edição:

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parasociológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou.¹⁹³

¹⁹¹ MARANHÃO, 2006.

¹⁹² FREYRE, 1947, s/p.

¹⁹³ FREYRE, 1947, s/p.

O autor ainda completa o trecho dizendo que caso o futebol não tivesse tomado o rumo que tomou, algumas expressões da cultura brasileira teriam seguido formas violentas “contrárias à moralidade dominante em nosso meio”¹⁹⁴. O texto continua:

[...] A capoeiragem, livre de Sampaio Ferraz, teria provavelmente voltado a enfrentar a polícia das cidades sob a forma de conflitos mais sérios que os antigos entre valentes dos morros e guardas-civis das avenidas, agora asfaltadas. O samba teria conservado tão primitivo, africano, irracional que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com prejuízo para a nossa cultura e para o seu vigor híbrido. A malandragem também teria se conservado inteiramente um mal ou uma inconveniência.¹⁹⁵

Em ambos os textos analisados, há a ocorrência da ideia de que o futebol no Brasil se desenvolveu de forma única devido às características do povo brasileiro. Contudo, ao dizer ‘povo brasileiro’, deve ser lido como ‘população afro-brasileira’, pois o autor, ao fazer afirmações deterministas sobre a trajetória do futebol, justifica o que para ele é a marca da cultura africana no Brasil.

Ao trabalhar o enunciado de Freyre citado acima, observo que, ao afirmar que a cultura africana se desenvolve e contribui para que o Brasil tenha um futebol legítimo (futebol mulato), o autor atribui ao sujeito mestiço manifestações da cultura considerada “verdadeiramente brasileira”. Pode-se entender esse movimento como um processo de “desafricanização”¹⁹⁶, isto é, a retirada de elementos culturais do povo africano e sua personificação enquanto símbolo da brasilidade.

Tal argumento de que a cultura africana teve certo papel chave no processo de integração da identidade nacional me leva à reflexão feita por Abdias do Nascimento, quando o autor diz que essa ideia

parte da presunção inicial de que “cultura brasileira” é, de certo modo, uma entidade a parte da cultura africana, e que esta se impôs sobre uma que lhe era anterior; isto posto supõe que a cultura africana não constituía uma parte integral do Brasil desde sua própria fundação. (NASCIMENTO, 1978, p. 99)

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ SCHWARCZ, 1998.

Exposto o cerne do discurso de Gilberto Freyre sobre o futebol, sublinho o cuidado que devemos ter ao utilizar sua obra. Seus textos estão sendo analisados neste trabalho como documentos para a compreensão das ideias que circulavam no imaginário coletivo brasileiro entre os anos de 1938-1951. De forma inclusiva, muitas dessas ideias ganharam sentido pelo próprio discurso do autor. Vale lembrar o que Freyre escreveu, na primeira edição de *Casa Grande & Senzala* (1933), sobre a identidade brasileira: “Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares”.¹⁹⁷

3.2 MÁRIO FILHO E *O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO*: A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA

O autor inicia sua construção narrativa no capítulo *Raízes do Saudosismo*, lembrando o futebol do passado nas seguintes palavras:

De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca.¹⁹⁸

Mário Filho, em seu texto, arquiteta uma imagem de que o futebol, no passado, era jogado apenas por jogadores brancos e preferencialmente de famílias com boa posição social. Sua afirmação realmente se verifica, o futebol foi uma prática difundida primeiro entre as elites, e a presença de jogadores negros no cenário que o autor estuda realmente é a exceção.¹⁹⁹ Aqui, destaco que Filho escreve sobre a realidade do futebol carioca e afirma que, em outras localidades, a história pode ter ocorrido de formas diversas, porém, em seu texto não há documentação que sustente tal afirmação. No entanto, o debate sobre a documentação utilizada pelo autor não é foco deste trabalho. Esta pesquisa concentra no texto de Filho, especificamente

¹⁹⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. XXXI.

¹⁹⁸ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 3.

¹⁹⁹ O artigo escrito por MASCARENHAS (1998) explica a chegada do futebol no Brasil e descreve o contexto do qual Mário Filho se refere em *Raízes do Saudosismo*. O autor narra sobre a construção do Fluminense Futebol Clube, observe: *El Fluminense Football Club es fundado en 1902, siendo el primer club carioca específicamente creado para la práctica del fútbol. Se trata de una asociación deportiva altamente clasista, compuesta y financiada por miembros de poderosas familias, entre las cuales se destaca especialmente la familia Guinle, no sólo por las obras materiales esenciales en el club, sino sobre todo por la fortuna que le valía la condición de uno de los dos apellidos más ilustres de la belle époque carioca*. Para ver mais sobre o debate sobre o começo do futebol no Brasil, ver: MASCARENHAS, 19998.

nas partes em que a construção de seu discurso, no que toca as relações raciais e a ideia de identidade nacional, estão evidentes.

Dizer que os saudosistas só podiam ser brancos é enunciar que não havia negros na prática futebolística no seu princípio. Mais do que isso, tal afirmação antecipa a ideia de que, ao passar do tempo, com a inserção dos atletas negros, a realidade das relações raciais no futebol brasileiro se alterariam, configurando certa harmonia. Assim como Gilberto Freyre, na escrita de Mário Filho, quando o autor fala sobre o futebol brasileiro, também pode estar se referindo à sociedade de modo geral. Esse olhar é fundamental para a compreensão do livro *NFB*.

Ao propor realizar análises de enunciados, é preciso ter em mente que esse processo não ocorre, como orienta Foucault (1995), de maneira exaustiva. De fato, é uma forma de analisar criticamente como certos enunciados justapõem a variedade de formas de dizer sobre um evento ocorrido, ou seja, a atividade não almeja ser global, no sentido de exaurir todas as possibilidades da linguagem daquilo que foi dito. Corresponde, na verdade, mais ao que está abstraído do que o que está colocado. A esse respeito, aponta Foucault:

Pondo em jogo o enunciado frente à frase ou à proposição, não se tenta reencontrar uma totalidade perdida, nem ressuscitar [...] a riqueza do verbo, a unidade profunda do Logos. A análise dos enunciados corresponde a um nível específico de descrição²⁰⁰

A narrativa de Filho sobre os primeiros anos do futebol apresenta alguns casos de jogadores negros, as exceções que confirmam a regra. Primeiro o caso do *The Bangu Athletic Club*, o time que foi fundado em 1904 e que primeiro aceitou jogadores negros na história do futebol. Trata-se de um time formado pela Fábrica Bangu, inglesa, que compunha a indústria têxtil.²⁰¹ Segundo Mário Filho, Francisco Carregal seria o primeiro atleta negro a jogar pelo time. O jogador, que era filho de uma brasileira negra e de um português, ocupou lugar de único atleta negro até a chegada de Manuel Maia. Ao dizer sobre a impossibilidade de atletas negros jogarem pelo Fluminense, o autor se refere: “Por isso não havia perigo que um Francisco Carregal, apesar de mulato limpo, ou um Manuel Maia, apesar de bom preto, respeitador, entrasse no Fluminense”.²⁰²

²⁰⁰ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 125.

²⁰¹ Para saber mais sobre a fundação do Bangu Atlético Clube, ver: **História**. Disponível em: <<https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/>>. Acessado em: 02 de jan. de 2021.

²⁰² RODRIGUES FILHO, 1947, p. 10.

É comum, no discurso de Mário Filho, o tipo de representação que coloca o sujeito negro na condição de “bom preto”, destacando qualidades consideradas positivas, como as descritas acima. Algumas páginas depois, quando o autor fala sobre o caso de Carlos Alberto, jogador do Fluminense que utilizou pó de arroz, também aparece o mesmo modo de representação. Observe-se o seguinte enunciado: “a torcida do Fluminense procurava esquecer-se de que Carlos Alberto era mulato. Um bom rapaz, muito fino”.²⁰³ Ainda sobre o atleta Carlos Alberto, escreve:

O pai tinha alguma coisa arranjada, batendo fotografias de formaturas. As turmas que formavam, todos os anos, preferiam as fotografias de Carlos Alberto, pai. Assim o filho entrava nas boas rodas. Sabia cativar, com aquela macieza de mulato, aquela delicadeza quase de moça não precisava encher o rosto de pó de arroz.²⁰⁴

Uma possível compreensão acerca da publicação do livro *NFB*, é que ele pode ser entendido, em âmbito geral, como uma tentativa de produção do ser negro, ora representada de forma positiva, ora representada a partir de imagens negativas. O texto de Mário Filho, a partir da trajetória dos jogadores negros, apresenta como a ascensão e integração destes aos principais times de futebol e a seleção brasileira significaram conquistas, como o time do Vasco em 1923 e da seleção brasileira de 1938, que tiveram certo sucesso a partir de contribuições de jogadores negros.

A definição de Carlos Alberto como um sujeito provido de uma ‘macieza de mulato’ é, em minha compreensão, o que Schwarcz (1998) apresenta no surgimento da personalidade do malandro brasileiro, “personagem caracterizado por uma simpatia contagiante, o malandro representava a recusa ao trabalho [...] para garantia de boa sobrevivência”.²⁰⁵ Do mesmo modo que Gilberto Freyre representa os sujeitos mestiços como malandros, a prática discursiva de Filho se apropria dessa mentalidade recorrente no período da década de 1930 e 1940. A esse respeito o sociólogo afirma:

[...] Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca.²⁰⁶

²⁰³ Ibidem, p. 43.

²⁰⁴ Ibidem.

²⁰⁵ SCHWARCZ, 1998, p. 198.

²⁰⁶ FREYRE, 1947, s/p.

Compreendo também que o discurso de Mário Filho está nutrido da intenção de criar uma imagem sobre o sujeito negro que está sendo integrado à sociedade brasileira, um povo com uma elite que precisava se enxergar enquanto democrática, e superando as diferenças raciais, estariam seguindo nessa direção. Por isso, a narrativa de Filho insere o sujeito negro como um bom rapaz, que vai se destacando e superando as adversidades, ao mesmo tempo que a elite, branca, ao enxergar a habilidade dos atletas negros, começava a aceitar estes em seus clubes.

Mesmo mostrando a presença de alguns jogadores negros em times da elite carioca, a narrativa do livro ressalta que também houve resistência dos clubes e de suas torcidas, a exemplo o caso do jogador Manteiga, que teve sua contratação contestada pelos sócios do clube América, protestando que, caso este permanecesse no time, jamais poderiam continuar americanos.²⁰⁷ De modo geral, o texto vai construindo a ideia de que por meio do futebol, o Brasil torna-se democrático racialmente. Em outra passagem, aponta para essa compreensão do futebol como campo de transformação das relações raciais:

A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato de ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que de ele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classe, tudo misturado, bem brasileiro.²⁰⁸

Filho também diz que “o chute de Friedenreich abriu o caminho para a democratização do futebol brasileiro. Democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo”.²⁰⁹ Ao apontar que, aos poucos, o Brasil tornava-se democrático e que o futebol seria um fenômeno de todas as cores, o autor dialoga com Freyre no entendimento de que o sentido da democratização produziria um país harmônico racialmente.

O segundo capítulo, chamado “O Campo e a Pelada” narra, entre outras coisas, especialmente a experiência dos atletas negros em dicotomia com os brancos. Colocando cada qual em um espaço de formação, na narrativa Filho (1947), os brancos aprenderam a jogar futebol com os ingleses – aqueles que tinham “inventado” o futebol – ou com brasileiros que foram estudar na Europa. Por isso, o autor diz que “o jogador branco tinha de ser, durante

²⁰⁷ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 55.

²⁰⁸ Ibidem, p. 54.

²⁰⁹ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 54.

bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol.”²¹⁰

O jogador negro aparece, no discurso do livro, como um autodidata do futebol, aquele que aprendeu por conta própria e sem o convívio no ambiente dos clubes esportivos de então. De acordo com o autor, “o jogador preto não podia aprender com professor. [...] Assim, o preto, quando aprendia, era quase sozinho. As portas dos grandes clubes fechadas para ele. Das academias. (...) onde se ensinava futebol de fato”.²¹¹

Como o objetivo do livro é contar a história dos jogadores negros no futebol brasileiro, o jornalista sempre destaca, quando está retratando o momento anterior à profissionalização do futebol, algum tipo de tensão entre jogadores brancos e negros. Demonstrar essa diferença contribui com a estrutura da narrativa do livro, que pretende mostrar no princípio um esporte elitizado, branco, quase europeu e, no final da década de 1930, um esporte miscigenado, já brasileiro.

O capítulo progride e mostra como jogadores negros começavam a sobressair nos campos de futebol, “um mulato podia ser Friedenreich, um preto podia ser Gradim.²¹² Quem quisesse um bom jogador não precisava ir longe. Em todo canto havia uma pelada²¹³”. Afirmando a ideia de que jogadores bons, a exemplo do brasileiro Friedenreich e do uruguaio Gradim, foram fruto do futebol sem técnica ou tática, lugar em que o improvisado sobressaía, também conhecido como pelada, relembra as ideias de Freyre, do futebol brasileiro como improvisado, dionisíaco.

Arthur Friedenreich é um dos primeiros ídolos da história da seleção brasileira. Nascido em São Paulo no ano de 1892, filho de Mathilde de Moraes, mulher brasileira negra e de Oscar Friedenreich, um alemão. Friedenreich, como é chamado, foi um jogador de futebol que atuou em diversos clubes nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Destacou-se também pela boa atuação na conquista do título da seleção brasileira no Sul-Americano, disputado em 1919. O jogador é negro de pele clara, fruto da miscigenação acontecida no Brasil. A narrativa que diz sobre um jeito brasileiro de jogar futebol apresenta Fried, seu apelido, como um dos precursores desse estilo excepcional, que supostamente teria sido desenvolvido nos trópicos. Um estilo que estaria realmente difundido no final da década de 1930.

²¹⁰ Ibidem, p. 59.

²¹¹ Ibidem.

²¹² Isabelino Gradim foi um jogador de futebol negro, uruguaio que defendeu a seleção de seus pais no torneio sul-americano de 1919. Gradim era um dos destaques da equipe, por conta de sua velocidade.

²¹³ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 110.

Nesse momento, faço um adendo para ressaltar que a escolha de jogadores como Friedenreich – mãe brasileira negra e pai branco europeu – caracteriza o ideal da mestiçagem e mostra o resultado das políticas de branqueamento que aconteceram no Brasil no começo do século XX. Isso conflui com a narrativa desenvolvida por Filho, que cria, também, ídolos mestiços. Contudo, esse tipo de personagem, no livro *NFB*, ocupa, quando se trata do objetivo de unificar a nação, um lugar secundário, pois somente com a figura de Leônidas da Silva, um homem negro, é que esse ideal se concretiza em seu texto.

Mais uma vez, chamo a atenção para a ênfase da abordagem discursiva, na qual Hall diz que

recai invariavelmente sobre a especificidade histórica de uma forma particular ou de um “regime” de representação, e não sobre a “linguagem” enquanto tema mais geral. Isto é, seu foco incide sobre linguagens ou significados e de que maneira são utilizados em um dado período ou local, apontando para uma grande especificidade histórica – a maneira como práticas representacionais operam em situações históricas concretas.²¹⁴

Com isso, quero destacar como o contexto no qual Mário Filho está inserido e produz sua obra se torna importante para a sua compreensão, e dos sentidos que seu texto pode produzir. Desde o começo da década de 1920, com o advento do modernismo no Brasil, houve um movimento que teve como pauta as transformações das manifestações artísticas e culturais buscando falar do Brasil para e pelos próprios brasileiros. Mais tarde, sucedeu o governo Vargas, com uma ideologia de fortalecer e fomentar a cultura nacional, ideia convergente ao que pregou o movimento modernista. Nesse sentido, o livro *NFB* ganha sublinho agora na noção de sentido, imprescindível para a compreensão do que quero afirmar.

O sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” – e, assim, ele se relaciona a questão sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos. O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte. [...] O sentido é também produzido em uma variedade de mídias [...] e criado sempre que nos expressamos por meio de “objetos culturais”, os consumimos, deles fazemos uso ou nos apropriamos; isto é, quando nós os integramos de diferentes maneiras nas práticas e rituais cotidianos e, assim investimos tais objetos de valor e significado.²¹⁵

²¹⁴ HALL, 2016, p. 27.

²¹⁵ HALL, 2016, p. 21-22.

O *NFB* propõe narrar uma parte da história do futebol brasileiro, o seu princípio; todavia, como já mencionado anteriormente, ao falar sobre as características do desenvolvimento do futebol que foi se abasileirando por meio da inserção de atletas negros, também pode ser entendido como pretensão do autor perpassar os limites das quatro linhas, e dizer de modo mais geral sobre uma nova sociedade brasileira, harmônica e democrática do ponto de vista das relações sociais e raciais. Uma sociedade que enfrentou as mazelas criadas por um passado de violência, um passado escravocrata.

Pioneiros em aceitar jogadores negros no futebol carioca, os times Bangu e Vasco da Gama são considerados aqueles que romperam com a tradição de equipes com atletas brancos e ricos, times que supostamente teriam superado o racismo. Vale lembrar que, no discurso de Mário Filho, o Bangu seria o time que primeiro aceitou jogadores negros no Brasil, seguido da equipe do Vasco, que, após um desentendimento com a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atlético), em 1924, foi proibido de participar do campeonato associação.

A respeito dessa ideia de pioneirismo dos clubes citados por Mário Filho, Santos (2019) pondera:

Na obra de Mario Filho a questão do negro, sua presença e participação nos campos de futebol, é um bom exemplo da limitação da obra. Para o autor, a experiência do Rio de Janeiro, em especial do Club de Regatas Vasco da Gama, foi a grande responsável pela revolução do futebol no Brasil. Tal fato, como veremos ao longo deste trabalho, demonstra claramente a inobservância do autor em relação ao que acontecia em Salvador e em Porto Alegre alguns anos antes desse embate no Rio de Janeiro, bem como a hierarquização, por parte do autor, do que era ou não importante para o cenário futebolístico, dando prioridade e destaque aos fatos ocorridos na capital federal, mesmo não havendo nenhuma fonte que comprove os reflexos das escolhas do clube carioca em outras cidades.²¹⁶

Por mais que o objetivo desta pesquisa não seja identificar os primeiros clubes de futebol que aceitaram jogadores negros no Brasil, a crítica que o autor faz ao livro *NFB* é fundamental para compreendermos a obra sob a ótica de uma produção associada ao projeto de construção da identidade nacional, afirmando, obviamente, aspectos defendidos por Freyre em *Casa Grande & Senzala* (1933), *Foot-ball Mulato* (1938) e no próprio prefácio escrito para *O Negro*

²¹⁶ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo. 2010. 489 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 19.

no *Foot-ball Brasileiro*. Evidencio também o quanto o livro converge com as políticas varguistas ao reforçar uma ideia de brasilidade.

Voltando à ideia das possibilidades de criação de sentido pelo *NFB*, o texto se apresenta como importante instrumento para cultivar a ideia de uma identidade coletiva, pensada para o povo brasileiro. O discurso de Mário Filho segue a direção de uma noção de Brasil miscigenado, que alcança a harmonia. Mas, como salienta Santos (1997), não necessariamente todas as pessoas vão criar o mesmo sentido a respeito do discurso propagado por Mário Filho, uma vez que

as formas culturais não determinam um único significado, [...] pessoas atribuem diferentes significados a elas, de acordo com os códigos culturais de que dispõem. Isso não quer dizer, no entanto, que as pessoas possam fazer as representações significarem o que elas queiram que signifiquem: "estamos todos (as) restringidos (as) pela visão e pela leitura dos códigos aos quais temos acesso (onde estamos situados (as) no mundo e na ordem social) e por quais representações há para vermos e lermos."²¹⁷

Incorrendo em um necessário anacronismo, a narrativa de Mário Filho pode ser lida sob a perspectiva do discurso de meritocracia – neologismo cunhado por Michael Young em 1958, em *The rise of meritocracy*, baseado no conceito de mérito e apropriado pelo capital como o que diferencia a posição social das pessoas e suas gratificações, valorizando aquelas que conquistaram um *status quo* através dos seus próprios meios²¹⁸, o qual é utilizado para consagrar definitivamente a ideia de que jogadores futebolistas negros alcançaram lugar nos clubes e a desvantagem narrada pelo autor de que jogadores brancos saíram na frente pois aprenderam a jogar futebol nos grandes clubes²¹⁹, teria desaparecido. Ao fazer essas colocações, o jornalista aponta que, de algum modo, no momento que os jogadores negros são integrados aos clubes, o ambiente passa a ser de igualdade e, portanto, a não aceitação do sujeito racializado é superada.

²¹⁷ SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. “Um preto mais clarinho” ... ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. Educação e Realidade. Jul./Dez. 1997, p. 91 apud DYER, Richard. DYER, Richard. **The matter of images: essays on representation**. London/New York: Routledge, 1993, p. 2.

²¹⁸ Citado por PENTEADO, Raphael Camargo. FARIA, José Henrique de. **A IDEOLOGIA DA MERITOCRACIA NAS ORGANIZAÇÕES: UM ENSAIO TEÓRICO**. V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS Curitiba-PR – Brasil. s/d, p.12. Disponível em: <<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/cbeo/anais2018/ARQUIVOS-resumos/GT2-305-248-20180705173031.pdf><http://www.sisgeenco.com.br/sistema/cbeo/anais2018/ARQUIVOS-resumos/GT2-305-248-20180705173031.pdf>>. Acessado em: 03 de fev. de 2021.

²¹⁹ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 59.

Esse tom, na descrição de Filho, apaga as diferenças entre os jogadores negros que, supostamente, teriam aprendido a jogar futebol a qualquer custo nas peladas com os jogadores brancos que, em princípio, frequentaram os grandes clubes.

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual seria a reação dos grandes clubes.²²⁰

Desse ponto em diante, o livro descreve a democratização e a afirmação do negro no futebol brasileiro. Os capítulos III e IV, *A Revolta do Preto* e *A Ascensão Social do Negro*, respectivamente, concluem a ideia de que no Brasil havíamos superado o racismo no ambiente do futebol brasileiro. O terceiro capítulo inicia enunciando a reação de alguns clubes tradicionais do Rio de Janeiro ao destaque de jogadores negros. O autor concentra em demonstrar como a tensão entre amadorismo e profissionalismo influenciou na entrada ou não dos futebolistas negros. A manutenção do amadorismo seguiria, na fala de Filho, privilegiando os jogadores “bem de vida”²²¹.

No decorrer do capítulo, é mostrado como ficou insustentável, pós times Bangu e Vasco, a não entrada de negros nos clubes, muito pelo contrário, foi se tornando cada vez mais comum a integração desses sujeitos nas equipes cariocas. No entanto, o texto apresenta que a inserção dos jogadores negros não significou aceitação imediata destes. Uma boa passagem para observar isso é quando o autor se refere a quatro jogadores do time América: Osvaldinho branco, Joel branquíssimo, Sobral mulato, Mineiro preto, sendo que Osvaldinho e Joel faziam parte do “grupinho privilegiado dos donos do time”²²², enquanto Sobral e Mulato não.

Ao contrapor os jogadores negros aos brancos e afirmar que estes não pertenciam aos grupos favorecidos, a análise pode seguir por duas problemáticas: a primeira é que os times grandes não reagiram de forma a aceitar os jogadores negros e, dessa maneira, falar em igualdade e fim das desvantagens apenas pela inserção dos jogadores negros me parece não ser coerente. A segunda, que não necessariamente é uma negação da primeira, é o entendimento de que mesmo ‘inseridos’ nos clubes de futebol e até na seleção brasileira, local de maior destaque

²²⁰ Ibidem, p. 128.

²²¹ Ibidem, p. 132.

²²² RODRIGUES FILHO, 1947, p. 173.

para jogadores de futebol, os atletas negros continuaram sendo evidenciados pela sua condição de negro.

Essa é uma problemática sociológica cristalizada nas relações raciais brasileiras, e perpassa os limites do futebol e de todo esporte, se fazendo presente em toda relação na qual um sujeito negro era personagem. A esse respeito Florestan Fernandes demonstra as fragilidades do processo de integração dos negros no pós-abolição:

Percebe-se com facilidade como a degradação pela escravidão, a anomia social, a pauperização e a integração deficiente combinam-se para engendrar um padrão de isolamento econômico e sociocultural do negro e do mulato que é aberrante em uma sociedade competitiva, aberta e democrática. Se impulsões econômicas, sociais e políticas que orientaram a formação e o desenvolvimento ulterior imediato do regime de classes fossem mais poderosas, concentradas, e tenazes, parece provável que os mecanismos espontâneos de reação societária seriam suficientes para compelir o “negro” aos ajustamentos dinâmicos requeridos pela situação histórico social. Como essas impulsões não se objetivaram socialmente o destino da “população de cor” ficou entregue às potencialidades dinâmicas de um equipamento adaptativo e integrativo basicamente modelado para funcionar na sociedade de castas. Ele era apropriado para promover ajustamentos que resguardavam ao máximo a distância social existente entre o “branco e o “negro”. Como se este ainda vivesse sob julgo da dominação do senhor.²²³

Para endossar a problemática sugerida acima, destaco mais uma contradição na narrativa de Filho, e, para evidenciar com maior facilidade, vou fazer o exercício de inverter a ordem de dois parágrafos. O autor afirma que no América Futebol Clube “[...] não tinha mais preconceitos de branquidade, as portas de Campos Sales estavam abertas para os mulatos e para os pretos”.²²⁴ É preciso destacar que, ao utilizar o termo ‘preconceitos de branquidade’, não está fazendo referência a qualquer aspecto da identidade branca e sim substituindo termos como *racismo*, *preconceito de cor* ou *discriminação racial*. Em meu entendimento, é possível sugerir que a troca suaviza as tensões existentes nas relações raciais. Essa percepção é possível, pois, em sua narrativa, o autor busca demonstrar que o racismo, com o passar do tempo, foi enfraquecendo a ponto de não mais existir. Dessa forma, suponho que utilizar termos como ‘racismo’, ‘preconceito’ e ‘discriminação’, pode fazer com que seu objetivo não seja atingido, ou se mostre contraditório.

Três parágrafos acima da afirmação de que no América existia lugares para jogadores negros e que o clube era um espaço que tinha superado o racismo, o autor diz:

²²³ FERNANDES, 2008, p. 325.

²²⁴ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 174.

Bastava olhar para Sobral, para Mineiro, sempre bem vestidos. Mineiro então, tinha o apuro de um Joel, de um Osvaldinho. Se um não fosse mulato e o outro não fosse preto, os dois poderiam, perfeitamente, aparecer no salão do América, em noite de festa, sem fazer vergonha.²²⁵

Observa-se, mais uma vez, que a contradição que constitui a narrativa do livro, em vez de demonstrar que a distância entre brancos e negros estava diminuindo devido à inserção dos jogadores negros, destaca a distância social entre o grupo de futebolistas.

Um aspecto que merece atenção na citação acima é a comparação feita entre os jogadores Sobral e Mineiro com Joel e Osvaldinho. Os dois primeiros são atletas negros, e, na fala do jornalista, têm o requinte dos brancos. A fala fica ainda mais problemática quando é dada ênfase ao Mineiro, por ser um jogador preto. Sabendo-se que as formas culturais não determinam um significado apenas, e que as representações podem carregar significados com sentidos distintos, é importante analisar o enunciado no qual é descrita a comparação entre os quatro jogadores do América. Ao invés de procurar um significado “correto” ou “incorreto”, a melhor questão a ser feita é: qual dos vários significados a narrativa do autor a respeito da comparação e da afirmação de que o time teria vencido os preconceitos de branquidade deseja privilegiar?

Os jogadores negros são os componentes principais aqui, especialmente Mineiro, por ser preto, enquanto Sobral era considerado mulato. Um dos possíveis sentidos é apresentar que os jogadores negros com pele mais escura tinham mais dificuldades de se relacionar, sendo que estes precisavam estar ainda mais alinhados ao modelo dos brancos para serem aceitos. Enquanto é bradado que o time teria superado as desigualdades raciais e que a cor já não era importante, os jogadores negros não podiam frequentar o salão do time. Assim, são apresentados significados que não têm possibilidade de se fixar em um só sentido.

Ao avançar na leitura do capítulo III, chama atenção o modo como a narrativa de Filho representa o jogador Fausto. Fausto dos Santos foi um futebolista que jogava na posição de volante, destacou-se nos times do Bangu e Vasco da Gama, além da seleção brasileira nos finais da década de 1920 e começos dos anos 1930. Sua distinção o fez integrar o grupo dos jogadores que excursionaram por outros países para jogar futebol de modo profissional, uma vez que no Brasil, antes do ano de 1933, o esporte era praticado de forma amadora. Jogou no exterior nas equipes do Barcelona (Espanha), *Young Fellows* (Suíça) e Nacional (Uruguai),

²²⁵ Ibidem, p. 174.

regressou para seu antigo clube Vasco da Gama e encerrou sua carreira no Clube de Regatas do Flamengo.

Na primeira descrição, Fausto aparece com as seguintes características: “falava pouco, ia guardando o que tinha de dizer, de repente explodia, lá vinha tudo. Vingava-se dando gritos no vestiário, dando pontapés no campo”.²²⁶ Um pouco mais a frente, outro retrato do jogador aparece da seguinte forma: “Se alguém não gostava [do comportamento de Fausto], tinha de calar a boca, ir saindo de lado, Fausto era capaz de brigar, de tocar o braço em qualquer um, torcedor, direto do Vasco”.²²⁷

O modo criado por Mário Filho para representar Fausto é feito a partir de considerações que destacam aspectos essencializadores que o reduzem e o naturalizam, nesse sentido, aproximo minha análise ao desenvolvido por Hall (2016a), quando o autor fala sobre a prática da representação por meio da estereotipagem. Isso acontece quando, no ato de representar, tudo que é dito sobre a pessoa é minimizado a traços que podem ser “exagerados e simplificados”.²²⁸

Um dos principais atributos da estereotipagem é seu costume de excluir. Para Hall,

a estereotipagem, em outras palavras, é a parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles.²²⁹

É nítida a forma como Filho utiliza dos estereótipos para construir a imagem do atleta. Ao falar que sente “pena que Fausto fosse assim, um revoltado. Se não seria o maior *center-half* (meio de campo que se utilizava da camisa número 5, algo próximo de um jogador que se posiciona como primeiro volante) brasileiro de todos os tempos.”²³⁰ Ao ressaltar o caráter violento do jogador, o autor está definindo quem é esse sujeito, segundo uma norma criada pelo próprio jornalista, que determina aqueles que são os excluídos, *os outros*.²³¹

Ao deparar-nos com a utilização dos estereótipos para representar algo ou alguém, é prudente o entendimento de que essa prática acontece por meio de um poder simbólico que

²²⁶ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 184.

²²⁷ Ibidem.

²²⁸ HALL, 2016, p. 191.

²²⁹ HALL, 2016, p. 192.

²³⁰ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 187.

²³¹ HALL, 2016.

proporciona, no caso da representação, “poder de marcar, atribuir e classificar; do poder simbólico; do poder da expulsão ritualizada”.²³²

Nesse sentido, é possível dizer que o livro é marcado por violência simbólica na forma de representar atletas futebolistas negros, mesmo quando a intenção do autor é marcar a diferença entre os jogadores brancos e negros, evidenciando as desvantagens impostas ao segundo grupo.

No último capítulo, é falado sobre a democratização do futebol e a afirmação dos negros. O destaque é dado a dois jogadores: Domingos da Guia e Leônidas da Silva, ambos futebolistas negros que alcançaram prestígio no esporte. Contudo, a forma como ambos são representados precisa ser considerada. Domingos da Guia foi um jogador de futebol que ocupava a posição de zagueiro. Pertence ao grupo de jogadores que passaram pela transição do futebol amador para o profissional, e, como a maioria daqueles que se destacaram, jogou fora do país nas equipes do Nacional (Uruguai) e Boca Juniors (Argentina). Atuou no Brasil nos times do Bangu, Vasco da Gama e Flamengo. O jogador, como mostra Agostino²³³, foi um operário que se aproveitou do futebol e com as oportunidades advindas, passou a encarar-lo como uma forma de melhorar sua vida financeira.

A caracterização de Domingos da Guia tem um caráter que, sem a devida crítica, pode ser entendido como elogioso. Mas, em síntese, tem a mesma origem do modo como criou representações sobre Fausto. Toda forma de representar, que tem por base uma caracterização simples, deve ser entendida como estereótipo. Sabendo disso, quais os possíveis significados do seguinte enunciado: “Domingos parecia inglês, ou por outra, uruguaio, mais uruguaio do que inglês, porque era preto. Poderia jogar no escrete uruguaio, como mais um Gradim, como mais um Andrade. Leônidas não.”?²³⁴ Quais eram as características do futebol de Domingos que divergiam dos brasileiros? O jogador também é adjetivado como “mestre e doutor”²³⁵ do futebol, no que o jogador se diferencia de Leônidas da Silva?

Nesse ponto, é possível notar a influência das ideias desenvolvidas por Freyre na diferenciação dos estilos opostos de jogar futebol, quais sejam: o apolíneo, que tem como qualidade a formalidade e a racionalidade e como representante o futebol europeu; e o estilo dionisíaco, que tem as qualidades de improviso, impulsividade e individualismo que, segundo

²³² RODRIGUES FILHO, 1947, p. 193.

²³³ AGOSTINO, Gilberto. **Perfis dos Primeiros Craques Negros e Mulatos do Futebol Brasileiro**. In **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5 Ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2010, 343 p.

²³⁴ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 227.

²³⁵ *Ibidem*, 1947, p. 204.

o jornalista, é um retrato do futebol mulato.²³⁶ Não tem, no futebol de Domingos da Guia, o que Freyre chamou de improviso e impulsividade, por isso Mário Filho diz que o atleta parecia um inglês e depois um uruguaio. Não há, na narrativa desenvolvida tanto no discurso de Filho quanto no de Freyre, brasileiros negros com características de planejamento e racionalidade. Quando é mencionado um sujeito que, para os autores, poderia ter tal personalidade, é tirada sua nacionalidade. Mesmo assim, Domingos tornou-se referência após o bom desempenho na Copa do Mundo de 1938.

Nesse momento, entra o último sujeito com o qual Mário Filho conclui a narrativa da primeira edição de seu livro: Leônidas da Silva, um jogador que, na divisão de Freyre, estaria ao lado dos dionisíacos: aqueles que representam genuinamente o futebol brasileiro. Para começar a pensar sobre a figura deste jogador, vale o questionamento sobre como esse período permitiu que um homem negro se tornasse uma estrela. Quais qualidades uma pessoa negra precisava encarnar para ser legitimada como estrela em uma sociedade racista? E, por fim, o destaque de Leônidas fez com que sua carreira fosse isenta de racismo?

Para responder a essas indagações, começo apresentando quem foi o Diamante Negro. Leônidas da Silva nasceu em 6 setembro de 1913, no bairro de Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro. Era o segundo filho de sua mãe, uma mulher negra chamada Maria da Silva, natural da região do Vale do Paraíba. Sua mãe foi para o Rio de Janeiro muito jovem, para trabalhar como empregada doméstica na casa de pessoas conhecidas de sua família, e, por se sair bem em sua função, estabeleceu-se na cidade e manteve o emprego. Seu pai era gerente de um bar situado dentro do São Cristovão Futebol Clube, no entanto, faleceu quando Leônidas era ainda muito novo. Com a morte do pai, a vida da família tornou-se bastante difícil e assemelhava-se, pelo menos até sua adolescência, à de outras famílias negras de sua geração. O diferencial na vida do jogador foi o fato de os patrões de sua mãe assumirem a função de “pais de criação”, possibilitando seu sustento e uma educação de qualidade.²³⁷

Leônidas viu sua vida se transformar quando teve a oportunidade de jogar pelo Havanese Esporte Clube, em 1920, com sede próxima a sua casa. A boa atuação no time o fez receber um convite para atuar pelo Barroso Futebol Clube, e, já no primeiro dia de treino, um dirigente da equipe deu-lhe 5 mil réis dizendo que era para condução. Vale destacar que, nesse

²³⁶ MARANHÃO, 2006, p. 443.

²³⁷ Para saber mais sobre a história de vida de Leônidas, ver: PEREIRA. 2109; SOUZA. 2008.

período, o futebol era praticado de forma amadora.²³⁸ Desde então, tornou-se prática costumeira Leônidas receber “agrados” para jogar pelos times que defendeu antes da profissionalização.²³⁹

Mesmo que o esporte continuasse a ser competido de forma amadora, “Leônidas foi chamado para atuar pelo Bonsucesso F.C., pelo que receberia quatrocentos mil réis mensais, dois ternos e dois pares de sapatos”²⁴⁰. Com as boas atuações, sua carreira se firmou, e Leônidas começou a fazer sucesso e se destacar; eventualmente, o jogador foi perseguido por dirigentes de clubes adversários, que o acusavam de receber para jogar. Uma matéria do *Jornal dos Sports*, em 1932, com título “Leônidas jura que não atuou em Niterói”, faz acusações acerca do costume do jogador em ser remunerado para atuar nas partidas de futebol. O que realmente não era inverdade, pois o próprio jogador assumiu, mais tarde, que recebia para participar das equipes; não de forma contratual, mas recebia. Porém, essa não era a única razão para “pegarem no seu pé”, sua posição socioeconômica era vista com desconfiança por seus adversários, uma vez que, como o jogador não tinha outra atividade que o remunerasse, pensavam que o atleta vivia um “profissionalismo disfarçado”.²⁴¹

A respeito da conjuntura vivida pelo jogador, o historiador Leonardo Pereira (2019) escreve:

muitas das acusações lançadas contra ele nos primeiros anos de sua trajetória mostravam que Leônidas, apesar do sucesso alcançado nos campos, não fugia da suspeita generalizada que costumava recair sobre as pessoas de sua cor.²⁴²

Como já mencionado, Leônidas da Silva conquistou o título de artilheiro da Copa do Mundo da França pela marca de sete gols, e quando do seu retorno com a medalha de bronze, passa a ser construída uma nova imagem a seu respeito, mormente pelos propagandistas do Estado Novo.²⁴³ A respeito dessa “nova imagem”, Pereira diz:

²³⁸ Durante a década de 1920 o futebol realmente é marcado por um período amador, Mário Filho (2003) e autor paulista colocar aqui) descrevem o período como amadorismo marrom, pois vários times remuneravam jogadores, porém não como salário, como no caso de Leônidas “A título de condução”.

²³⁹ Para saber mais sobre os recebimentos de Leônidas antes do futebol se tornar profissional, ver: PEREIRA, 2019.

²⁴⁰ PEREIRA, 2019, p. 53.

²⁴¹ *Ibidem*.

²⁴² PEREIRA, 2019, p. 59.

²⁴³ Destaco a força do Estado Novo para controlar e divulgar propagandas durante a ditadura de Getúlio Vargas, 1937-1945.

Parece compreensível, desse modo, o interesse de Getúlio Vargas em se deixar fotografar com o jogador do Flamengo pouco após o regresso dos jogadores que haviam disputado a Copa do Mundo. Na pose casual se expressava a tentativa do presidente em se associar à imagem de um atleta capaz de personificar e popularizar muitos dos ideais afirmados pelo Estado Novo: a educação física como meio de aprimoramento da raça, o nacionalismo como valor a ser defendido e a mistura racial como meio de constituição de uma raça brasileira forte e original. Leônidas da Silva aparecia assim como um símbolo do novo regime, um herói capaz de representar os valores fundamentais defendidos pelo governo de Vargas.²⁴⁴

Ao nos atentarmos para o caminho traçado por Leônidas da Silva durante sua trajetória no futebol e considerarmos o ano de 1938, pode-se dizer que esse marca a vida do jogador tanto pela atuação em campo, quanto pela imagem construída de si a partir de então. Essa perspectiva é reforçada por estudos que registram a utilização da imagem de Leônidas da Silva e outros jogadores negros como “instrumento de propaganda” do governo de Getúlio Vargas, que os manuseia a seu favor, usando-os como símbolo harmônico de uma sociedade democrática, sobretudo racialmente.²⁴⁵

Uma entrevista de Leônidas da Silva no ano de 1976, registrada no Museu da Imagem e do Som em São Paulo, mostra como o jogador via sua figura sendo usada pelo governo no regime varguista. Segundo o historiador Leonardo Pereira (2019), Leônidas estava consciente da arquitetura da qual ele era objeto, só depois de se consagrar artilheiro, da maior competição de futebol internacional, em 1938, seu nome passou a ser falado em lugares que não necessariamente estavam relacionados ao mundo do futebol. Segundo o atleta, “não havia, por exemplo, esta ligação da elite com o jogador de futebol, cujo conceito era de marginal”. Isso demonstrava atenção com os cuidados que este recebia de governantes e intelectuais, com destaque para o chefe de estado Getúlio Vargas e o intelectual Gilberto Freyre.

Citando novamente o historiador Ferreira, este escreve:

Apagadas as tensões e conflitos que haviam marcado sua trajetória, Leônidas era transformado na expressão acabada de um orgulho nacional homogêneo e coeso, capaz de iluminar para o grande público que acompanhava seus jogos o sentido da nova nacionalidade que se tentava afirmar.²⁴⁶

²⁴⁴ PEREIRA, 2019, p. 49.

²⁴⁵ Para saber mais sobre a utilização Varguista da imagem de jogadores negros, com ênfase em Leônidas, ver: Leônidas da Silva: um ídolo negro no Brasil de Getúlio Varga Leônidas da Silva: um ídolo negro no Brasil de Getúlio Vargas, ver: SOUZA, 2008.

²⁴⁶ PEREIRA, 2019, p. 66.

Não apenas o atleta desconfiara da estratégia política de Vargas, mas críticos do regime instaurado pelo Estado Novo também se atentaram para o que estava acontecendo. Osório Borba foi um desses. O jornalista publicou na revista *Diretrizes*, passados alguns dias do retorno dos jogadores da França, que, com a composição “mestiça” da seleção brasileira, por meio do futebol, o presidente teria conseguido realizar a “unidade nacional”, vencendo, desse modo, aqueles que representavam quem Getúlio tanto combatia, os representantes das “raças superiores”, os políticos da Primeira República.²⁴⁷

A nova imagem de Leônidas, construída pelos propagandistas, não significou que a vida do jogador tenha se tornado fácil.²⁴⁸ Ainda que já considerado uma celebridade do futebol nacional, o jogador passou por algumas dificuldades, especificamente em dois casos em que as manchetes de jornais anunciavam com escândalo a vida de Leônidas fora do campo. No primeiro deles, Leônidas fora acusado de tentar roubar um relógio de luxo, e isso lhe trouxe inúmeras complicações, fazendo-o reagir com uma nota ao público advertindo que processaria o jornal *A Noite* pela matéria. O segundo foi a respeito de um atropelamento, em que Leônidas teria sido preso; no entanto, ele apenas fora dar seu depoimento sobre os acontecimentos daquela ocasião.²⁴⁹ Essas situações mostram como, apesar de ser o símbolo máximo da afamada harmonia racial e social, tão importante para a unidade da nação, o jogador, ainda convivendo com o cotidiano olhar racista, preconceito que insistia em colocá-lo no lugar de “suspeição”.

Para d’Adesky (2001), o reconhecimento inadequado do sujeito negro tem origem no racismo, que prejudica a imagem coletiva dos negros. Esse reconhecimento desapropriado evidencia que o fato de um sujeito negro alcançar certo destaque e ascensão social de forma individual não proporciona um reconhecimento universal, livre de discriminações raciais. Para que tal reconhecimento seja garantido, é preciso reparar a imagem desvalorizada do grupo por meio de ações de igualização.²⁵⁰

Leônidas aparece na narrativa de Mário Filho com mais de uma característica. No começo dos anos 1930, o autor fala sobre a relação entre a imprensa e o jogador, como não era das melhores e com certa recorrência saíam notícias de jornalistas falando mal de Leônidas. Mas o que mais chama atenção é que, nas palavras do autor, o jogador também era apresentado

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 65.

²⁴⁸ Paschoal Ambrósio Filho em seu livro “100 anos de bola, raça e paixão.” diz que era comum nos anos de 1940 o seguinte dito popular: No Brasil tem apenas três ídolos: Getúlio Vargas, Orlando Silva e Leônidas da Silva.

²⁴⁹ PEREIRA, 2019, p. 68.

²⁵⁰ D’ADESKY, 2001, p. 78.

como explosivo, como quando a torcida do América o perseguia “não deixando Leônidas em paz. Era fácil dizer não ligue, não se importe, Leônidas acabava perdendo a cabeça”.²⁵¹

O livro também narra acerca das suspeitas que recaíram sobre o jogador. Filho diz que Leônidas não era aceito no Fluminense não por causa de sua cor, mas sim por causa da história que o envolvia em um furto. “Não um Leônidas, é claro, não por causa da cor, por causa do colar”.²⁵² Não houve qualquer tipo de prova ou indício de que o jogador estivesse envolvido no sumiço do colar, mesmo assim sua vida e carreira foram perturbadas com essa história por algum tempo. É complexa a compreensão da suposição feita por Filho, de que o atleta não seria bem-vindo no clube das Laranjeiras, mas não por sua cor. Contudo toda sua narrativa reforça a ideia do Fluminense enquanto um time tradicional, um dos últimos a aderir ao profissionalismo, onde jogadores negros eram evitados.

Já na metade de sua carreira, quando atuava pelo Flamengo (1936-1941), e após a atuação na Copa do Mundo da França, Leônidas teria seu status alterado. Filho diz:

A cor ajudando Leônidas, tornando-o mais carioca e, num certo sentido, mais brasileiro. Muito mais brasileiro do que Romeu Peliciari, quase loiro, de olhos azuis. O que seria bairrismo do carioca se transformaria em patriotismo do brasileiro, do qual não escaparia o próprio paulista, que, em condições de escolher o paulista Romeu, como herói do campeonato do mundo, acabou escolhendo o carioca Leônidas.²⁵³

O bom desempenho do jogador nos clubes por onde passou, somado ao resultado da vitória na Copa Rio Branco, em 1932, e a artilharia no Mundial da França, em 1938, fizeram com que Filho, em *NFB*, a imprensa e o governo Vargas criassem a imagem de um atleta futebolista negro como símbolo da brasilidade. Filho escreve que a “CBD associou-se às homenagens a Leônidas, todo mundo só queria saber de Leônidas e de Domingos. [...] Os símbolos do futebol brasileiro.”²⁵⁴

Para finalizar a análise deste tópico, destaco como, em sua narrativa, Mário Filho está em sintonia com as ideias de que a inserção dos atletas negros significava um avanço rumo à democracia. Embora o termo “democracia racial” não apareça ao momento algum ao longo do livro, sua obra sugere, como conclusão, uma democratização do futebol e, para isso, o autor

²⁵¹ RODRIGUES FILHO, 1947.

²⁵² Ibidem, p. 213.

²⁵³ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 233.

²⁵⁴ Ibidem, p. 214.

utiliza como indícios a inserção racial e social: “o povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado”.²⁵⁵

O fechamento do livro também decreta o fim do racismo no futebol brasileiro. A narrativa de que o futebol haveria vencido as desigualdades raciais se une ao discurso da brasilidade e o torna ainda mais potente, uma vez que legitima a ideologia que universaliza a população brasileira, absorvendo as características da população negra, como já vimos, e criando um cenário de harmonia racial que não condiz com a realidade. Novamente, ao falar sobre Leônidas e Domingos, Mário Filho narra da seguinte maneira:

Nenhum jogador tinha subido tão alto quanto esses dois negros do foot-ball brasileiro. Já se sabia, porém até onde podia chegar um artista da pelota, para usar um termo que ainda sai nos jornais. Branco, mulato ou preto. Porque em foot-ball não havia o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com seus mulatos e os seus pretos. [...] Um preto marca um goal, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O goal é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco.²⁵⁶

A citação acima é um pressuposto categórico para considerar o texto de Mário Filho, em 1947, como um exemplo singular da ideologia da democracia racial. Por essa razão, é possível identificar certa influência de Freyre no tocante aos discursos produzidos por Filho ao longo do texto. A noção rudimentar na qual se define o “Freyrismo Popular” – ideia de que não existia racismo no Brasil – contudo, não pode ser atribuída à obra de Gilberto Freyre.

O sociólogo participou do movimento engajado na luta a favor da aprovação da Lei Afonso Arinos (1951), fato que por si só demonstra que Freyre tinha ciência da existência do racismo no Brasil. No entanto, o autor entende que o racismo no Brasil tem características únicas e que este estava se findando, a partir de uma lógica pacífica e gradual. Nesse sentido, entendia que a democratização seria alcançada a partir do progresso que tinha o sujeito miscigenado como chave deste processo.

Para reforçar o discurso de que no futebol não haveria mais indícios de racismo, a citação acima é acompanhada com as notas de rodapé, em que Filho traz dados para explicar sua afirmação:

Dos quatro mil cento e quarenta jogadores que passaram pelo Departamento de Assistência Social da Federação Metropolitana de Football, durante a temporada de

²⁵⁵ Ibidem, p. 70.

²⁵⁶ Ibidem, p. 293.

45, 60% eram brancos, 21% mulatos, 2,5% caboclos e 16,5% pretos. (relatório de 1945 do Departamento de Assistência Social da Federação Metropolitana de Football). Todos os sessenta e três clubes filiados com brancos, mulatos e pretos em todos os seus teans, desde o primeiro até o de juvenis.

E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha que ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais. Compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota.²⁵⁷

Resta dizer que a ideia de democracia racial, no contexto em que a análise desta pesquisa foi realizada, tem em seu cerne certa plasticidade e é utilizada por sujeitos políticos de variados campos ideológicos. Ao final da Segunda Guerra Mundial, difunde-se certa empolgação com a democracia e, no Brasil, é nesse contexto que “democracia racial” passa a figurar na vida pública. A ideia de harmonia racial tornou-se comum e foi difundida entre diferentes pensamentos. Para a ala conservadora, tal concepção significava aproximação máxima da igualdade racial dos brasileiros. Para a ala progressista, a ideia de democracia racial foi utilizada com um novo significado, usada para solicitações de direitos para alcançar igualdade racial.²⁵⁸ Mostrando assim os diferentes usos políticos da categoria. Demonstrando tal traçado, é possível identificar Mário Filho utilizando essa ideia ao meio, entre os conservadores e os progressistas, inclinado um pouco ao primeiro grupo.

²⁵⁷ RODRIGUES FILHO, 1947, p. 293.

²⁵⁸ ALBERTO, 2017, p. 247

Considerações finais

Esta pesquisa foi motivada pela assertiva feita em estudos recentes, como os de Denaldo Alchorne de Souza (2008), a respeito da construção da identidade nacional entre aos anos de 1930-1947, e os estudos de Vinicius Tonet (2019), sobre Mário Filho e sua obra. As investigações realizadas aqui, sobre como a narrativa do autor contribuem para a difusão da ideia de democracia racial, convergem com a constatação feita pelos autores mencionados. Assim como se verifica que a identidade nacional brasileira foi construída, também, a partir de elementos do esporte nacional, principalmente o futebol. O estudo demonstra ainda possibilidades instigantes para se trabalhar com a temática sobre relações raciais e formação da identidade nacional no período republicano.

Constatou-se, assim, que a narrativa criada por Mário Filho para descrever a trajetória dos jogadores negros no futebol brasileiro teve forte adesão à matriz criada pelo sociólogo Gilberto Freyre, que apareceu, ao longo da pesquisa, com forte influência no meio intelectual nas décadas de 1930, 1940, 1950. Freyre foi, com grande possibilidade, aquele com maior influência no meio intelectual que se deparou com a temática do futebol na sociedade brasileira. No entanto, diferente do que se possa supor, o autor não escreveu em sua vida uma obra grande sobre o tema. O futebol foi trabalhado apenas em introduções, prefácios de livros de outros autores, artigos para jornais e revistas, como é o caso dos documentos abordados ao longo do estudo.

Para confirmar a adesão de Filho, basta comparar o livro ao texto *Foot-ball Mulato* (1938), e fica evidente como as ideias desenvolvidas por Freyre estão no livro de Filho. Ideias como as de que o Brasil teria desenvolvido um jeito único de jogar futebol, fruto da brasilidade. Para afirmar a intertextualidade entre os autores, é suficiente remeter-se a como a ideia de apolíneos *versus* dionisíacos aparece com bastante presença em *NFB*, sobretudo no momento de adjetivar o futebol de jogadores brasileiros como dionisíacos e de europeus como apolíneos.

Compõem a narrativa de ambos os autores, as ideias de que, no futebol, à medida que os grandes clubes integrassem os jogadores negros, este esporte caminharia rumo à democratização, e que a presença destes jogadores faria com que o futebol, tanto em seus clubes, mas, sobretudo na seleção brasileira, tornaria mais legítimo e mais abasileirado. É a partir daí que nasce o mito de que o Brasil tem um jeito próprio de jogar futebol, responsável

pelas habilidades de jogadores negros. Essa narrativa contribuiu para propagandar o sentimento de nacionalidade, tão fomentado por Getúlio Vargas e suas políticas.

A pesquisa também demonstra o quão complexo e contraditório é o momento vivido no país entre os anos de 1938 e 1951. Neste contexto, a criação de uma identidade nacional que desse conta de agrupar o maior número de seguimentos populares se mostrava necessário, uma vez que o governo buscava por unidade e por dar ao Brasil uma roupagem própria, isto é, ressignificando elementos culturais e os tornando brasileiros. Verifica-se o quanto este período combateu ideias que vigoravam no Brasil durante a Primeira República.

Durante o período varguista, para além de combater as ideias que circulavam no país, foi criado um projeto político em que a identidade nacional foi difundida a partir de uma movimentação, a qual pode ser entendida como a desafricanização. Traços da cultura africana, como o samba, a capoeira e a feijoada foram apropriados para criar uma identidade brasileira plural, que abrangesse uma quantidade maior da população. Em meio a esses elementos culturais, o futebol também é envolvido pela política varguista e passa a ser marca da brasilidade que se desenvolveu a partir do sucesso de jogadores negros, como vimos no decorrer do Capítulo 3.

Por fim, é possível concluir que Mário Filho fez parte de um contexto em que eram projetadas novas perspectivas para a sociedade brasileira, pensando uma nação conectada ao cenário internacional. Mesmo com tais intenções, o *modus operandi* de escrever sua história está atravessado do que, supostamente, ele combate: as discriminações raciais.

A obra de Mário Filho cria representações estereotipadas do sujeito negro e as utiliza para criar um discurso de que o Brasil foi se democratizando a partir da inserção dos jogadores negros na seleção e nos clubes de futebol. Em suas formas de representar, o autor destaca os jogadores, de modo a especializá-los, reduzindo-os e os aproximando à forma natural. Isso acontece, principalmente, ao narrar os jogadores de forma violenta, sempre agressivos, indisciplinados e valentões. Filho também nota como as relações raciais, no Brasil, estão próximas das relações de classe e como um país que pensava em progresso precisava pensar tal problemática a partir dessas duas perspectivas.

No entanto, o que é crucial para esta pesquisa é a forma violenta simbólica no modo de representar os homens negros na sua narrativa. É elemento fundante de seu livro e não notar tal particularidade pode resultar em uma apropriação da narrativa do autor de forma parcial, sem as críticas necessárias. Espera-se que essa pesquisa trabalhe em função da compreensão de

temas tão relevantes para a historiografia brasileira, inclusive na atualidade, e que possa ser retomada em um futuro muito breve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

FREYRE, Gilberto. “**Foot-ball mulato**”. Diário de Pernambuco, 17 de junho de 1938, p.4. (Edição 143)

FREYRE, Gilberto. **O negro no foot-ball do Brasil**. In: RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Foot-ball Brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Foot-ball Brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 9 de março de 1932.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 3 de jan. de 1937, p. 1.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, p. 3, 27 de abr. de 1945.

Bibliografia:

ALBERTO, Paulina L. **Termos de Inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Ed. Unicamp, 2017, p. 161.

ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?** 1 ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018. p. 15.

AMORIM, Jeovane Aparecido de. **O GOVERNO VARGAS, UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO**. Anais do VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas SEPECH. Londrina: Eduel, 2010. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/o_governo_vargas_uma_breve_contextualizacao.pdf>. Acessado em: 15 de mai. 2020.

ANDRADE, M. C. D. (1998). **GILBERTO FREYRE E O IMPACTO DOS ANOS 30**. *Revista USP*, (38), 38-47. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i38p38-47>>. Acesso em: 23 de nov. de 2020.

BACHA, Edmar [etal.]. **130 anos: Em busca de República**. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

BATISTA, Nicolly Janine. **LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O FUTEBOL: Um estudo descritivo**. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site_api/arquivos/producao-sobre-o-futebol-tcc-nicolly-batista.pdf>. Acessado em: 10 de fev. 2020.

BISSOLI, Magno. **Caixa preta: samba e identidade nacional na era Vargas - impacto do samba na formação da identidade na sociedade industrial, 1916-1945**. 2004. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

BETTINE, Marco. **Lazer e Esporte: algumas aproximações.** Motrivivência. Ano XXV, Nº 40, P. 178-182 Jun./2013. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/334494983_Lazer_e_Esporte_algunas_aproximacoes>. Acesso em: 15 de janeiro.

CAMPOS, Walter de Oliveira. **A LEI AFONSO ARINOS E SUA REPERCUSSÃO NOS JORNAIS (1950-1952):** entre a democracia racial e o racismo velado. 2016, 157 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista: Assis, 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil.** São Paulo. Companhia das Letras: 1990

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASHMORE, Ellis (1994). **Dicionário de relações étnicas e raciais.** São Paulo: Selo Negro, 2000.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CORDEIRO, Abert A. de Souza; CARVALHO, Nazaré Cristina. **Capoeira, do crime à legalização:** Uma história de resistência da cultura popular. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.2, nº4 jan.-jun. 2013. p.68-80. Disponível em: <<file:///C:/Users/mayco/Downloads/417-Texto%20do%20artigo-981-1-10-20141127.pdf>>. Acesso em 20 de nov. de 2020.

CORREIA, Floriano Peixoto. **Grandezas e misérias do nosso futebol.** Rio de Janeiro. Flores e Mano Editores, 1933.

COUTO, André A. G. **Vargas Neto e suas crônicas:** a imprensa esportiva para além de Mário Filho. Ludopédio, 29 de maio de 2012. Seção Literatura. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/vargas-neto-esuas-cronicas-a-imprensa-esportiva-para-alem-de-mario-filho/>>. Acesso em: 04 de abr. de 2020

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo:** Racismos e Antir-racismos no Brasil. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 246 p.

DA MATTA, Roberto. **Esporte na sociedade:** um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA, Roberto (Org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DA MATTA, Roberto. **Ópio do povo ou drama de justiça social.** Novos Estudos, São Paulo. v.1, n.4, p.54-60,1982.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada:** negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo, Ed. Senac, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** *Tempo* [online]. 2007, vol.12, n.23, p.100-122. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>>. Acessado em: 25 de fev. 2019.

Fausto, Bóris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: DiFEL,1981. Vol. 10 p. 612-639.

FERNANDES, Florestan. **Heteronomia racial na sociedade de classes.** In: **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Globo, 2008. p. 299-403.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 360 p.

FRANZINI, Fábio. **Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950).** Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000.

FRANZINI, Fábio. **Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa de 1950.** *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 243-274, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GEROLDO, Nanci. **MACUNAÍMA, O MITO DAS TRÊS RAÇAS E A SOCIEDADE BRASILEIRA. BRASIL PARA TODOS - REVISTA NTERNACIONAL.** v. 7, n. 1 (2019). Disponível em: <https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais_Sem_Int_Etn_Racial/article/view/602> Acessado em: 22 de jun. 2020.

GOMES, Ângela de Castro. **“Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo”.** In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954/1093>>. Acesso em: 03 de jan. de 2021.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende e RIBEIRO, Ana Paula Alves. **Mais que feijoada e samba: notas sobre a cultura negra brasileira.** In: LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. (org.) **Antropologia e consumo: diálogos entre Brasil e Argentina.** Porto Alegre: AGE, 2006. Disponível em: <<https://issuu.com/marcelooreilly/docs/1480-anapaulaalvesribeiro-mariaalicerezendegoncalv>>. Acesso em 02 de jan. de 2021.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **“Racismo e antir-racismo no Brasil.”** 3. Ed. São Paulo: editora 34, 2019. 255 p.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **“O recém antir-racismos brasileiro: o que dizem os jornais diários”**, in: *Revista USP*. São Paulo: n° 28, dez.-jan.-fev. de 1995-1996.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça),** in: **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar.** São Carlos: n2, 2011.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **A Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 147-162, 2001.

GREGORIO, Fabricio. MELO, Beatriz Medeiros de. **Preconceito racial no esporte nacional.** Esporte e Sociedade, a.10, n.24, Mar. 2015. p.15. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/preconceito-racial-no-esporte-nacional/>> Acessado em: 03 de dez. 2019.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HELAL, Ronaldo. **80 anos do artigo Foot-ball Mulato de Gilberto Freyre: a eficácia simbólica de um mito.** Ludopédio, São Paulo, v. 112, n.18, 2018. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/80-anos-do-artigo-foot-ball-mulato-de-gilberto-freyre-a-eficacia-simbolica-de-um-mito/>> acessado em: 26 de dez. de 2020

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980.** In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. WITTER, José Sebastião (orgs.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos,** São Paulo, Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982

JESÚS, Gilmar Mascarenhas de. **FUTEBOL Y MODERNIDAD EM BRASIL: LA GEOGRAFIA HISTORICA DE UNA NOVEDAD.** Lecturas: Educación Física y Deportes. Año 3, N° 10. Buenos Aires. Mayo 1998. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd10/geo1e.htm>> Acessado em 04 de fev. de 2020.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos.** In: 10º encontro nacional de História da Mídia, 10., 2015, Porto Alegre: 2015. p. 4. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=>>> Acessado em 19 de out. 2019.

LOPES, José Sérgio Leite. **A vitória do futebol que incorporou a pelada – A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro.** Revista USP, Dossiê Futebol, n. 22, 1994.

MACHADO, Felipe Morelli. **BOLA NA REDE E O POVO NAS RUAS! ESTADO NOVO, IMPRENSA ESPORTIVA E TORCEDORES NA COPA DO MUNDO DE 1938: O FUTEBOL CONSTRUINDO A “NAÇÃO”.** Revista de História do Esporte, vol. 4, n.1, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/726>>. Acessado em: 23 jul. 2019.

MARANHAO, Tiago. **«Apolíneos e dionisíacos»: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro».** *Anál. Social* [online]. 2006, n.179, pp.435-450.

MARTINS, Estevão de Rezende. **O conhecimento Histórico como Rede Fatorial.** In: **O ofício de historiador.** Organizador Francisco Falcon. Rio de Janeiro, Revan, 2012.

MELLO, Renato. **SILÊNCIO FAZ SENTIDO**. s/d, p. 2590. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_146.pdf> Acesso em: 15 de dez. de 2020.

MIRANDA, Melina Nóbrega. **FUTEBOL E O PROJETO DE UNIDADE NACIONAL NO ESTADO NOVO (1937-1945)**. X Simpósio Internacional de processo civilizador. Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Melina_N_Miranda.pdf> Acessado em 15 de abr. de 2020.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. 3a ed. São Paulo: Ática. 1977.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora. 194 p. e 270 p

NOVAES, José. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 6, n. 1, jan./jun. 2001. p. 4.

NASCIMENTO, Débora. Continente. **MARIO FILHO, O GIGANTE HUMANISTA**. Disponível em: < <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/210/mario-filho--o-gigante-humanista>> Acesso em 10 de dez. de 2020.

OLIVEIRA, Felipe Alves de. **Nosso imperativo histórico é a luta: intelectuais negros/as insurgentes e a questão da democracia racial em São Paulo (1945-1964)**. 2020. 193 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira angola**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988. 78p.

PARANHOS, Adalberto. **Entre sambas e bambas: vozes destoantes no “Estado Novo”**. Revista de História, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 179-192, 2007.

PEREIRA, Leonardo. **Leônidas da Silva: um ídolo negro no governo de Getúlio Vargas**. In: CARLONI, Karla; FERREIRA, Jorge (org.). **A República no Brasil: Trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura**. Niterói. Eduff, 2019. Ebook. ePub.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Na CBD até o papagaio bate continência**. Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro n.5, p. 119 – 129, 1978.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. **A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões**. Revista Tempo, v. 17, n. 34. Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo, 2012.

SANTOS, Lorene dos. **Saberes e práticas em Redes de Trocas: a temática africana e afro-brasileira em questão**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2010 (Tese de Doutorado).

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. **“Um preto mais clarinho” ... ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos**. Educação e Realidade. Jul./Dez. 1997

SILVA, Camila Alexandre da. **O Samba de Getúlio: A malandragem de Wilson Baptista e o projeto nacionalista do Estado Novo.** 2016. Monografia (Curso de Publicidade e Propaganda). 108 f. Faculdade de Comunicação. Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/90312/000914838.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 10 de jan. de 2021.

SERRANO, Igor. **O racismo no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Drible de letra, 2018.

SCHWARCZ LM. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade.** In: História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial.** Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

SOARES, Antônio Jorge. **História e a invenção das tradições no campo do futebol.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146, 1999.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre.** 2003.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947).** São Paulo: Annablume, 2008, 221 p.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Pra Frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950-1983).** São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018, 319p.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. Pequena Lélia. In: **Lélia Gonzalez.** São Paulo: Selo Negro, 2010. p. 21-45.

TONET, Vinicius Garzón. **Mario Rodrigues Filho: Democracia Racial, violência e Futebol. (1919-1955).** 225 f. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

TONET, Vinicius Garzón. **Correção histórica: Mario Filho, “O negro no footpball brasileiro” e a quantidade de exemplares em circulação em 1947.** Ludopédio, São Paulo, v. 117, n. 22, 2019. Disponível em: < <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/correcao-historica-mario-filho-o-negro-no-foot-ball-brasileiro-e-a-quantidade-de-exemplares-em-circulacao-em-1947/>>. Acesso em: 08 de out. de 2020.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história.** Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016,

VELOSO, Mariza. **GILBERTO FREYRE E O HORIZONTE DO MODERNISMO.** Soc. estado., v.15, n.2, p.361-386, 2000.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

